

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Campus de Ourinhos

Weber Rodrigo de Carvalho

**Cartografia histórica do Patrimônio Natural Serra do Voturuna e a
toponímia Indígena na formação da Vila de Parnaíba.**

Ourinhos SP
2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Campus de Ourinhos

Weber Rodrigo de Carvalho

**Cartografia histórica do Patrimônio Natural Serra do Voturuna e a
toponímia Indígena na formação da Vila de Parnaíba.**

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora
para obtenção do título de Bacharel
em Geografia pela Unesp – Campus
Experimental de Ourinhos.*

Orientador:
Prof. Dr. Paulo Fernando Cirino Mourão

Ourinhos SP
2022

C331c Carvalho, Weber Rodrigo de
Cartografia histórica do Patrimônio Natural Serra do
Voturuna e a toponímia Indígena na formação da Vila de
Parnaíba. / Weber Rodrigo de Carvalho. -- Ourinhos, 2022
105 p. : il., tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos
Orientador: Paulo Fernando Cirino Mourão

1. Toponímia. 2. Paisagem. 3. Patrimônio. 4. Memória. 5.
Cartografia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Fernando Cirino Mourão (Orientador)

Profa. Dra. Luciene Cristina Risso

Prof. Dr. Márcio José Catelan

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, licença aos mais velhos e aos meus ancestrais.

Celebro nessa etapa de conclusão a minha mãe Solange e meu pai Anésio, fundamentais em todos os aspectos dessa jornada, da escolha das moradas às oportunidades oferecidas aos três filhos, fizeram e fazem o seu melhor. Agradeço minha irmã inteligentíssima Karla parceira de todo sempre, pessoa que me ensina e me acolhe, ao meu irmão carinhoso Eduardo, com quem devo parte dessa conquista, pois no período de maior desafio para a nossa família, foi ele quem deu condições para que eu seguisse em Ourinhos e completasse a faculdade, muito obrigado Eduardo.

Agradeço a minha companheira Marília, meu amor Maricha, menina do mar com quem me afogo e emergo compartilhando a vida, a casa e dois seres fantásticos. Nos últimos anos fomos testados e sabemos da força que precisa para concluir um Tcc, com uma pandemia e duas gestações. Uma jornada construída no diálogo e que agora conta com nossos amigos Ravi e Kairú.

Agradeço aos mestres que passaram pela minha jornada e foram fundamentais para meu amadurecimento político, a Professora Rosiméia Pinheiros, o Professor Nélon e meu grande mestre Ingo Tietze, quem me possibilitou ser geografia, a esses seres que abriram caminhos e ensinaram a caminhar, minha eterna gratidão.

Agradeço a cada professor da Unesp ourinhos e com um sentimento de ter estabelecido pontos de diálogos, onde cada disciplina e cada professor contribuiu ao final com a minha pesquisa, em especial as professoras Andreia e Carla por sempre abrirem portas, a professora Fabiana com quem criei parcerias para além da Faculdade, ao professor Luciano, Clerisnaldo, Amir, Ednéia, Piroli, Marcelo, Terezinha, Franciele, Donizete e a minha querida professora Cris. Agradeço ainda a professora Luciene Risso por participar da banca e contribuir com o seu olhar sensível sobre a paisagem e também ao professor Márcio Castelan que no pouco

tempo de convívio desperta admirações, um especial agradecimento ao meu cúmplice e companheiro, o meu orientador Paulo Cirino.

Este trabalho é resultado de muitas mãos e suas marcas estão em cada página, o objetivo sempre esteve em falar de si e com a geografia o exercício foi falar de onde, falei do Ato, da Sufrutoverdeus, da Mística, e principalmente a Dramaturgia Rural, rede que foi tecida aos poucos e ao longo do tempo, uma rede de lugares interligados pelas práticas decoloniais.

Agradeço a cada entrevistado, pessoas de grande sabedoria e que me trataram com a familiaridade característica do Parnaibano, todos esses atravessaram a minha pesquisa e durante toda essa investigação foram a escala do lugar. Por fim, reverenciar aos povos originários, que nos ensinam em cada canto um outro modo de interpretar a terra. Aos meus ancestrais Kaingang com quem me deparei em inúmeros momentos, e a toda a UNESP, professores e funcionários que junto da cidade de Ourinhos, representam um momento especial da minha vida!!!

Despedida dói, dói, dói, despedida dói. Quem não disse que não dói?

*“Me contaram que aqui havia ouro de
lavar
No Morro do Voturuna de Pirapora à
Parnaíba”
Conto da Mãe D’ouro – Weber Carvalho*

RESUMO

O presente trabalho investigou os documentos de patrimonialização da Serra do Voturuna, localizada na cidade de Santana de Parnaíba - São Paulo. Durante o estudo foram analisados outros documentos de bens materiais e imateriais tombados e registrados pelo CONDHEPHAAT e/ou IPHAN no entorno da Serra do Voturuna, o que acabou evidenciando memórias indígenas e negras invisibilizadas durante os processos de patrimonialização. A Toponímia Ibituruna/Bituruna/Voturuna, comumente classificada como um geomorfotopônimo foi muito utilizada no Brasil Colônia para nomear diferentes fronteiras do período Ibérico. Através da cartografia histórica analisada, o resultado dessa pesquisa mostrou que para além das características do relevo, essa Toponímia também pode ser classificada como um etnotopônimo, utilizada para nomear Redução Jesuítica, Arraial, Fazendas e Capelas, diferentes lugares que sugerem movimentos migratórios durante a colonização portuguesa. Ancestrais dos Kaingangs, Xokleng e Laklãnõ, os povos Bituruna.

PALAVRAS-CHAVE: toponímia; paisagem; patrimônio; memória; cartografia

RESUMEN

El presente trabajo investigó los documentos patrimoniales de la Serra do Voturuna, situada en la ciudad de Santana de Parnaíba - São Paulo. Durante el estudio, fueron analizados otros documentos de bienes tangibles e intangibles listados y registrados por CONDHEPHAAT y/o IPHAN en el entorno de la Serra do Voturuna, que terminaron evidenciando memorias indígenas y negras invisibilizadas durante los procesos de patrimonialización. La Toponimia Ibituruna/Bituruna/Voturuna, comúnmente clasificada como un geomorfotopónimo, fue ampliamente utilizada en el Brasil Colonial para nombrar diferentes fronteras del período ibérico. A través de la cartografía histórica analizada, el resultado de esta investigación arrojó que además de las características del relieve, esta Toponimia también puede clasificarse como un etnotopónimo, utilizado para denominar a la Reducción Jesuítica, Arraial, Haciendas y Capillas, diferentes lugares que sugieren zonas migratorias. movimientos durante la colonización portuguesa. Ancestros de los Kaingangs, Xokleng y Laklãnõ, los pueblos Bituruna.

PALABRAS-CLAVE: toponimia; paisaje; patrimonio; memoria; cartografía

ABSTRACT

The present work investigated the heritage documents of Serra do Voturuna, located in the city of Santana de Parnaíba - São Paulo. During the study, other documents of tangible and intangible assets listed and registered by CONDHEPHAAT and/or IPHAN in the surroundings of Serra do Voturuna were analyzed, which ended up showing indigenous and black memories that were invisible during the patrimonialization processes. The Toponymy Ibituruna/Bituruna/Voturuna, commonly classified as a geomorphotoponym, was widely used in Colonial Brazil to name different borders of the Iberian period. Through the historical cartography analyzed, the result of this research showed that in addition to the characteristics of the relief, this Toponymy can also be classified as an ethnotoponym, applied to name the Jesuit Reduction, Arraial, Farms and Chapels, different places that suggest migratory movements during the Portuguese colonization. Ancestors of the Kaingangs, Xokleng and Laklãnõ, the Bituruna peoples.

KEYWORDS: toponymy; landscape; patrimony; memory; cartography

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. METODOLOGIA.....	15
3. Do uso dos recursos da Serra à fundação da Vila de Parnaíba	17
3.1 Caracterização da Serra do Voturuna e seu tombamento.....	18
3.2 A vila de Parnaíba e seus patrimônios coloniais	29
3.3 O complexo paisagístico Serra do Voturuna	44
3.4 Lugares de memória do complexo paisagístico Serra do Voturuna 1 – Serra do Voturuna – Patrimônio Natural	46
3.5 Moradores antigos da Serra do Voturuna.....	65
3.6 Glossário das Narrativas e dos moradores antigos da Serra do Voturuna	68
4. Cartografia histórica e a toponímia Indígena Ibituruna/Bituruna/Voturuna	80
4.1 O uso da toponímia indígena Ibituruna/Bituruna/Voturuna na Cartografia jesuítica.....	81
4.2 Fichas Lexicográficas da toponímia: Ibituruna/Biturua/Voturuna.....	92
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	101

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Serra do Voturuna e dois lados, duas realidades.

Figura II: A toponímia Bituruna no mapa Etno-histórico de Curt – IPHAN.

LISTA DE TABELAS

Tabela I: Volume da atividade de mineração na Serra do Voturuna.

Tabela II: Distribuição dos indígenas na produção de trigo por sexo, idade e tamanho de posse Santana de Parnaíba 1628-1682

LISTA DE MAPAS

Mapa I: As redes de drenagem da sub-bacia Ribeirão de Santo André.

Mapa II: Patrimônios Materiais e Imateriais no entorno do Patrimônio Natural Serra do Voturuna – Santana de Parnaíba – São Paulo.

Mapa III: A Toponímia Ibituruna/Bituruna/Voturuna na Bacia do Paraná.

Mapa IV: A Toponímia Ibituruna/Bituruna/Voturuna no território brasileiro.

Mapa V: As bandeiras Parnaibanas e o apressamento dos povos Biturunas.

LISTA DE FICHAS

Ficha I: São Miguel do Ibituruna – Guairá.

Ficha II: Serra do Voturuna – Santana de Parnaíba – São Paulo.

Ficha III: Ibituruna – Minas Gerais.

Ficha IV: Bituruna – Paraná.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937 a 1946)

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

1. INTRODUÇÃO

Minha trajetória com a Serra do Voturuna localizada entre as cidades Santana de Parnaíba, Araçariguama e Pirapora do Bom Jesus, região metropolitana de SP se dá como abrigo, habitação e identidade. Inicialmente sem essas conceituações, mas presentes desde o início de minha jornada. Minha família toda vive em torno da Serra, mas não faz parte das tradicionais famílias da cidade, migraram do Paraná em busca de oportunidades.

Durante toda adolescência e juventude vivi na Serra e aos poucos fui descobrindo seus contos e suas histórias, com o desejo em popularizar a Serra do Voturuna e sensibilizar o poder público e a sociedade para a necessidade de preservação da Serra, criei a Associação Sufrutoverdeus no ano 2004.

Transitando entre artistas tradicionais e contemporâneos, atuei na elaboração e coordenação do programa de difusão da arte paulista “Parnaíba Festival” nas edições de 2010/2011 realizado pela Prefeitura Municipal. Os artistas utilizavam os patrimônios imateriais como elemento de uma produção artística inédita, o processo era acompanhado por mestres e produtores culturais que os auxiliavam no desenvolvimento e produção dos artistas. No poder público atuei como coordenador de projetos para a Juventude, alguns deles ainda hoje são um marco do movimento cultural da cidade.

Em 2012 criei o Movimento de Dramaturgia Rural em Santana de Parnaíba, grupo teatral que cria seus espetáculos a partir das fábulas regionais e lendas de origem, uma pesquisa local que foi aos poucos redescobrendo contos e lendas rurais, marginais e periféricas que em diferentes escalas remontam a identidade brasileira.

Em 2013 realizei residência artística na África do Sul, Tanzânia, Tailândia, Laos, Vietnã, Egito, Índia, e em 2017 e 2018 na Argentina e no Chile, a convite de grupos de Teatro do Oprimido, locais que me auxiliavam na pesquisa de contos de origem por meio da oficina de Teatro do Oprimido e Dramaturgia Rural.

Ainda em 2016 criei o Cursinho da Mística no espaço do Movimento de Dramaturgia Rural curso preparatório para a universidade composto por professores artistas que fizeram a experiência entre educação e arte, o que auxiliou muitos jovens a ingressarem no ensino superior.

Motivado pela experiência do “Cursinho da Mística” e com o objetivo de me aprofundar ainda mais nos estudos da paisagem e do lugar, em 2017 iniciei a

graduação em Licenciatura e Bacharelado de Geografia pela UNESP - Campus de Ourinhos. Em Junho de 2017, aconteceu o primeiro encontro denominado “Encontro de Teatro do Oprimido, Dramaturgia Rural e Outras Poéticas da Educação”. A partir deste encontro, junto a outros estudantes da UNESP Campus de Ourinhos foi criado o grupo Cartografia Latino Americana de Teatro - CALATE sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Fernando Cirino Mourão, atuando dentro do Laboratório de Geografia Humana — LAGHU. O grupo iniciou suas atividades estudando o conceito de Território e por meio de oficinas e apresentações, procurou a aproximação com a população local, utilizando o teatro e o audiovisual como abordagem lúdica para o estudo desse importante conceito para a Ciência Geográfica.

Em 2018 o Movimento de Dramaturgia Rural é reconhecido e premiado como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura, pela trajetória e relevância de seus projetos. Iniciei em 2019 as primeiras experiências com o registro audiovisual das histórias e depoimentos, o primeiro trabalho realizado foi “Mãe Douro”, e em 2021 realizei o curso de Direção de Fotografia pela Academia Internacional de Cinema. A cidade de Ourinhos passa a ser tema dos documentários, em destaque para “Oleiros e Olarias de seis a oito furos” (2021), selecionado e exibido no XVIII Encontro de Geografia da América Latina.

No audiovisual ainda dirigi a fotografia do curta-metragem “Noite na Taberna com os simbolistas” (2021) e “Dramaturgia conta A Fábula das Fábulas” (2021) ambos financiados pela lei Aldir Blanc em 2021.

O Movimento de Dramaturgia Rural possui dois núcleos de pesquisa, um na cidade de Santana de Parnaíba localizado no final da região metropolitana de SP e outro na cidade de Ourinhos no Oeste do Estado, sendo ele um coletivo que pesquisa cultura popular do estado de São Paulo. As produções teatrais, audiovisual e as pesquisas científicas do Movimento têm como base a cultura popular do estado de São Paulo, por isso a atuação no interior, local de origem da maioria dessas manifestações.

Nesse período fiz parte do grupo de Patrimônio Imaterial CAIU na REDE é SAMBA Orientado pela Profa. Dra. Fabiana Lopes da Cunha. Participei ainda dos programas PIBID e Residência Pedagógica onde atuei com intervenções nas aulas de geografia nas escolas públicas da rede de ensino da cidade de Ourinhos. No período da graduação participei de 4 edições do Congresso de Iniciação Científica

da Unesp - C IC, em 3 dessas participações fui selecionado para a Segunda Fase do Congresso.

A graduação em Geografia pela UNESP me possibilitou uma plataforma de acessos e trocas, adquirir ensinamentos e técnicas de análise para compreender a formação socioespacial da antiga Vila de Parnaíba.

Em minha graduação pude publicar parte dessa pesquisa nos últimos 3 anos, o que possibilitou o contato com outros professores que me impulsionaram a aprofundar a pesquisa ainda mais no tema escolhido.

A geografia e todo estudo da Cartografia histórica nos revela topônimos onde os aspectos linguísticos e étnico e geográfico apresentam as características de tempo e espaço. Se tratando de um território colonizado, as estratégias e o uso da toponímia podem representar diferentes faces na formação socioespacial dos países colonizados.

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (DICK, 1990, p. 19)

O estudo da toponímia indígena Ybituruna/Bitutuna/Ibituruna nos patrimônios de Santana de Parnaíba, para além da tradução ao português como Terra preta ou morro negro é também utilizado para designar uma população pré colonização e nomear lugares de domínio Jesuíticos. Acompanhado do estudo da toponímia, o surgimento de lugares com essa nomenclatura revela uma rede de lugares que podemos encontrar na cartografia histórica analisada e representada na cartografia produzida durante a pesquisa.

Como objetivo geral a pesquisa buscou analisar as políticas de salvaguarda do Patrimônio Natural Serra do Voturuna, por meio da sua documentação de patrimonialização. E como objetivo específico, propor políticas que integrem os patrimônios para que possam no futuro auxiliar em novas pesquisas. Foi elaborada uma bibliografia sobre a Serra, o catálogo dos bens patrimonializados, as fichas lexicográficas e uma cartografia elaborada para a pesquisa.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi dividido em três etapas, e cada etapa procurou articular os documentos da bibliografia, com as narrativas dos moradores mais velhos da Serra, criando pontes entre os diferentes saberes; podendo ao mesmo tempo em que observa, ser observado e compreender isso durante a pesquisa foi um dos objetivos na metodologia, as etapas apresentam o amadurecimento e os contornos do uso dessas ferramentas.

Assim da primeira etapa para a segunda temos uma complementação dos estudos, e a terceira etapa é feito um exercício de escala e nesse sentido é a etapa que sintetiza todo o trabalho. A seguir as etapas e seus procedimentos.

1ª ETAPA - A pesquisa é iniciada por uma ampla revisão na literatura sobre o histórico de Santana de Parnaíba, fundada em período colonial possui documentação e uma bibliografia extensa, junto a essa documentação histórica da cidade foi realizada a caracterização física da Serra, sendo constatado que a própria bibliografia analisada aponta essas características como condicionantes para a mineração, o relevo e seus recursos hídricos propiciaram a segurança de uma fortaleza para um empreendimento arrojado no período colonial. A serra merece destaque nesse modelo de ocupação e a ela e a suas atividades as motivações e ocupação da serra por parte de mineradores portugueses e espanhóis.

Concomitante à revisão literária foram realizadas entrevistas com os moradores mais velhos da Serra do Voturuna. As entrevistas serviram para orientar quanto a outros acontecimentos históricos e a memória viva que não é registrada pela historiografia. Assim localizamos as demandas da população pelo tombamento e a sua publicidade e implicação no cotidiano da Serra. Como forma de organizar o material analisado foram geradas fichas dos bens patrimonializados em torno da Serra utilizando os registros e tombamentos do CONDEPHAAT E IPHAN.

2ª ETAPA - O estudo do léxico apresenta a palavra e o seu falante com toda sua visão de mundo, essa ciência classifica como Onomástica o estudo do nome próprio e nome dos lugares, sendo a toponímia quem investiga a etimologia e as mudanças linguísticas do léxico ao longo do tempo. (DICK, 1990).

Ao analisarmos o nome indígena desses patrimônios e o grande número de bens patrimonializados no entorno da Serra do Voturuna. Esse e outros patrimônios rurais têm em seu tombamento ou registro a presença indígena por meio da toponímia. As fichas lexicográficas da toponímia Ibituruna/Biturua/Voturuna que surgem do cruzamento entre a bibliografia das moções Jesuítas em específico São Miguel do Ibituruna, outras localidades surgem nos movimentos migratórios dos Biturunas, que reaparece com a fundação da cidade Mineira de Ibituruna e no estado do Paraná outra cidade nomeada como Bituruna.

O ato de nomearmos os lugares, caracteriza quem o territorializa, os estudos referentes aos topônimos brasileiros nos ajuda a compreender esse modelo de ocupação no Brasil colônia e as motivações de ordem física e cultural dessa ocupação. O estudo dos topônimos das cidades analisadas carregam camadas a serem desveladas e estabelecem a correlação entre o “nome” dos acidentes e o “ambiente” em que ele se acha inscrito (DICK, pag 311).

3ª ETAPA - Para facilitar a compreensão dos movimentos migratórios foi elaborado um conjunto de mapas representando esses fluxos migratórios e o período em que ocorreram. O estudo avança até seus limites de análise, mas cabe um aprofundamento e mais embasamento teórico quanto à importância e consequência desses movimentos migratórios e essas toponímias ao elaborar diferentes mapas que trazem a periodização e trajetos desses movimentos migratórios.

3. Do uso dos recursos da Serra à fundação da Vila de Parnaíba

No primeiro capítulo conto a história do lugar, a conexão com a fundação da cidade e para isso recorro às complexidades das atividades mineralógicas da Serra e como o uso desse e de outros recursos naturais foram fundamentais para a escolha da Serra, o que ocasionou a fixação e a criação da Vila de Parnaíba no Brasil Colônia. Neste capítulo permeamos entre as relações que se iniciam com a Aldeia de Barueri e se estende por todo interior do sertão desconhecido. As guerras justas e o apressamento da população indígena tiveram no conjunto agropastori I, criado pelo Padre Guilherme Pompeu de Almeida, um modelo que se repetiria em toda área de alcance do Padre Jesuíta. O capítulo se encerra com o presente desses lugares e dessa mineração, a importância dessas paisagens e patrimônios para o imaginário nacional, onde os litígios de terra atestam as disputa entre portugueses e espanhóis, colonos e padres, indígenas e atualmente entre munícipes e locais.

3.1 Caracterização da Serra do Voturuna e seu tombamento

A ocupação é ancestral e remonta muito mais que os 12 mil anos de ocupação, sugeridos pela arqueologia, mas a história que conhecemos da Serra do Voturuna tem seu marco na descoberta do Ouro com as expedições mineralógicas de Afonso Sardinha e depois com Clemente Alvarez

o que motivou a criação da Vila de Parnaíba em 1625, terceira vila no Planalto Paulista, atual município de Santana de Parnaíba.

A Serra do Voturuna atualmente está dividida entre três cidades: Pirapora do Bom Jesus, Araçatiguama e Santana de Parnaíba. Inserida na região metropolitana de São Paulo, fornece importantes informações das estruturas geomorfológicas do Planalto Atlântico Paulista. O Rio Tietê se encaixa às estruturas e apresenta certa sinuosidade - no seu curso d'água. Alguns desses desníveis estão encobertos por águas em virtude da barragem construída na antiga Cachoeira Garganta do Inferno, no passado foi a região da cachoeira onde se formaram povoamentos. No século XIX, na cachoeira foi construída a Usina Edgard de Souza com o objetivo da geração de energia elétrica no seu leito. (DELTONI, 2008).

A Serra do Voturuna, conta com uma área protegida e faz parte do comitê hidrográfico Alto Tietê, que possui uma área de drenagem de 5.775,12 km² para uma população de 20.954.990 habitantes. Os principais rios que abastecem essa bacia são Tietê, Paraitinga, Biritiba Mirim, Jundiaí, Guaió, Jurubatuba, Embu Guaçu, Embu Mirim, Cotia, Juqueri, Pinheiros, Tamanduateí e Aricanduva, rios importantes e todos com toponímias indígenas o que demonstra a ocupação por parte dos povos indígenas antes da ocupação pelo colono português, esses rios por onde circulavam os povos indígenas seriam incorporados ao sistema hidroviário que foi utilizado no início da ocupação do território. A prefeitura de Santana de Parnaíba integrou em um sistema de Planejamento e Monitoramento do Território a Proteção Ambiental do Voturuna e Manancial Santo André. Uma fronteira natural entre os municípios, mas é na cidade de Santana de Parnaíba entre as Serras do Itaqui e Serra do Voturuna que temos o maior reservatório o manancial da região é fundamental para a bacia do Alto Tietê o manancial de Santo André.

Ainda que proposta a política de preservação procure preservar a Serra as atividades mineralógicas prejudicam as nascentes e impulsionados pela falta de política de saneamento da cidade de Pirapora do Bom Jesus e Araçariguama acaba por comprometer a qualidade da água e a própria preservação da Serra do Voturuna.

Nas primeiras expedições rumo ao interior do Rio Tietê, as cachoeiras representavam um obstáculo para a navegação. De acordo com os relatos históricos, os indígenas denominavam os trechos encachoeirados do Tietê como Parnaíba, ou seja, lugar onde não se pode navegar. Porém, há diversos significados para esse termo indígena do Tupi. Logo, dois significados merecem destaque: lugar de muitas ilhas, que se refere às ilhas graníticas do Tietê; e *“rio ruim ou impraticável”, devido à dificuldade de navegar na região* (CAMARGO, 1971). O primeiro trecho encachoeirado do Tietê estava justamente, onde seria a Vila de Parnaíba.

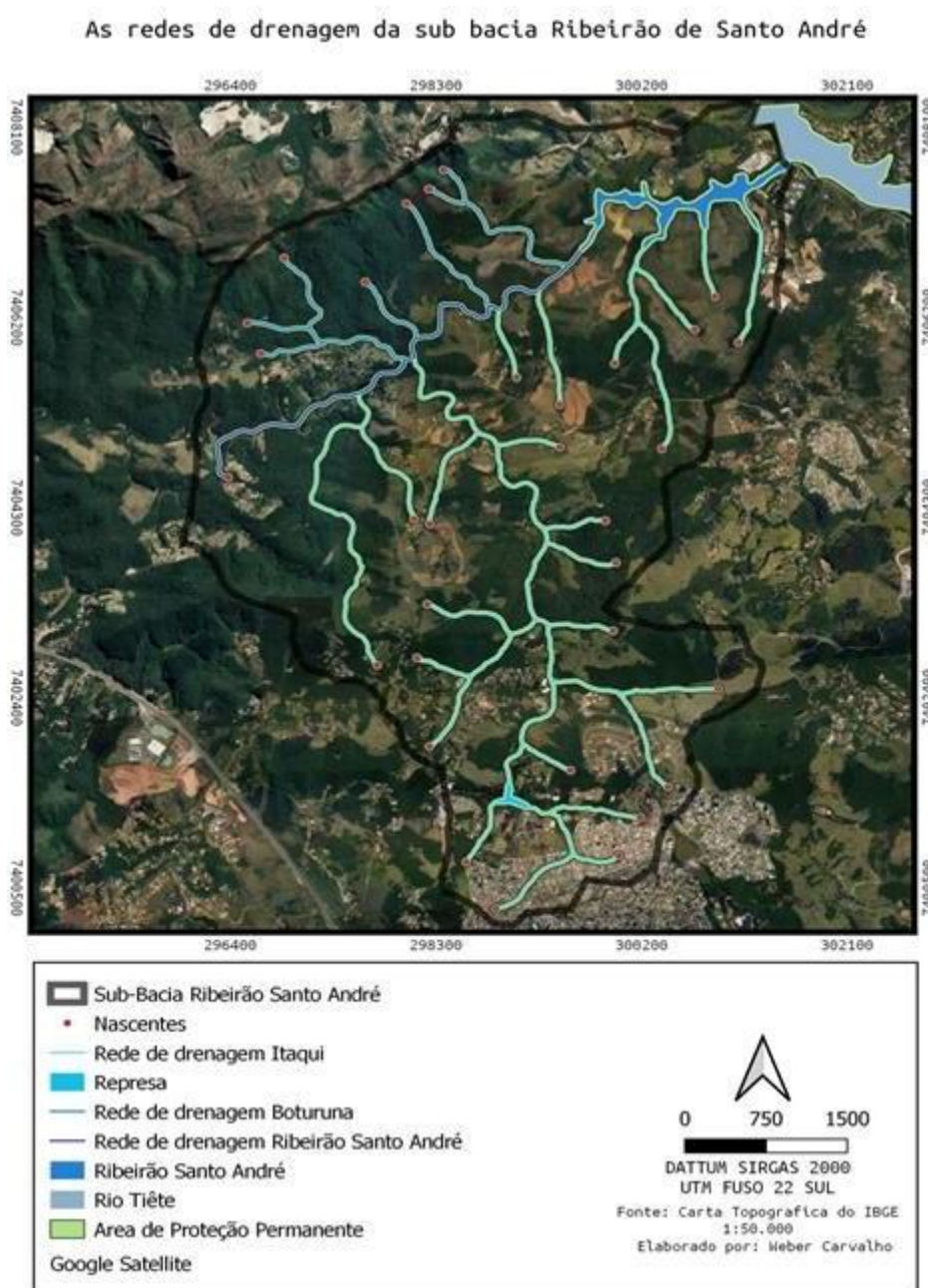
De acordo com a classificação proposta por AB'SABER (2003), a Serra do Voturuna localiza-se no Domínio Morfoclimático dos Mares de Morros, caracterizado pelo Planalto Paulista acompanhado da atuação de sistemas atmosféricos de forma geral, o relevo e o clima também condicionam a fitofisionomia predominante neste domínio, o que constitui, mais amplamente, uma cobertura vegetal de Mata Atlântica.

Há ocorrência de algumas espécies típicas do cerrado, sobretudo, nas áreas onde o solo possui o embasamento quartzítico. Em relação à estrutura litológica, Santana de Parnaíba predominam as litologias do Pré-Cambriano, caracterizado por rochas antigas e submetidas a distintos ciclos de dobramentos, que permitiu a denominação como Região de Dobramento do Sudeste, sobre o Sistema de Dobramento de São Roque, mais especificamente, no Bloco São Roque (ALMEIDA, 1976).

O Boturuna se aproxima mais propriamente do esquema da Serra do Japí do que do modelo do Jaraguá e Saboão. Enquanto tais acidentes se destacam como verdadeiros picos isolados e bizarros (1100m) no entremeio de morros acidentados mais baixos e menos íngremes (700-850m), o Boturuna possui cimeiras semi-onduladas que lhe dão o aspecto de uma serrinha maciça, variando de feições conforme o ponto de vista em que o observador se postar. (CONDEPHAAT, p. 21, 1982).

O que resulta em um clima com influência de diferentes sistemas extratropicais e intertropicais, com destaque para a atuação de três sistemas atmosféricos: a Massa Polar Atlântica (MPA), a Massa Tropical Atlântica (MTA) e a Massa Tropical Continental (MTC). A MPA, que dinamiza processos na Frente Polar Atlântico (FPA), influenciando nas chuvas que ocorrem na região durante o verão. é uma tendência na região. As chuvas são mais comuns entre os meses de Dezembro a Março quando comparado a precipitação nos meses seguintes com um menor regime de precipitação. O que influencia nos aspectos físicos do solo como a textura, a estrutura, a plasticidade, o grau de coesão de suas partículas.

Mapa I: As redes de drenagem da sub-bacia Ribeirão de Santo André



Os solos bem drenados, porosos e profundos com o horizonte B formado de Latossólico, que caracteriza uma distribuição homogênea de argila no perfil (mais argilosos), possuem baixa erodibilidade. São solos que ocorrem nos relevos que variam de ondulado a suave-ondulado.

No mapeamento dos solos do Estado de São Paulo realizado pela EMBRAPA (1999) identificou-se na região, de forma generalista, como Argissolo Vermelho Amarelo (PVA-42). Essa nomenclatura confere a esse tipo de solo, o caráter distrófico com textura argilosa que cria uma paisagem com um relevo ondulado e montanhoso.

A característica montanhosa e escarpada que a Serra apresenta, segundo Ross e Moroz 1997, associam-se aos Cambissolos Háplicos distróficos de textura argilosa com, principalmente os seguintes solos: Cambissolos; Podzólicos (Argissolos) Vermelho Amarelos com textura média arenosa; Latossolos Vermelho Amarelo com textura média arenosa e; Areias Quartzosas (Neossolos Quartzarênicos).

Figura I: Serra do Voturuna e dois lados, duas realidades.



Fonte: Instituto SufrutuverdeUS

Fonte: Instituto SufrutoverdeUS

A antiga atividade de mineração acaba gerando o maior impacto à Serra do Voturuna, já que descaracteriza a sua própria paisagem, essa que é marcada pelo contraste entre a área com Mata Atlântica localizada nos municípios de Santana de Parnaíba e Araçariguama que garantem os aspectos de beleza e o outro lado da Serra em Pirapora do Bom Jesus onde temos uma paisagem desértica criada pela mineração do calcário.

As mineradoras se encontram na área de amortecimento definida pelo tombamento da Serra, mas alguns dos pontos estão dentro dessas mineradoras, o que acaba sendo curioso, já que a adoção das mineradoras na área tombada é um risco quando consideramos o longo período de extração e o resultado de suas atividades, mas quanto ao aspecto histórico se trata da atividade pelo qual a região seria ocupada e se tornaria Vila

Tabela I: Volume da atividade de mineração na Serra do Voturuna.

Volume da atividade de mineração na Serra do Voturuna		
Setor	Substância Mineral	Volume(m)
Cava A	Quartzito, Quartzito Filito	2.618.554
Cava B	Quartzito Filito e Filito	831.049
Cava C	Quartzito, Quartzito Filito	67.255
Reserva A	Quartzito Filito	2.050.541
Reserva B	Filito	446.600
Reserva Total medida/indicada		6.013.999

Fonte: UNWELT, 2001.

Fonte: UNWELT, 2001

A área onde o ouro era extraído fica na região de Araçariguama, as minas de Ouro se encontram fechadas, mas podem ser visitadas. Nessa região ficava a fazenda Voturuna, e dentro dela a Capela Nossa Senhora da Conceição do Ibituruna. As mineradoras seguem em atividades, mas diferente do ouro do passado, observamos na tabela as substâncias minerais e o volume da sua mineração já no século XXI:

Sua riqueza mineral indica que a atividade está muito longe do seu esgotamento, o quartzito é a substância mineral que mais interessa às mineradoras, o funcionamento dessas empresas acontece dentro da área tombada pelo CONDEPHAAT, neste aspecto o tombamento se mostra insuficiente para frear a mineração e proteger a Serra dessas atividades e suas consequências para a paisagem.

No momento, mineradores clandestinos estão retirando de alguns setores da - Serra produtos de origem mineral, tais como pirofilitos, com fortíssima ação de desfiguramento nos altos níveis de maciço serrano do Boturuna. Partindo da exploração do topo do morro para suas altas encostas rochosas - sem planificação racional de colocação de descarte dos rejeitos, as companhias de mineração que ali operam ilegal e predatoriamente Mineração Dois Irmãos e Mineração Mar Paulista entre outras], estão contribuindo para rápido lesionamento de enorme faixa dos solos florestados de um dos bordos da Serra do Boturuna. (CONDEPHAAT, p. 3, 1982).

Durante o tombamento foi constatado que a política de ordenamento territorial de cada município acaba dando efeitos diferentes ao tombamento, as liberações às mineradoras antecedem o tombamento, neste sentido ele é nulo quanto a mineração que acontece na Serra. Sendo assim, o projeto de salvaguarda ainda que considere uma ação integrada entre as cidades, as mineradoras e os moradores como proposto no tombamento do CONDEPHAAT, sua aplicabilidade depende de um entusiasmo político regional da Serra.

Essa compreensão é vista no estudo de Aziz Ab'Saber, que já previa a criação de um conselho de moradores e um comitê intermunicipal para a gestão do Patrimônio Natural, algo que nunca aconteceu, e mediante às diferentes políticas dos zoneamentos municipais essa ação integrada nunca se tornará prioridade na política pública de preservação da área. Com essa variabilidade da política ambiental no entorno da Serra, cada município atua apenas em seu território, quando atuam, já que a falta de fiscalização impacta de maneira diferente no uso e ocupação da Serra.

São Paulo foi o berço da produção aurífera e da siderurgia no Brasil, principalmente pelas lavras do Jaraguá, Voturuna e Ribeira de Iguape, além da primeira fábrica de ferro de São João de Ipanema, o que dentre outros fatores, permitiu fixação das primeiras vilas e províncias brasileiras, como é o caso de São Vicente, Santos e São Paulo. Partiram dali as bandeiras paulistas na conquista do sertão brasileiro, o que acarretou a descoberta das Minas Gerais, proporcionando para a coroa portuguesa uma produção que atingiu no auge mais de 15 toneladas de ouro, por volta do ano de 1750. (TERRÆDIDATICA p. 66, 2013).

Junto com a antiga mineração, o primeiro povoamento os Portugueses buscavam pelo ouro ou prata e a descoberta segundo a carta de Braz Cubas, ele estava a 30 léguas de Santos e Afonso Sardinha, e seu filho de mesmo nome, foram os que tiveram a glória de descobrir ouro de lavagem nas *“Serras Jaguámimbába e de Jaraguá (em S. Paulo) na de Ivuturuna (em Parnahiba) e Birácoyaba (no sertão do Rio Sorocaba) ouro, prata, e ferro, pelos annos de 1597.”* (Leme 1772, apud. TERRÆDIDATICA 2013).

É importante considerar a participação dos moradores para a proteção da Serra do Voturuna. Diferentes movimentos foram realizados neste sentido, como o Instituto Sufrutoverdeus que iniciou seus trabalhos sensibilizando os moradores da cidade, alguns avanços e a inserção da questão ambiental em movimentos artísticos da cidade demonstra o interesse da sociedade civil, mas a falta de um conselho de moradores, previsto no tombamento, uma política intermunicipal entre os municípios da Serra e as mineradoras, são os principais obstáculos do objetivo com o tombamento da Serra.

Artigo 11 - Nesse Ato de Tombamento fica prevista a criação de um "Conselho de Moradores" e de uma "Comissão" inter-órgãos - públicos para controle da organização do espaço, ordenação dos acessos e revisão periódica da conjuntura da preservação da natureza, na região da Serra do Boturuna. Artigo 12 - Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado autorizado a inscrever no Livro do Tombo competente a área em referência para os devidos efeitos legais. Artigo 13 - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação. (SECRETARIA DA CULTURA, AGOSTO de 1983).

A responsabilidade da proteção da Serra do Voturuna é do CONDEPHAAT, mesmo considerando o baixo interesse dos moradores na formação do conselho, a falta de um plano para a preservação da reserva da Mata Atlântica e suas paisagens.

A região ainda possui conjunto de chácaras de alto padrão que se desenvolveu em torno da Serra, os Condomínios São Michel, Voturuna e Ecoville, no passado eram fazendas importantes que foram se tornando empreendimentos imobiliários que trouxeram para próximo da Serra o carácter de veraneio europeu, a valorização da área e os serviços de infraestrutura atraíram moradores ilustres de parentesco com as famílias tradicionais de São Paulo. Doba Betty F. Capisano, responsável pelo pedido de tombamento da Serra? Foi uma das proprietárias dessas chácaras e liderou o movimento pela preservação ambiental da Serra, “Os moradores serão os principais interessados em garantir a prosperidade da moldura paisagística e ecológica. Na verdade os moradores das chácaras transformaram-se em principais entusiastas da preservação de um conjunto integrado da natureza da serra regional”.

Talvez aqui podemos por meio do próprio estudo de tombamento apontar um equívoco de Aziz em considerar apenas a dona da chácara como moradora. O outro morador é o caseiro presente no cotidiano da serra, enquanto a dona é só, moradora de alguns finais de semana.

Nos, abaixo-assinados, proprietários e residentes no município de Santana do Parnaíba, nos arredores da Serra do Boturuna (habitualmente chamada de Voturuna), vimos, muito respeitosamente, a presença desse Conselho, a fim de solicitar tombamento da serra, florestas e aguadas e elas vinculadas, - em face de se tratar de sítio de grande valor paisagístico e importância como área natural remanescente. (CONDEPHAAT, p. 2, 1983).

O morador trabalhador que se fixou no local não participou do processo de tombamento da Serra, ainda que o proprietário das terras tenha se beneficiando com a patrimonialização da Serra do Boturuna.

Ninguém será prejudicado pelo seu tombamento, já que as áreas loteadas a partir dos patamares baixos e piemontes, tendem a funcionar como um cinturão de áreas residenciais de alto nível, em que os moradores serão os principais interessados em garantir a moldura paisagística e ecológica. (CONDEPHAAT, p. 24, 1983).

Na prática se mostrou um equívoco já que a valorização provocada pelo próprio tombamento contribui para a criação de novos condomínios de luxo. As altas mudanças nesse tipo de posto de trabalho e seu caráter migratório na ocupação enfraqueceu até mesmo a memória desse movimento de preservação da Serra, muitos caseiros partiam novamente em busca de outras chácaras e oportunidades de trabalho, alguns estabeleciam com os proprietários uma troca econômica, onde parte do pagamento dos serviços nas fazendas estava nas trocas por parcelas da terra cuidada.

Os proprietários impedidos de comercializar legalmente porções de suas terras se utilizavam da lei de usucapião para ceder parte de suas propriedades. Em síntese, o dono da terra, oferece em troca de serviços por determinado período, porções da área, em outras situações se realizava a compra de terrenos com contratos sem valor de cartório, com a promessa da realização de um inventário, o que nunca aconteceu. Aquele que compra o terreno fica por ali pelo tempo que garante a posse por usucapião, e o proprietário não denuncia o que seria uma suposta invasão. Neste caso o pagamento foi o silêncio do proprietário, já que a ocupação foi mediante ao pagamento. É comum pequenos bairros rurais que se formaram em volta desses condomínios e fazendas, povoados por ex-funcionários em comum acordo com os proprietários de terra na Serra do Voturuna.

O longo período de ocupação e atividades na Serra mostra como é antiga a ação antrópica que ocorreu e ocorre neste lugar, curiosamente na área que ficava a fazenda Voturuna existe certo equilíbrio que permite que o solo se recupere, “o refúgio forçado da natureza” como chamou atenção do professor Aziz Ab'Saber no documento de tombamento do morro.

Utilizando o termo refúgio de fauna em seu sentido mais corriqueiro, o Boturuna é hoje um tipo de refugio de fauna, de expressão regional, gerado pela excessiva humanização e devastação dos espaços que o circundam. Nesse sentido a serrinha comporta-se ao mesmo tempo como remanescente de um tipo de mata do domínio das florestas atlânticas de planalto, e, como um refúgio forçado da fauna regional, que se viu obrigada a ficar acantonada nas poucas florestas que restaram isoladas num território de algumas centenas de quilômetros quadrados. (CONDEPHAAT, p. 23, 1982).

Aziz Ab'Saber destaca o papel da paisagem que teima em resistir como testemunha da memória do uso e ocupação do espaço.¹ A solicitação para o tombamento da Serra do Voturuna foi realizada por moradores do Condomínio Voturuna, alegando preocupações com as mineradoras e com o aparecimento de loteamentos irregulares. Esse aspecto nos salta aos olhos, porque aqui a presença de um grupo da sociedade é vista como ameaça à preservação de um patrimônio.²

De um lado a Serra está sendo pressionada pelas expectativas de alguns loteadores que não mediriam esforços para tentar comercializar os íngremes espaços da Serra e o seu topo. Da outra banda, ela está sendo agredida pela derruição injustificável de alguns pontos mais característicos de sua paisagem, por explorações minerais de baixo nível de economicidade e alta capacidade de desmonte de rochas. Apesar disso tudo, os espaços da Serra propriamente dita, não pertencem a ninguém, devendo ser preservadas para todo o sempre como um componente integrado da natureza tropical do Planalto Atlântico Paulista. (CONDEPHAAT, p. 23, 1982).

A Serra do Voturuna historicamente é alvo de disputa, ela se apresenta em diferentes formas, até mesmo na patrimonialização como no tombamento realizado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico- CONDEPHAAT da Serra do Voturuna,

Apesar disso tudo, os espaços da Serra propriamente dita, não pertencem a ninguém, devendo ser preservadas para todo o sempre como um componente integrado da natureza tropical do Planalto Atlântico Paulista. (CONDEPHAAT, p. 23, 1983).

O tombamento foi contestado por moradores que se sentiram prejudicados com as medidas do tombamento, a falta de possibilidades econômicas e o desinteresse da prefeitura em adquirir a área já que a mesma possui proteção mediante o tombamento. Os proprietários de terras na Serra do Voturuna, sejam herdeiros ou ex-funcionários, acabam por formar diferentes núcleos rurais, esses entendem o tombamento como um obstáculo, já que as políticas de zoneamento da área devem sempre considerar o tombamento do CONDEPHAAT. O tombamento realizado por Aziz Ab'Saber é um instrumento fundamental para compreender as potencialidades paisagísticas da região e representa um estudo importante que mensura o impacto e a importância da Paisagem como Patrimônio, o caráter

¹DELTONI (2010, p. 15)

²QUINJANO (2005, p. 120)

inovador do tombamento está no movimento ambientalista que viveu seu auge nos anos 90 com a ECO92 e que teve em Aziz Ab'Saber um entusiasta.

O tombamento representa um olhar atento às paisagens e a compreensão de políticas de proteção com base na patrimonialização, responsabilizando o Estado pela preservação dessas memórias.

3.2 A vila de Parnaíba e seus patrimônios coloniais

A história de Parnaíba como vila remonta os primeiros passos dos colonizadores na fundação administrativa da coroa, com a criação de vilas com suas câmaras e o pelourinho que estabelecia um território sob administração da coroa à primeira expansão territorial liderada por Antônio de Proença em 1580 criador de gados no planalto para o mercado do litoral de Santos e Rio de Janeiro.

Complementando a abertura oferecida pelo crescimento do mercado do litoral, um segundo impulso para o desenvolvimento econômico do planalto teve como origem a iniciativa da própria Coroa portuguesa, representada na pessoa de d. Francisco de Sousa. Conforme vimos no capítulo anterior, d. Francisco e seu séquito de mineiros práticos da Europa buscaram implantar um modelo integrado de atividades mineradoras, agrícolas e de manufatura. Apesar dos esforços em explorar as minas de Voturuna e Jaraguá e das experiências com as primeiras fábricas de ferro, foi na esfera agrícola que o projeto de d. Francisco vingou de forma mais elaborada, embora não exatamente do modo esperado. Um dos objetivos explícitos era a transformação de São Paulo no “celeiro do Brasil”, onde fazendas de trigo, organizadas no modelo da hacienda hispanoamericana, abasteceriam as minas e cidades. (MONTEIRO, p. 122, 1988)

Nesse contexto, o planalto era ocupado pelos Guaianás que recebiam os Jesuítas e colonos com violência em 1583, na câmara aconselhava os colonos a evitarem as aldeias Guaianá e alertava sobre as consequências do crescimento dessa população.

“...Naquela ocasião, uma força aliada de Guaianá e Tupiniquim assolou uma expedição de cinquenta homens, sob a liderança de Domingos Luís Grou e Antônio Macedo, nas proximidades da futura vila de Mogi das Cruzes. Dando sequência a esta vitória, os aliados indígenas lançaram novos ataques aos sítios portugueses localizados ao longo do rio Pinheiros e, com o apoio dos residentes do aldeamento de Pinheiros, fizeram uma rebelião surpreendente contra o controle europeu da região. Da mesma forma, um ano depois, a oeste da vila, no local denominado Parnaíba, os índios aniquilaram outra expedição escravista no rio Tietê. (MONTEIRO, p. 54, 1988)

Somente com o apoio dos indígenas de João Ramalho espanhol, que vivendo com os indígenas e adaptou-se a um mundo colonial radicalmente diferente do que

conheceu na Europa. As primeiras tentativas de ocupação do interior por parte dos portugueses convi veu com as guerras indígenas, como aliada ou inimiga de determinados grupos, a coroa vai criando o mundo colonial.

Essas tribos pertenciam a quatro grandes grupos linguísticos: os Tupi, os Jê, os Carib e os Arawak. Os tupis viviam principalmente ao longo da costa atlântica, os jê viviam no planalto central, os aruaques habitavam o alto Amazonas e os caribes viviam nas terras ao norte do baixo delta do rio Amazonas. Apesar das diferenças entre esses grandes grupos, os índios do Brasil compartilhavam alguns estilos de vida comuns. Eles viviam em tribos independentes compostas por várias aldeias governadas por conselhos de anciãos, chefes e xamãs. Eles se alimentavam da caça, pesca, coleta de frutas e outros alimentos e agricultura simples. Em pequenas clareiras feitas com o corte de árvores e queima do mato, eles plantavam os alimentos básicos de sua dieta: milho, mandioca, abóbora, feijão, abóbora e amendoim. Uma clara divisão de trabalho separava homens e mulheres: os homens caçavam, pescavam e lutavam, enquanto as mulheres cultivavam, preparavam a comida e cuidavam das crianças. As tribos mudavam suas aldeias com frequência para aproveitar novas áreas de caça e novas terras para agricultura. As posses eram poucas, facilmente empacotadas e realizadas em migrações tribais. Em comparação com as grandes e complexas civilizações indígenas do México central e do Peru, as tribos indígenas do Brasil eram móveis, autônomas e igualitárias. (METCALF, p. 29, 1987)

Essa mobilidade característica foi sendo aproveitado pelos colonos, e as práticas indígenas modificadas, a catequese dos jesuítas permitirá o controle espiritual que reunidos em aldeias, viviam divididos entre a igreja e suas pequenas casas, contavam com oficinas de ofícios onde eram produzidas as ferramentas utilizadas na produção agrícola.

A expansão da força de trabalho, estimulada por d. Francisco de Sousa na década inicial do século XVII, foi outro elemento decisivo para a lavoura paulista. Contudo, ao defender os princípios da liberdade indígena, o autor do plano buscava ressuscitar o velho projeto dos aldeamentos. Os índios trazidos do sertão seriam colocados num aldeamento pertencente à Coroa, prestando serviços remunerados para os colonos e para o Estado. Foi com este intuito que o mesmo d. Francisco patrocinou o estabelecimento do aldeamento de Barueri, situado a oeste da vila de São Paulo, relativamente

próximo às recém-descobertas minas de Jaraguá e Voturuna. Inicialmente, ao que parece, concedeu-se aos jesuítas a incumbência de administrar os sacramentos aos residentes, predominantemente Carijó e Guaianá, reservando-se à Coroa o controle sobre a distribuição da mão-de-obra. Mas estas estipulações nunca foram claramente delimitadas e, por conseguinte, Barueri tornou-se objeto de conflito permanente entre interesses particulares, municipais, eclesiásticos e da Coroa. (MONTEIRO, p. 103, 1988)

O sucesso gerou conflitos e os colonos exigiam a expulsão dos Jesuítas, as tensões foram aumentando, os jesuítas descreviam os colonos como desordeiros e de não seguirem a bula papal que proibía a escravidão indígena, a falta de controle por parte da coroa deixava desguarnecida os aldeamentos e vítimas fáceis dos colonos.

A verdade, entretanto, é que estes se precavam contra a perda de índios de Barueri para os povoadores de Parnaíba, denunciando que estes usavam de força no recrutamento dos aldeados. Assim, por exemplo, Antonio Furtado, genro de Suzana Dias e um dos pioneiros na produção de trigo, recebeu ordens da Câmara Municipal de São Paulo para restituir ao aldeamento os índios que ele tinha tomado para servir-lhe. Poucos anos depois, quando da morte de Furtado, sua viúva Benta Dias confessou que a maior parte dos índios de seu ser¹⁰⁸ viço pertenciam ao aldeamento e que “ em sua consciência os não pode deitar em inventário” .²⁸ Mesmo o principal colono de Parnaíba, André Fernandes, filho de Suzana Dias e co-instituidor da capela original, contava com um sem-número de índios do aldeamento para seu próprio serviço, além dos mais de cem cativos que trabalhavam em sua fazenda em Parnaíba. (MONTEIRO, p. 108, 1988).

Em Parnaíba, os Fernandes estabeleceram fazendas com a mão de obra escravidada do aldeamento de Barueri, onde o controle era disputado pela vila de São Paulo e as fazendas de Parnaíba. Os indígenas do Aldeamento eram administrados espiritualmente pelos jesuítas e para eles desenvolver trabalhos agrícolas a serviço da coroa, a conexão entre jesuítas e colonos espanhóis, um aspecto que salta na formação da vila de Parnaíba.

Em 1612, os colonos ameaçaram expulsar os jesuítas de Barueri, alegando que estes impediam o acesso à mão-

de-obra do aldeamento. Vinte anos mais tarde, os vizinhos mais exaltados do mesmo aldeamento, inclusive Antonio Raposo Tavares, invadiram Barueri, expulsando os padres. Até certo ponto, este incidente pode ser considerado como uma expressão, em nível local, da busca intensificada pela mão-de-obra nativa: afinal de contas, se os paulistas podiam destruir as missões do Guairá, por que não repetir esta mesma atividade mais perto de casa? Porém, outros aspectos específicos devem ser levados em conta para o entendimento do fato em questão, pois tratava-se igualmente de um confronto entre os colonos mais prósperos dos bairros ocidentais de São Paulo e os jesuítas, que vinham acumulando um patrimônio e uma força de trabalho cada vez mais expressivos. Ademais, a própria indefinição acerca da condição jurídica do aldeamento de Barueri proporcionava munição para a eclosão do conflito. Realmente, Barueri situava-se em meio a uma das principais zonas de produção de trigo, próximo aos bairros de Cotia, Quitaúna e Carapicuíba, bem como à vila de Santana de Parnaíba. (MONTEIRO, p. 142, 1988)

Os aldeamentos isentos e dotados de uma mão de obra treinada para a vida na Aldeia colocavam em risco o sistema produtivo das fazendas e a partir de 1640 com a expulsão dos Jesuítas da capitania os aldeados eram levados para as fazendas de Parnaíba, os aldeamentos vão sendo abandonados. O ano de 1640 foi marcado por sérias disputas pelos Carijós e Guaianás que viviam aldeados nas margens do Rio Tietê, disputados pelos colonos nas guerras justas e ao final os aldeamentos são anexados a vila de Parnaíba, passando a esses a administração física e espiritual dessa elite formada de Guaianás e colonos espanhóis.

As condições da guerra justa. Procurando evitar qualquer interferência dos jesuítas, o capitão-mor havia conclamado a participação do vigário de São Vicente como representante eclesiástico, conferindo assim maior legitimidade à resolução. Nesta estabeleceu-se a condição de que os cativos tomados na guerra seriam divididos entre as três vilas, sendo as câmaras municipais encarregadas de sua partilha entre os colonos “ para eles os doutrinarem e lhe darem bom tratamento como a gentio forro e se ajudarem deles em seu serviço no que for lícito”. (MONTEIRO, p. 53, 1988).

Anos mais tarde os Jesuítas retornam a capitania e mesmo perdendo boa parte de seu patrimônio, durante os treze anos que durou o afastamento, e recebe

parte do antigo território, entre essas terras a antiga Fazenda na serra do Voturuna, conhecida por suas minas em Araçariguama.

Os jesuítas, por sua vez, continuaram como poderosos proprietários de terras, uma vez que foi mantida a posse de Embu e Carapicuíba, acrescentando-se posteriormente as doações da Fazenda Santana e da extensa propriedade de Araçariguama. Todavia, apesar das aparências, os jesuítas tinham perdido o controle dos aldeamentos, e sua voz de oposição ao cativo indígena fora praticamente emudecida. De acordo com um padre, escrevendo no final do século, tal era a situação que os jesuítas jamais poderiam tocar no assunto da escravidão indígena em sermões ou em qualquer outra manifestação pública. Mesmo assim, observou ele com certo orgulho, sempre buscavam — em conversas particulares e lançando mão de “industrioso disfarce” — mostrar aos colonos seus erros. Contudo, “estavam tão firmes os moradores daquela vila em que os índios eram captivos que ainda que o Padre Eterno viesse do céu com um Christo crucificado nas mãos a pregar-lhes que eram livres os índios, o não haviam de creer”. (MONTEIRO, p. 146, 1988).

A vida indígena se transformava rapidamente, do primeiro contato com os colonizadores no litoral à ocupação tinham passado algumas gerações, o imigrante negro que tinha habilidades na atividade de mineração, possuía porções de terra onde constituíam família. Aos poucos, em torno das vilas que se formavam, surgiam junto às periferias, onde as diferenças entre os pobres e ricos geravam tumultos e confusões no centro das vilas. Essa marginalidade é rapidamente identificada como parte rebelde da população indígena.

Já em 1623, a Câmara Municipal de São Paulo dedicou uma sessão para discutir “o gentio que nesta vila fazem bailes de noite e de dia porquanto nos ditos bailes sucedia muitos pecados mortais e insolências contra o serviço de Deus e do bem comum em cometerem fugidas e levantamentos e outras cousas que não declaravam por não serem decentes”. Em 1685, a Câmara afixou uma ordem proibindo a venda de aguardente aos índios na Semana Santa “para evitar alguns danos e desaforos que os tais obram nos tais dias”. Finalmente, mais para o fim do período da escravidão indígena, os camaristas editaram uma postura que infligia castigos corporais aos “rapazes carijós e negros” que tumultuavam as procissões religiosas com um comportamento travesso. (MONTEIRO, p. 175, 1988)

Esses rapazes carijós e Negros presentes nas procissões religiosas, também serão acusados nos roubos do gado e nos assaltos praticados na vila. Distante da coroa, as vilas do interior por meio de suas câmaras e conselhos emitem proibição de circulação e adoção de cadeias, o controle da vila alternava a atenção das famílias Fernandes que intensificava o apresamento indígena do sertão. No aldeado com Jesuítas, os indígenas foram desprovidos de memória e identidade, entregues à própria sorte com a perda de poder dos jesuítas, cabe agora ao indígena encapelado reconstruir suas antigas práticas e ritos entre a fé católica e o trabalho nas fazendas. Com a diminuição do poder dos Jesuítas, os núcleos familiares eram organizados nas fazendas com os colonos se casando com as mulheres indígenas, esses núcleos familiares pela importância de parentesco recebiam as terras que se tornavam freguesias e elevavam-se à condição de vila.

A família Fernandes, constituída de descendentes dos primeiros povoadores brancos do planalto, controlava os negócios do trigo na vila de Parnaíba, enquanto os Pires, Bueno e Camargo dominavam diferentes bairros rurais situados ao norte da vila de São Paulo. A correlação entre produção de trigo, posse de cativos índios e concentração de riqueza torna-se mais evidente nas listas do donativo real, compostas nos anos de 1679 a 1682, que indicam a riqueza desigual destas famílias no conjunto da população rural. No termo de São Paulo, dentre os 10% de moradores mais ricos, metade pertencia às famílias Bueno e Camargo. (MONTEIRO, p. 121, 1988)

A importância da Vila de Parnaíba está no modelo que se expandiu para outras vilas e parte de uma rede familiar responsável pelos novos núcleos urbanos. A família de Suzana Dias com suas alianças indígenas estabeleceu os modelos de casamentos e organização familiar que se naturalizaram na América portuguesa.

A vila de Santa Ana da Parnaíba foi fundada pelo paulista André Fernandes, que por si e seus irmãos tinha estabelecido este sítio em povoação com capela da invocação da mesma gloriosa Santa da fundação de seus pais, que depois veio a servir de matriz. Esta povoação foi ereta em vila no ano de 1525 por provisão do Conde de Monsanto, que estava donatário da Capitania de S. Vicente. Tem minas de ouro de lavagem chamadas de Vuturuna, em cuja terra as descobriu no ano de 1597 o

paulista Afonso Sardinha, como fica referido; e o rio Tietê também tem ouro desde o lugar da vila para baixo até muito além do morro de Aputerebu; e como a sua extração é pelo meio de água, tem cessado o labor pelo detrimento e despesa da manobra, e se empregam os mineiros na extração por terra do ouro que chamam guapeára. Tem um mosteiro de monges de S. Bento com lugar de presidente, um tabelião do judicial e notas, que também serve de escrivão da Câmara, e um de órfãos, e ambos servem por donativo que anualmente pagam. Fundação da vila parnaíba — (TAUNAY, p. 192, 2011).

Berço do bandeirismo, força militar que no intuito de se defender dos ataques que sofriam a vila é criado essa força paramilitar para fazer a defesa da província. Compunha essa força paramilitar, indígenas, mamelucos e poucos brancos que eram os responsáveis pela empreitada, e seguidos pelo exército de familiares indígenas. No início do povoamento, houve uma grande fase de mineração no Ibituruna. Custódia Dias, filha de Suzana Dias, casou-se com o colono Geraldo Betting, alemão e minerador profissional que estimulou a exploração mineral aurífera na região.

Os índios trazidos do sertão seriam colocados num aldeamento pertencente à Coroa, prestando serviços remunerados para os colonos e para o Estado. Foi com este intuito que o mesmo d. Francisco patrocinou o estabelecimento do aldeamento de Barueri, situado a oeste da vila de São Paulo, relativamente próximo às recém-descobertas minas de Jaraguá e Voturuna. Inicialmente, ao que parece, concedeu-se aos jesuítas a incumbência de administrar os sacramentos aos residentes, predominantemente Carijó e Guaianá, reservando-se à Coroa o controle sobre a distribuição da mão-de-obra. Mas estas estipulações nunca foram claramente delimitadas e, por conseguinte, Barueri tornou-se objeto de conflito permanente entre interesses particulares, municipais, eclesiásticos e da Coroa. (MONTEIRO, p. 103, 1988)

Essa fase perdurou entre 1591 e 1602. A exploração mineral era feita em bateia nos cursos d'Água, no Boturuna e num local denominado de lavras (Camargo, 1971)¹, e trouxe certo desenvolvimento que tornou o povoado o principal ponto de partida para o interior. Em poucos anos os dezessete filhos de Suzana Dias formaram famílias e ocuparam a região entorno da Serra do Ibituruna, seu filho

André Fernandes convertido ao cristianismo, substituiu seu pai na chefia da fazenda abastecida pela mão de obra indígena dos aldeamentos de Barueri.

A principal justificativa dos Aldeamentos, a de controlar os índios e prepará-los para a vida produtiva, ia para os ares. Ao tentarem manipular elementos da história e das tradições indígenas, os padres, com sua política de aldeamentos, acabaram esbarrando na resistência dos Tupiniquim, Carijó, Guaianá e guarulhos, entre outros. Com efeito, ao invés de produzir e reproduzir trabalhadores capazes de contribuir para o desenvolvimento da Colônia, os aldeamentos de São Paulo conseguiram criar apenas comunidades marginais de índios desolados, debilitados pelas doenças importadas e incapazes de providenciar sua própria sobrevivência. Foi neste contexto, portanto, que os colonos resolveram tomar a questão do trabalho indígena nas suas próprias mãos (MONTEIRO, John M. pag 51, 1988)

Os colonos da Vila de Parnaíba buscavam o controle dos indígenas da aldeia de Barueri, e viam sua mão de obra como oportunidade para a produção de suas fazendas. O aldeamento se torna um obstáculo entre São Paulo e Parnaíba dando assim um litígio quanto a sua fundação. A procura de terras próximas aos aldeamentos propiciava uma mão de obra hábil para a agricultura, inicialmente o papel das mulheres na sociedade indígena estava em cuidar da roça, aos homens a caça, dentro dos aldeamentos essa divisão do trabalho vai sendo alterada e o modelo indígena suplantado.

Tabela II: Distribuição dos indígenas na produção de trigo por sexo, idade e tamanho de posse Santana de Parnaíba 1628-1682

Distribuição dos Indígenas na produção de trigo por sexo, idade e tamanho de posse Santana de Parnaíba, 1628-1682

Tamanho da posse:	(N)*	Homens	Mulheres	Crianças	Total
1 a 10	(12)	39	44	12	92
11 a 25	(22)	137	177	60	374
26 a 50	(24)	272	345	285	902
Mais de 51	(18)	688	772	514	1.974

(*) N: numero de inventários na faixa de tamanho de posse.

Fonte: Monteiro, 1988, Inventários de Parnaíba. IT, 7-44; AESP-INP, cxs.1-40; AES-IPO diversas caixas; AESP, cxs-6.

Fonte: Monteiro, 1988, Inventários de Parnaíba. IT, 7-44; AESP-INP, cxs. 1-40; AES-IPO diversas caixas; AESP, cxs-6.

As 76 pessoas ou família do inventário detinha 3.342 outras escravizadas entre esses parentes, as guerras são controladas pela troca de mercadorias e quando as guerras se tornam menores é feita a guerra justa, e uma cruzada se inicia, tudo para manter o comércio que percorrem os caminhos da vila de Parnaíba. Na vila as ruas e trilhas obedeciam ao ordenamento da Câmara que controlava os portos que ligavam a vila ao planalto e levava a Santos, combinando um transporte terrestre e outro fluvial.

Por seu turno, a manutenção dos caminhos que proporcionavam acesso aos bairros rurais cabia aos moradores, sempre sob a orientação dos capitães dos bairros. Devendo-se à iniciativa privada, os caminhos particulares saíam das principais fazendas da região, tais como as de Guilherme Pompeu de Almeida e Pedro Vaz de Barros, cujas propriedades deram origem a bairros rurais depois da morte destes. Os rios da região também desempenharam um papel importante no transporte de curta e média distância, sobretudo nas vilas situadas ao longo do rio Tietê. A menção ocasional na documentação dos “portos” de Parnaíba ou de Barueri dão testemunha do uso do meio fluvial para o transporte. Em Parnaíba, diversos inventários acusavam a existência de canoas de carga especializada no transporte do trigo, algumas com capacidade de carregar até 120 alqueires de farinha. (MONTEIRO, p. 122, 1988)

Era indispensável à agricultura comercial o controle dos transportes de mercadorias que eram realizados em vaso e transportados pelos indígenas masculinos, modificando a divisão de trabalho característico das sociedades indígenas, onde cabia a mulher o transporte e a produção de alimentos.

Toda essa relativa participação dos indígenas no transporte de carga ao mesmo tempo em que foi estabelecendo um comércio entre o sertão e o litoral, muitos morriam no caminho ou eram vitimados para algum tipo de contágio com o colono branco, a busca pela diversificação na mão de obra, encontrou-se outras soluções para o escoamento da produção agrícola das fazendas.

Este processo sugere uma transferência de recursos produtivos para atividades que requeressem uma exploração menos intensiva da mão-de-obra indígena. Mesmo assim, apesar de a maioria dos paulistas ter desistido da lavoura comercial, a dependência com relação ao trabalho forçado dos índios permaneceu. (MONTEIRO, p. 127, 1988)

A vila escravista se desenvolvia junto de outras regiões, criando vias para o transporte e escoamento da produção, a produção local ligada ao mercado internacional, onde os principais negociadores eram os jesuítas que se opunha ao controle das câmaras municipais e controlavam o comércio da produção agrícola da capitania. O Capitão Guilherme Pompeu de Almeida no meio desse conflito pertencia à família de colonos que controlava a câmara e a vila, e o filho se formou na Bahia na ordem jesuítica.

Os negócios com o apressamento indígena contavam com grande reserva de indígenas capturados nas bandeiras, gravando um baixo custo e como aproveitavam as vias controladas por familiares, garantia a eficiência que os colonos tinham com os indígenas carregando suas cargas, fazia com que mesmo uma família de poucas

posses, pudesse inserir seus produtos no mercado de Santos. Mas esse modelo baseado na mão de obra indígena declinou junto com o desaparecimento de indígenas passivos de serem escravizados na região.

Da mesma forma, a ocupação e exploração de terras novas, cada vez mais distantes das vilas de São Paulo e Parnaíba, restringiam a produção e transporte do trigo àqueles produtores que possuíam grandes plantéis, ou que, pelo menos, possuíam recursos suficientes para arcar com o crescente custo do transporte. Ao mesmo tempo, o mercado de Santos começava a projetar suas limitações. Em 1672, por exemplo, as contas de um produtor acusavam um prejuízo com um carregamento de “farinhas de trigo que estavam no Porto de Santos, para se embarcarem para o Rio de Janeiro por se não poderem vender no Porto de Santos”. Neste sentido, os produtores e comerciantes de trigo achavam-se cada vez mais numa posição delicada de dependência perante o fluxo irregular do comércio intracolonial. (MONTEIRO, p. 126, 1988)

O aumento do custo com as viagens e o declínio do preço do trigo, alteraram as atividades que seriam desenvolvidas na Vila de Parnaíba em 1670, muitos bairros rurais iniciam a mudança para o agropastoreio devido ao solo desgastado pelo seu uso em gerações anteriores. As famílias do padre e dos fundadores da Vila, com o capital de suas atividades comerciais, aos poucos, juntaram a mão de obra indígena com a mão de obra negra, sendo incorporada na Vila de Parnaíba uma nova divisão do trabalho. Parte dessa riqueza circulava no modesto mercado da Vila de Parnaíba proporcionando a inserção de indígenas que por meio dos casamentos com colonos, ascendiam socialmente dando origem aos indígenas artesãos, comerciantes e produtores. Acirrando a rivalidade com os colonos portugueses, que se sentiam ameaçados.

O exercício de outras atividades na economia colonial também separava os índios das tradições tribais. No século XVII, quase toda a produção artesanal era executada por oficiais e aprendizes índios. Muitos senhores, sobretudo os residentes nas vilas, viviam apenas da renda dos serviços de seus índios artesãos. Outros concentravam números maiores de oficiais nas suas fazendas, como no caso de José Ortiz de Camargo, que contava com cinco sapateiros, dois ferreiros e dois carpinteiros entre seus escravos. O capitão Guilherme Pompeu de Almeida, que comandava centenas de escravos índios e africanos na sua enorme fazenda de Voturuna, dominava o mercado de produção artesanal na vila de Parnaíba com seus inúmeros oficiais, tradição seguida por seu filho homônimo. (MONTEIRO, p. 172, 1988)

Os negros escravizados trabalhavam nas minas, os Guaianás aprendiam com o colono os ofícios e as atividades comerciais, se sentindo nas futuras gerações mais colono que Guaianá, os Carijós inimigos ancestrais dos Guaianás escravizados, em condição inferior ao negro, pela demasiada oferta dessa mão de obra. Nessa vila familiar e na fazenda do Padre comerciante uma complexa sociedade será gerada, que reuni no mesmo lado dois tipos de escravidão o negro e o indígena. A Fazenda na Serra do Voturuna foi a mais importante para a vila, financiando inúmeras armações que eram organizadas em pequenas bandeiras que reproduziam a opção do apresamento indígena como solução para a pobreza.

Os armadores, que forneciam dinheiro, equipamentos e índios, assumiam todo o risco da viagem em troca da perspectiva de ganhar metade dos cativos eventualmente presos. No mais das vezes, a armação era um empreendimento familiar. Sem dúvida, na ausência de dispositivos institucionais que garantissem tais investimentos, parecia mais seguro confiar em parentes. Mesmo assim, a relação entre o armador e o sertanista quase sempre se fundamentou num acordo contratual. (MONTEIRO, p. 87, 1988)

Os indígenas, o chumbo, a pólvora e as correntes eram equipamentos utilizados para as expedições, assim como a carne e outros produtos que se encontravam na Fazenda do Voturuna, o financiador dessas expedições, o Padre Guilherme Pompeu de Almeida controlava uma rota com fazendas estratégicas para o reabastecimento dessas expedições.

Como se vê, a principal contribuição do armador compunha-se de chumbo, pólvora, correntes e, sobretudo, alguns índios, todos elementos essenciais para uma expedição de apresamento. Com efeito, chumbo e pólvora constituíram as únicas despesas mais pesadas, uma vez que era necessário buscar estes itens em praça alheia. Por exemplo, em 1647, o comerciante Antonio Castanho da Silva enviou Diogo Rodrigues ao Rio de Janeiro para comprar munição para uma viagem sertanista. Mais para o fim do século, a julgar pelas anotações no livro de razão do padre Guilherme Pompeu de Almeida, a maior parte do dinheiro gasto no aviamento de expedições ia para a compra de armas e munições. Estes exemplos comprovam não apenas a necessidade de capital de risco, como também as estratégias violentamente agressivas de que se utilizavam os predores. (MONTEIRO, p. 86, 1988)

As fazendas setecentistas bem maiores e com menos proprietários que as do século anterior vai marcar o declínio da vila com a perda de seus moradores ilustres que partiram para as minas.

Só tinham a família do fazendeiro, alguns agregados de sangue mameluco em fusão, e uns poucos escravos negros cuja introdução começava a tomar vulto, a medida que os agricultores do planalto iam aumentando a sua riqueza, com o produto do ouro das minas (em S. Paulo Havia muitos empresários de mineração, os quaes sem sair dos seus sítios gostavam dos proventos da exploração. O dr Guilherme Pompeu foi um deles além de uma infinidade de outros, segundo Taues no relata), que lhes outorgava a faculdade de possuir essa cara mercadoria humana. (ELLIS, p. 247, 1926).

Muitas foram as fazendas das vilas seiscentistas em seu apogeu e poucas permaneceram com sua configuração original, nas vilas Setecentistas os antigos modos de produção são substituídos pelas lavouras de café, a substituição da mentalidade aventureira e militar mudará drasticamente as relações das antigas vilas, mantendo até o início do século XX pequenos agricultores, parentes distantes

dos antigos donos das fazendas da Vila de Parnaíba e que fizeram riqueza em outro tempo.

Sem mais o habito de manejo das armas, o paulista ia progressivamente esmorecendo o seu ânimo ardoroso, e devotado as soluções violentas. O habito morigerado de uma vida pacífica, foi modificando o antigo paulista lidador, no pacato mineiro lavrador das minas, e cultivador do solo das "alterosas", ou no pachorrento criador dos curraes do S. Francisco, dos campos goyanos, ou piauienses. Os paulistas que ficariam no planalto, não se transmudando para as geraes, ao que, preferiam a vida calma das redondezas piratininganas, ainda mais acentuaram a mudança evolutiva, tendo se transformado em méros agricultores sem a prosapia militar, que ensoberbecia os seus próximos avós. E que não tinham mais necessidade ir ao sertão buscar o braço indígena para as suas lavouras, pois que o negro importado o supria, uma vez que a despovoação do planalto causada pela emigração para as minas havia feito minguar as necessidades dessas lavouras diminuídas, embora as fazendas tivessem argumentado em área. (ELLIS, p. 246, 1926).

As fazendas do Padre Guilherme e de seus familiares tiveram grande importância no desenvolvimento de outras vilas, criando essa rede de infraestrutura que permitia a ocupação do sertão. A fazenda Voturuna reproduzia o seu modelo de ocupação, utilizando como base para enriquecimento a mão de obra escrava híbrida, como consta na composição da força de trabalho do padre em seu inventário.

Além desta esfera oficial, os inventários contêm inúmeros exemplos das relações comerciais com as minas, mas estas atividades são melhores ilustradas no copiador do padre Guilherme Pompeu de Almeida, publicado na RIHGSP, 58 (1960), e no seu testamento de 1710. O padre Pompeu tinha grandes fazendas em Parnaíba e Itu, com uma força de trabalho de aproximadamente trezentos índios e africanos. Quando da sua morte em 1713, as propriedades passaram para o Colégio dos jesuítas em São Paulo, uma parte formando a imensa fazenda de Araçariguama. (MONTEIRO, p. 265, 1988)

Ao passar os anos a população de Parnaíba, irá se constituir por indígenas e negros encapelados que migravam para Minas Gerais e para o Paraná, deixando em Parnaíba parte de suas famílias, o isolamento e esquecimento da vila permitiu que se constituísse família os indígenas e negros escravizados que viveram por

anos em bairros rurais, na condição de encapelados, administravam as terras de seus senhores, que confiaram a eles os cuidados da fazenda e de suas capelas.

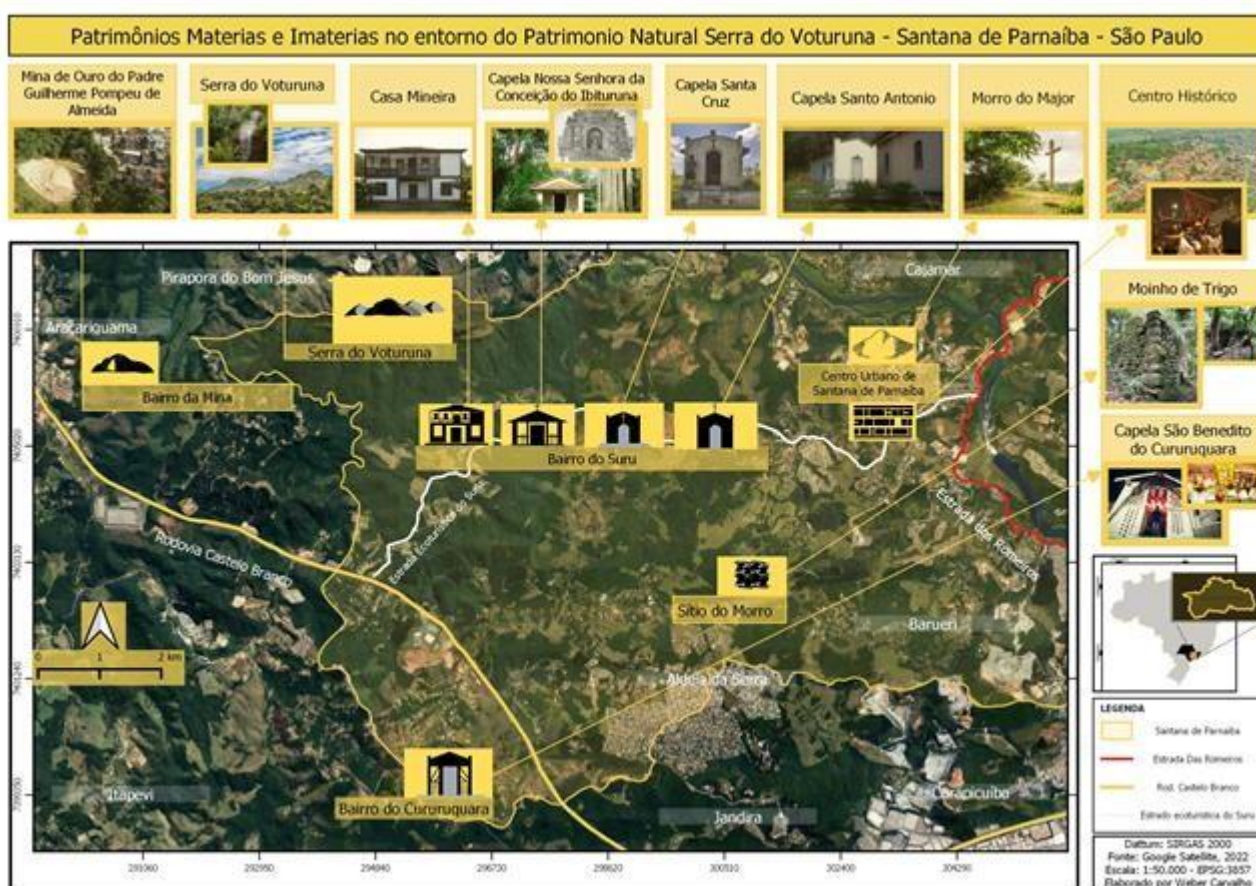
Iniciando aqui um processo híbrido, onde negros na condição de encapelados e indígenas formaram famílias caboclas, enquanto que a elite formava famílias Mamelucas: mesmos despropiados do território e de uma identidade, esses caboclos marginalizados se ajudaram e criaram uma rede de apoio mútuo que se representa nas manifestações religiosas, o que permitiu o retorno de muitos aos seus antigos bairros rurais.

Abandonados pela historiografia urbana, tantas vezes transvestida de verdade na história de origem dos lugares, que aos poucos esclarece a algumas dessas narrativas que se originam nessas famílias que resistiram e existem em seus antigos bairros rurais, em sua singela capela, e com seu Samba Rural.

3.3 O complexo paisagístico Serra do Voturuna

Trata-se de um complexo paisagístico que possui um conjunto de patrimônios que estiveram e estão ligadas pelas trocas simbólicas e materiais, a cidade de Santana de Parnaíba possui um centro histórico de enorme relevância, Araçariguama as primeiras Minas de Ouro no Brasil e em Pirapora do Bom Jesus, as procissões e sua religiosidade. Esses aspectos só podem ser compreendidos quanto ao centro da análise está na paisagem natural que influência essas trocas. A serra do Voturuna está no início da história desses povoadamentos e se mantém como paisagem histórica que testemunharam a colonização portuguesa.

Mapa II: Patrimônios Materiais e Imateriais no entorno do Patrimônio Natural Serra do Voturuna – Santana de Parnaíba – São Paulo.



Fonte: Weber Carvalho

A cidade de Santana de Parnaíba possui aspectos da memória que transcende a escala local, suas histórias remontam questões a respeito da identidade nacional a forma com a qual o estado e as fronteiras vão estabelecendo os marcos entre

passado e futuro. As marcas do estado nacional e a busca pela criação de uma identidade se fez ignorando aspectos constitutivos da população originária, ainda que invisibilizada resiste na presença dessa população na região estudada e nas toponímias das cidades.

O estudo dos patrimônios de Santana de Parnaíba é o início de uma análise que passa por compreender o patrimônio natural como central na preservação da identidade nacional. Aspectos do seu uso e da sua preservação deve ser parte e compromisso de políticas públicas patrimoniais. A cidade possui um acervo material, imaterial e natural, oportunidades e desafios para a preservação frente a urbanização.

3.4 Lugares de memória do complexo paisagístico Serra do Voturuna

1 – Serra do Voturuna – Patrimônio Natural

Município: Araçariguama, Pirapora do Bom Jesus e Santana de Parnaíba.

Bairro: Fronteira natural entre 3 cidades; Araçariguama, Pirapora do Bom Jesus e Santana de Parnaíba.

Categoria do tombamento: Patrimônio Natural estadual.



Fonte: Deltoni

Número do Processo: 22328/82-Condephaat.

Resolução de Tombamento: Resolução 17, de 04/08/1983.

Publicação do Diário Oficial: Poder Executivo Seção I, 09/08/1983. p. 13.

Livro do Tombo Arqueológico, etnográfico e paisagístico: 13, p. 304, 08/09/1986.

Histórico: O Pico do Boturuna é uma das pequenas serras mantidas por feixes de rochas quartzíticas na área serrana interposta entre a Bacia de São Paulo e a Depressão Periférica Paulista. Em termos morfológicos, o Voturuna se aproxima mais propriamente do esquema da Serra do Japí do que do modelo do Jaraguá e Saboão. Enquanto tais acidentes se destacam como verdadeiros picos isolados e bizarros (1100m) no entremeio de morros acidentados mais baixos e menos íngremes (700-850m), o Voturuna possui cimeiras semi-onduladas que lhe dão o aspecto de uma serri nha maciça, variando de feições conforme o ponto de vista em que o observador se postar. Um fato é comum ao Japí, ao Voturuna e ao Jaraguá, além da constituição puramente litológica: a presença de florestas tropicais em solos oriundos da alteração de quartzitos e filitos intercalados com quartzitos.

No caso do Boturuna, por quase todas as suas vertentes (e com muito mais densidade de biomassa florestal do que no caso do Jaraguá), ocorrem matas tropicais densas, que diferem pouco das grandes matas que revestiam morros e montanhas existentes em outras áreas das serranias de Jundiaí e São Roque. Em altitude as matas densas passam as biomassas florestais mais fracas e menos elevadas, e, eventualmente, cedem lugar para manchas de campos rupestres de cimeira, não muito extensos. Desmatamentos injustificáveis, feitos em vertentes escarpadas da Serra, criaram capoeiras muito ralas, e, comprovam a grande dificuldade que as matas estabelecidas em encostas de serras quartzíticas têm para se recompor. Num dos setores mais elevados da Serra do Boturuna (1200m) uma exploração mineral, totalmente irracional.

As matas das encostas do Boturuna constituem-se em um importante remanescente das biomassas florestais. Representam, juntamente com as do Japí alguns dos documentos das florestas que conquistaram alguns dos solos quimicamente mais ácidos, pobres e problemáticos do Estado de São Paulo. Trata-se de um caso de paisagem pitoresca, que se desdobra conceitualmente em uma área geomorfologicamente crítica e ecologicamente crítica. Possui várias linhas d'água (torrentes de encostas de serras tropicais), na direção de Santana do Parnaíba.

Um reduto forçado de fauna já que todos os níveis mais baixos da topografia regional entre a Serra e a cidade de Santana foram fortemente devastadas de sua cobertura vegetal primária, e, transformadas em áreas rurais e urbanas, em épocas as mais diversas.

Descrição: Por todas as suas características, a Serra do Boturuna, situada a menos de 50 Km do centro da Metrópole Paulistana, carece de uma preservação integrada, que somente poderá ser garantida pelo estatuto do tombamento. Apesar disso tudo, os espaços da Serra propriamente dita, “não pertencem a ninguém”.

Fonte: Processo de Tombamento do CONDEPHAAT 1983. Conselheiro: Aziz AB Saber

2 - Serra do Itaqui - Patrimônio Natural

Município: Santana de Parnaíba e Barueri, Itapevi. **Bairro:** Estrada Yojiro Takaoka, Aldeia da Serra.

Categoria do tombamento: Patrimônio Natural Município.



Foto: CONDEPHAAT

Número do Processo: 39971/00.

Resolução de Tombamento: Resolução SC-126, de 19/12/2016.

Publicação do Diário Oficial: D.O.E. 21/12/2016, p. 53 e 54.

Livro do Tombo Paisagístico: Nº inscr. 30, p. 311.

Descrição: A importância ambiental e biológica dos remanescentes da Mata Atlântica existente na Serra do Itaqui. O significado que esses remanescentes têm para a proteção da qualidade ambiental e paisagística da Região Metropolitana de São Paulo e em especial para o município de Santana de Parnaíba, cujo conjunto histórico é reconhecido como Patrimônio Cultural do Estado; - A exiguidade de remanescentes da Mata Atlântica, hoje o ecossistema mais ameaçado do país, Resolve: Artigo 1º - Ficam tombados como patrimônio cultural e ambiental do Estado de São Paulo, os remanescentes de Mata Atlântica da Serra do Itaqui, localizados nos municípios de Santana de Parnaíba, Barueri e Itapevi.

Fonte: Processo de Tombamento do CONDEPHAAT em 1985.

3 - Morro do Major ou Cruzeiro

Município: Santana de Parnaíba. **Bairro:** Centro.

Categoria do tombamento: Patrimônio Natural.



Foto: Wilian Amadio

Histórico: Conta o povo que o morro do major foi palco do maior duelo do Samba, o encontro teria sido marcado, um dia antes do carnaval e marcava o fim da quaresma. O duelo estava marcado para às seis horas no Morro do Cruzeiro. Os dois grupos galo preto e galo carijo, de um lado Henrique Preto do outro Seu Quirino estavam ali frente a frente pra resolver a peleja entre eles, não houve briga nem pancadaria, os grupos voltaram tocando juntos. A data ficou sendo da abertura do carnaval da cidade com o Bloco Grito da Noite.

Descrição: Tombado como um bem público, de caráter histórico-cultural da população de Santana de Parnaíba, uma área de aproximadamente 60.000,00m² (sessenta mil metros quadrados), popularmente conhecida como “Morro do Major” ou “Morro do Cruzeiro”, aplicam-se ao bem fundado, no que couber, as mesmas condições e exigências impostas aos bens imóveis tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Fonte: LEI Nº 1840, DE 10 DE MARÇO DE 1994 DE SANTANA DE PARNAÍBA

4 - Mina de Ouro

Município: Araçariguama.

Bairro: Parque na Mina.

Categoria do tombamento: Municipal - A mina de ouro, a Capela de Santa Bárbara e o museu da mina fazem parte do Complexo Parque da Mina do Ouro.



Foto: Prefeitura de Araçariguama

Histórico: A formação de Araçariguama teve início com a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição de Araçariguama. Em 1648, foi edificada em taipa de pilão a capela de Nossa Senhora da Penha, quando Gonçalo Bicudo Chassi n dava início à fundação do vilarejo que mais tarde se tornaria o povoado. O povoado de Araçariguama se tornaria uma das mais importantes da região e pertencente à vila de Parnaíba.

Descrição: Em 1590, o mameluco Affonso Sardinha, conhecido como Capitão-mor de São Paulo de Piratininga, encontrou ouro de lavagem nas proximidades do Morro do Voturuna, marcando o início histórico da formação de Araçariguama. Conta ainda que em 04 de dezembro de 1605, Affonso Sardinha ergueu uma capela aos devotos de Santa Bárbara (protetora dos mineiros e militares) ao pé do Morro do Voturuna, nos arredores do local, hoje conhecido como morro do Cantagalo, onde se descobriu um vasto veio aurífero em Araçariguama.

Fonte: Câmara Municipal de Araçariguama.

5 - Moinho de trigo

Município: Santana de Parnaíba.

Bairro: Sítio do Morro.

Categoria do tombamento: Não possui.



Foto: Victor Hugo Mori

Histórico: Após a morte do Vasconcellos, Benta Dias contraiu segunda núpcias com Paulo Proença de Abreu. Foi um casamento sem filhos; portanto, Proença de Abreu deve ter ficado de fora das partilhas dos bens de Benta Dias eis que o viúvo Paulo de Proença Abreu teve bons motivos para se remoer por ter ficado de fora da partilha dos bens de sua falecida mulher. Explica porque, semanas após a morte de Benta Dias, Proença de Abreu procurou seu cunhado Balthazar Fernandes e acertou a compra do moinho que pertencia ao casal.

Descrição: Uma das mais antigas referências a um moinho operando no termo da vila de Santana do Parnaíba está no inventário do português Antônio Furtado de Vasconcellos, aberto dias após a sua morte, em 1628. Ele faleceu em Parnaíba, sem deixar filhos do seu casamento com Benta Dias. Sem herdeiros, todos os bens acumulados pelo casal passaram a pertencer à sua mulher; inclusive o “moinho de água” avaliado em 30 mil réis “por estar danificado” (2) — O fato de o moinho estar danificado pode indicar que não seria tão recente. Poderíamos, desse modo, presumir a data de sua construção em torno de 1620 e 1625.

Fonte: Arqueologia paulistana, abr. 2014

6 - Artefatos e sítios arqueológicos indígenas

Município: Santana de Parnaíba

Bairro: Cavas de Vila Velha, Artesano e Sítio do Morro

Categoria do tombamento: Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA.



Foto: Marcio Koch

Histórico: A coordenação do projeto com autorização do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), feita pelo servidor Clayton Galdino, teve início com o cruzamento de informações históricas sobre a presença de portos e moradias junto ao leito do rio e com o auxílio de imagens aéreas e a análise da topografia foi possível determinar possíveis áreas arqueológicas. O sítio arqueológico foi encontrado no quintal de uma residência e os artefatos estavam há quase um metro de profundidade com fragmentos de utensílios domésticos relacionados ao dia a dia dos indígenas e roceiros que habitaram a área às margens do Rio Tietê. Assim que as escavações forem finalizadas, todo o material coletado será apresentado ao público em uma exposição no Museu Anhanguera — Casarão Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo no Largo da Matriz, Nº 9 no Centro Histórico da cidade.

Descrição: Encontrado artefatos históricos em escavação arqueológica no bairro Cristal Park em Santana de Parnaíba. A Prefeitura de Santana de Parnaíba, por meio de parceria entre a Secretaria de Cultura e Turismo e a Secretaria de Meio Ambiente e Planejamento, realizou uma escavação arqueológica no bairro Cristal Park às margens do Rio Tietê. O trabalho envolve uma equipe de 6 pessoas que iniciaram as escavações nas últimas semanas. Mais de 150 peças arqueológicas já foram encontradas na área, entre artefatos cerâmicos, faiança ibérica e alpaca.

Fonte: <https://alascaconsultoria.blog/2018/08/15/estudos-arqueologicos-em-santana-de-parnaiba/>.

7 - Casa Mineira

Município: Santana de Parnaíba.

Bairro: Suru.

Categoria do tombamento: Não possui.



Foto: Victor Hugo Mori

História: É na Fazenda do Voturuna que se encontra o famoso retábulo da capelinha do Padre Guilherme Pompeu do século XVII, que Lúcio Costa entende ser o começo da arte brasileira. Em 1971, a sede da Fazenda Retirinho foi comprada por Otaviano Machado Melo Barreto, proprietário da Fazenda do Voturuna.

Descrição: Exemplar da sede da Fazenda Retirinho, construção do século 19, ficava em Minas no município de Rio Espera, próximo à cidade Santana dos Montes, na região de Conselheiro Lafaiete. Sua origem era interessante: a “fazenda mãe”, denominada São Lourenço, foi subdividida em partes menores para contemplar todos os herdeiros. Uma dessas fazendas surgidas do parcelamento da São Lourenço era a Retirinho.

O Sr. Otaviano e o Sr. Ilo foram para Rio Espera em companhia do amigo Luís Saia conhecer o local. Foi nessa viagem que conheceram a Fazenda da Posse do XVIII. Todo o material foi levado para São Paulo no ano de 1971.

Fonte: Victor Hugo Mori e IPHAN-SP.

8 - Centro Histórico de Santana de Parnaíba

Município: Santana de Parnaíba.

Bairro: Centro.

Categoria do tombamento: CONDEPHAAT e IPHAN.



Foto: Divulgação/SECOM Santana de Parnaíba

Histórico: Em finais do século XVI, o capitão André Fernandes construiu uma capela que deu início ao povoado de Santana de Parnaíba, às margens do Rio Tietê. Foi elevada à vila em 1625 e ao município em 1906. As construções do núcleo histórico são predominantemente do século XIX, térreas e assobradadas, todas no alinhamento do lote, telhados em duas águas com beirais paralelos à calçada e, em sua grande maioria, geminadas. Originalmente construídas em taipa de pilão e pau-a-pique, muitas ainda preservam esta técnica construtiva.

Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 199, p. 49, 16/08/1982.

Publicação do Diário Oficial: Com suas construções coloniais, a cidade concentra um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos do Estado, com 209 edificações, tombadas, em 1982, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). Mas antes, em 1958, a residência bandeirista urbana, construída na segunda metade do século XVII, onde atualmente funciona o Museu Anhangüera é o sobrado construído no século XVIII, onde está instalado o Casarão Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAN).

Fonte: Rosa Castro, CONDEPHAAT e IPHAN.

9 - Capela Nossa Senhora da Conceição do Ibituruna. (Capela Velha)

Município: Santana de Parnaíba.

Bairro: Suru.

Categoria do tombamento: Patrimônio Material.



Foto: IPHAN

Descrição: Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Voturuna.

Nº Processo: 0222-T.

Livro Belas Artes: Nº inscr.: 295 ; Vol, 1 ; F, 051 ; Data: 19/02/1941.

Livro Histórico: Nº inscr.: 154 ; Vol, 1 ; F, 026 ; Data: 19/02/1941.

Obs.: “O tombamento inclui o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº13/85/SPHAN”.

Histórico: Nas proximidades do morro de Voturuna ou Ibituruna, onde em fins do século XVI Afonso Sardinha andou em busca de ouro, foi assentada a fazenda e a capela de Nossa Senhora da Conceição, edificada pelo capitão Guilherme Pompeu de Almeida. A capela erigiu-se em 1687 e seu fundador, segundo Pedro Taques, dotou-a com mão liberal, *“constituindo-lhe um copioso patrimônio em dinheiro amoedado, escravos oficiais de vários ofícios, e todos com tendas para o exercício de suas ocupações. Adornou a capela com retábulo de telha toda dourada e lhe deu ornamentos ricos para as festividades, e outros de menos custos para seminário com castiçais de prata”*. No testamento de seu filho, o padre Guilherme Pompeu refere-se a isso, em 1710, que existiam na *“capela de Ibyturuna”* sob sua administração 204 peças de gentio da terra, 52 cabras, 100 porcos e 80 cabeças de

gado (24). O capitão Guilherme Pompeu determinou na escritura de data de 13 de fevereiro de 1687 que a administração deveria passar de seu genro Capitão Antônio de Godói Moreira aos herdeiros e descendentes deste.

Um documento copiado pelo historiador de Parnaíba, padre Paulo da Silveira de Camargo do Livro do Tombo das Paróquias deixadas 200\$000 para os festejos de Nossa Senhora da Conceição. Na cópia que publicou o referido historiador lê-se que a capela de Voturuna foi “*erecta, segundo a Escriptura de dote, em 1687 pelo capitão-Mor Guilherme Pompeu de Almeyda, Administrador, e por seu falecimento e seu genro a Capitão Antônio de Godoi Moreira, e delle correndo linha recta por seus herdeiros, e presentemente se acha de posse desta Administração um neto do dito Capitão Manoel Vieira Raposo*”. O nome desse administrador ajuda-nos a fixar aproximadamente do documento citado, em fins do século XVIII ou princípios do XIX, pois mesmo Manuel Vieira Raposo tinha, segundo Silva Leme, cinquenta anos de idade aos casar-se, no ano de 1805 em Parnaíba, com Escolástica Maria de Camargo.

Tentando estabelecer a lista dos vários administradores que vieram sucessivamente do capitão Antônio de Godói Moreira. Manuel Vieira Raposo era filho de Rita da Silva Godói, casada em 1749 em Parnaíba com João de Matos Raposo, que morreu aos oitenta e sete anos de idade em 1786. Seriam os antecessores de Manuel Vieira Raposo na Administração da Capela. Rita do Godói era filha de João de Godói de Almeida (ou de Mendonça), morto de bexigas em 1727 e que era, por sua vez, filho de Antônio de Godói Moreira.

A este, segundo cópia do documento citado, caberia à administração da capela ao falecer o capitão-mor Guilherme Pompeu de Almeida seu sogro. Como explicar entretanto que o padre Guilherme Pompeu, o banqueiro dos bandeirantes e filho do referido capitão-mor, fizesse menção, em seu testamento publicado por Azevedo Marques, da capela velha de Ibituruna, acrescentando “*que também me coube de herança*”

É provável que na cópia publicada pelo padre Silveira de Camargo tenham sido saltadas algumas palavras do original, pois no texto tal como aparece em seu livro o sentido se torna difícil: “*erecta, segundo a escritura de dote, em 1687 pelo capitão Mor Guilherme Pompeu de Almeida, Administrador, e por seu falecimento o seu genro...*” O trecho omisso estaria imediatamente antes da palavra “Administrador”, e deveria indicar que o capitão-mor *fazia a seu filho homônimo, o*

Reverendo Dr. Guilherme Pompeu de Almeida, Administrador e por morte deste ao capitão Antônio de Godói Moreira.

Que a capela de Voturuna esteve sob a administração do Dr. Guilherme Pompeu até a morte deste, ocorrida a 7 de janeiro de 1713 não resta dúvida. E aliás o próprio Silveira Camargo declara em outro escrito que o capitão-mor Pompeu e por morte deste ao capitão Antônio de Godói Moreira, “dele correndo em linha recta por seus herdeiros”.

Tendo erguido a capela de Nossa Senhora da Conceição em Araçariguama, que fez sua herdeira universal, e pretendendo legar aos padres Companhia os bens deixados a essa capela, é de presumir tivesse o padre Pompeu abandonado um pouco á sua sorte a de Voturuna da mesma invocação, que deveria passar a administração do cunhado, Antônio de Godói, casado com sua irmã Ana de Lima e Morais.

É possível mesmo que tivesse havido alguma divergência entre os cunhados, pois tendo feito certa doação à capela de Voturuna, o padre Pompeu revogou-a mais tarde “pela incompetência e confusa ordem que na revogada doação havia”.

Como assistiram nas imediações os jesuítas, administradores de Araçariguama, é possível supor que com eles estivessem em relações constantes os moradores de Voturuna, em sua maioria indígenas e mestiços.

O padre Silveira Camargo refere que há poucos anos assistiu na Santa Casa de Parnaíba à morte do indígena José Lacerda, de quem se dizia: é o “último índio da capela velha”.

Conforme vimos o capitão-mor Guilherme Pompeu, falecido em 12 de novembro de 1691, deixou diversos legados à capela de Voturuna. Com os de menor custo, destinados ao semi nário, figuravam castiçais de prata. E, efetivamente, entre as riquezas doadas, a única coisa que ainda resta, segundo D. Duarte Leopoldo são quatro castiçais de prata, que se acham, ou se achavam, na capela do SS Sacramento em Parnaíba, para onde foram levados.

Fonte: Sérgio Buarque de Holanda.

10 - Capela da Santa Cruz

Município: Santana de

Parnaíba. **Bairro:** Suru.

Categoria do tombamento: Não possui reconhecimento por parte do estado.



Foto: Victor Hugo Mori

História: O aspecto familiar marca todos os relatos, ainda que evitado em alguns momentos devido às divisões de terras muitas dessas contestadas e que acabaram por colocar familiares em lados opostos. As capelas são outro ponto de destaque na vida da comunidade em torno da serra. A capela Santa Cruz é um símbolo da família Rosário, sua construção marca um desejo antigo dos familiares.

Descrição: Essa é a capela de Santa, quem fez a primeira capela foi Dito Botuca, era conhecido pelos antigos como a Capelinha do Botuca, ele fez ela de Pau a Pique, quando o ser narciso ficou doente, ele queria construir essa capela de tijolo, mas ele ficou doente e não conseguia mais, então ele falou para o Paulo, não deixe que o Joaquim e Antônio esquecer de fazer essa capela de tijolo, o Paulo pegou no pé dos irmãos, então o Joaquim e o Antônio compraram material e construíram a capela, mas com o tempo a capelinha ficou com o problema no telhado, logo a dona Zézé que era filha do Doutor Jaime, ficou de reformar essa, porque tinha várias capelas daqui até Santana de Parnaíba e cada um pegou para reformar uma, e a dona Zézé reformou essa aqui.

Fonte: Emaculada Rosário, moradora e esposa de Paulo do Rosário e o seu Narciso do Rosário.

11 - Capela de Santo Antônio do Suru

Município: Santana de Parnaíba.

Bairro: Voturuna.

Categoria do tombamento: Não possui.



Foto: Prefeitura de Santana de Parnaíba

História: Em 16 de dezembro de 1997, a capela foi tombada pela Lei nº. 1.840 (Plano Diretor de Santana de Parnaíba 2005/2006), devido a sua precária condição e tamanho, foi construída ao seu lado uma capela um pouco maior que comporta aproximadamente 50 pessoas sentadas. Hoje é usada pelos fiéis apenas a construção mais recente e a capela original, que se encontra ao lado, permanece apenas para visitação.

Descrição: O bairro do Suru se localiza aproximadamente há 5 km do centro histórico de Parnaíba. Originado das pequenas colônias de trabalhadores de sítios e fazendas, este bairro foi um dos primeiros da cidade. Hoje ainda é considerado um bairro rural e vive de pequenas e médias plantações, principalmente de hortifruti. A estrada ecológica do Suru é a principal via do bairro e a única via para o centro de Parnaíba, que também dá acesso à rodovia Castelo Branco. No meio do caminho encontramos a capela de Santo Antônio do Suru, a cidade não tem informação de quando essa capela foi construída, mas os mais velhos do centro histórico dizem que a capela está lá desde os primórdios da cidade.

Fonte: Patrimônios da Fé: A Festa de Santo Antônio do Suru como patrimônio imaterial do município de Santana de Parnaíba- SP, Raysa Deberaldini Hatya.

12 - Capela de São Benedito no Cururuquara

Município: Santana de Parnaíba.

Bairro: Cururuquara.

Categoria do tombamento: Em análise no IPHAN



Foto: Prefeitura de Santana de Parnaíba

História: Na ocasião da abolição da escravatura foram plantadas 8 palmeiras, ali no bairro Cururuquara. Seu avô foi escravidado até a data, na época ele era adulto, velho, já casado. Então foi feita uma reunião com os amigos da escravatura, como explica Dona Luiza, e começaram a trabalhar por conta própria. Tempos depois da abolição da escravatura, ali mesmo próximo às palmeiras — onde hoje é conhecido como Largo das Palmeiras — foi construída uma pequena capela em homenagem a São Benedito. Uma senhora chamada Curita, também escravidada, juntou as pessoas e a construíram em pau a pique — das 8 Palmeiras plantadas naquela ocasião, 4 permanecem no local.

Descrição: 13/05/1888. No dia em que os negros conseguiram a sua libertação, na vila de Cururuquara, eles cantaram e sambaram quatro dias e quatro noites sem parar e plantaram quatro coqueiros. A festa começa dia 12 de maio, ao meio-dia. Uma imagem de São Benedito é tirada da casa onde ficou um ano e é levada para a capelinha, uma pequena igreja local. O santo é vestido e às oito horas da noite sai em procissão para a capela das Palmeiras. Na capela a festa continua com reza, fogueira e quentão. No dia 14, São Benedito é levado para uma outra casa, onde ficará até a próxima festa.

Fonte: CONDEPHAAT, Dossiê Samba Rural IPHAN

13 - Romaria ao Bom Jesus

Município: Pirapora do Bom Jesus.

Bairro: Centro.

Categoria do tombamento: Patrimônio Imaterial.



Foto: Jornal O Anhanguera

História: Em 1725, quando pescadores encontraram a imagem do Senhor Bom Jesus apoiada numa pedra, às margens do Rio Tietê. Logo após ter sido encontrada, a imagem foi colocada num paiol de milho, local onde aconteceu o primeiro milagre. O paiol pegou fogo e foi destruído, sendo que, apenas o milho e a imagem entalhada em madeira - não foram atingidos pelas chamas. Após o ocorrido, a imagem ganhou um altar doméstico, onde permaneceu por pouco tempo, já que deveria ser levada para Santana de Parnaíba, pois Pirapora era apenas uma sesmária pertencente ao distrito parnaibano. No caminho aconteceu o segundo milagre. No quilômetro 47 da Estrada dos Romeiros, o carro de boi que levava a imagem parou e não queria continuar o percurso. Foi quando um mudo disse que a imagem deveria voltar para Pirapora, lugar onde o Senhor Bom Jesus queria ficar.

Descrição: Em 1927, foi construída a primeira capela ao padroeiro da cidade. Desde então, a cidade vem recebendo um grande número de romeiros, tanto em datas religiosas, quanto nos finais de semana, tornando-se, um dos principais pólos de atração de romeiros do Estado de São Paulo, bem como do país. O Santuário localizado no Largo da Matriz é um monumento datado de 1793.

Fonte: Victor Hugo Mori é arquiteto do Iphan-SP, membro do Icomos e conselheiro do Condephaat, Conpresp e Condepasa.

14 - Samba Rural Paulista ou Samba de Bumbo

Município: Santana de Parnaíba e Pirapora do Bom

Jesus.

Outras cidades: Campinas, Capivari, Mauá, Piracicaba, Quadra, Tietê e Vinhedo.

Categoria do tombamento: Estadual *resolução SC nº 55, 2017* e sob Registro pelo IPHAN.



Foto: Mario de Andrade, 1954

História: Há diferentes tipos de samba ao longo da costa brasileira, dependendo dos grupos étnicos dos negros escravizados que para cá foram trazidos e da natureza das tradições locais que aqui encontram. A maioria proveniente da região de Angola/Congo. O samba começou a manifestar-se na Bahia, e veio se espalhando pelo Brasil junto à diáspora africana.

O samba da então capital federal, Rio de Janeiro, deu vida e identidade para o samba no Brasil; atendeu aos anseios políticos das primeiras décadas, representando os ideais nacionalistas; correspondeu aos interesses econômicos, pois se tornara um produto rentável e ainda ia ao encontro de uma elite que já havia sido seduzida pelo samba.

No entanto, a massificação gerada pelo rádio, televisão e a indústria fonográfica, impôs ao território nacional o modelo de samba e posteriormente das escolas de samba do Rio de Janeiro, obscurecendo as diversas facetas com que o samba se manifesta no país, inclusive em São Paulo, cidade que havia sido escolhida no plano nacional como a locomotiva econômica, ligada ao progresso, que não combinava com os batuques feitos por negros, assim como não combinava a

imagem do sambista, o malandro, com aquela que seria conhecida como capital do trabalho.

Descrição: Em 2013, grupos de Samba de Bumbo, Samba de Lenço, Samba-Lenço, Samba de Roda e Samba Caipira de São Paulo, representados pelo Fórum para as Culturas Populares e Tradicionais (FCPT), sob presidência do pesquisador Marcelo Manzatti, entregaram ao IPHAN o pedido de registro do “Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista como Patrimônio Imaterial”. Neste documento, são citados 14 grupos que estariam em atividade, localizados em 9 municípios paulistas. Seriam eles: Samba de Roda e Vovô da Serra do Japi (Pirapora do Bom Jesus), Samba do Cururuquara, Grito da Noite e Votubumbá (Santana de Parnaíba), Samba de Dona Aurora (Vinhedo), Samba Caipira (Quadra), Samba-Lenço (Mauá), Samba-de-lenço (Piracicaba), Urucungos, Puítas e Quijengues (Campinas), Grupo Sambaqui, Kolombolo Diá Piratininga, Ingoma Paulista (São Paulo) e Teatro Popular Solano Trindade (Embu das Artes).

Em 2016, o Fórum para as Culturas Populares e Tradicionais (FCPT) apresentou ao técnico do IPHAN, Marcos Rabelo, uma proposta de Sumário para elaboração do Dossiê de Registro, bem como a apresentação e formalização de um Grupo de Trabalho para a pesquisa do Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista. O Centro de Estudos da Cultura Popular, o CECP. Foi selecionado e iniciou o trabalho de pesquisa e organização de fontes em dezembro de 2019. Naquele momento, 17 grupos de Samba Rural Paulista ou Samba de Bumbo estavam listados no Edital e previamente identificados. Eram eles: Samba de Roda de Pirapora e Vovô da Serra do Japi (Pirapora do Bom Jesus), Samba do Cururuquara — Grupo 13 de Maio, Grito da Noite, Galo Preto, Piragalo, Samba de Bumbo Votubumbá, (Santana de Parnaíba), Samba de Dona Aurora (Vinhedo), Samba Caipira Filhos de Quadra (Quadra), Samba-Lenço (Mauá), Sambade-Lenço Mestre Antônio Carlos Ferraz (Piracicaba), Grupo de Teatro e Danças Populares Urucungos, Puítas e Quijengues (Campinas), Comunidade Cultural Quilombo Sambaqui, Kolombolo Diá Piratininga, Ingoma Paulista, Sucatas Ambulantes (São Paulo) e Teatro Popular Solano Trindade (Embu das Artes). Os agrupamentos que foram identificados a partir da pesquisa e que não constavam no Edital são: Samba de Bumbo de Itu (Itu), Samba de Bumbo Nestão Estevam, Movimento Cultural Nhô Arruda (Campinas), Samba do Pé Vermêio, Samba de Bumbo de Dandara, Bloco

Abayomi, Berro da Noite do Sexo Forte, Galo Garnisé, Esquentá do Sambão e Briga de Galo/Sufruto (Santana de Parnaíba).

Fonte: Daniel Benedito. Pedido de Registro do Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista. Número do protocolo 01450.008954/2013-58 e decreto Estadual nº. 57.439, de 17 de outubro de 2011. IPHAN 2022.

3.5 Moradores antigos da Serra do Voturuna

A organização das narrativas dos moradores aconteceu de duas maneiras, a primeira foi resultado da revisão bibliográfica e uma seleção de trechos de entrevistas já realizadas, caso de João do Pasto do Samba de Pirapora, já falecido, e de Dona Luíza e Seu Carmelino do Cururuquara entrevistados no trabalho de Marcelo Manzatti e Juliana Yade.

A segunda parte é resultado das entrevistas em audiovisual feitas durante essa pesquisa, realizadas com os moradores que vivem próximo da Serra do Voturuna: Dona Emaculada, Zé Maria, Dona Dita, Seu Mané, Seu Elizio e o Emanuel da Pousada do Centro Histórico, todos com mais de 60 anos. As narrativas estão apresentadas no Glossário organizado por tema.

O aspecto familiar marca todos os relatos, ainda que evitado em alguns momentos devido às divisões de terras, muitas dessas contestadas, que acabaram por colocar familiares em lados opostos.

Essas famílias mantinham nas festas em torno das capelas uma oportunidade de reencontros. As capelas são outro ponto de destaque na vida da comunidade em torno da Serra. A capela Santa Cruz é um símbolo da família Rosário, sua construção marca um desejo antigo dos familiares, são importantes na comunidade e todos conhecem suas histórias e a importância delas. As capelas estão no imaginário dos moradores da região, seja na lembrança dos roubos das peças sacras ou das festas, com sua Reza Cabocla, Congada, São Gonçalo, e o Samba de Bumbo, patrimônio imaterial que surge em outra capela no entorno da Serra do Voturuna, é ali que acontece manifestação popular, é na Capela da família de Dona Luíza, uma das mais antigas e responsáveis em manter viva a festa de São Benedito e do Samba de Bumbo.

Atualmente, as capelas recebem cada vez menos visitas, nota-se diminuição do catolicismo entre os moradores, ao mesmo tempo em que aumentam as igrejas evangélicas nos bairros onde ficam a Serra do Voturuna. No Cururuquara onde fica a Capela de São Benedito, as famílias originárias deixaram o bairro após inúmeros litígios quanto à posse das terras, hoje o bairro, assim como parte da Serra, é formado por sítios e chácaras para o fim de semana. Os novos moradores desconhecendo a história acabam criando obstáculos para as festas tradicionais. As entrevistas foram registradas em áudio e vídeo, transcritas e organizadas por temas em um Glossário, apresentado nos materiais e métodos.

Mané do Pesqueiro - 75 anos

Seu Mané do Pesqueiro do Suru, de família tradicional no bairro e na cidade, já foi um dos mais empolgados foliões, mas conta que depois que se tornou evangélico, deixou de lado muitas das festas que eram realizadas em sua casa. No tempo em que sua esposa era viva a fazenda era o ponto de encontro do São Gonçalo, próximo a Capela Santo Antônio do Suru. Nascido em 1953 no próprio bairro, com a Benedita Narcisa, sendo ele filho Margarida Vieira da Silva que segundo Seu Mané era filha de portugueses, já o lado paterno ele falou que o pai dele Antônio Rodrigues da Silva, era lavrador e neto de escravizado.

Dona Emaculada do Nascimento do Rosário - 70 anos

Nascida em Minas Gerais, veio junto com o pai para um tratamento onde conheceu ainda na infância e depois casou-se com o Paulo do Rosário. Ela se lembra do sítio do Bernardo Marques, sua cachoeira e tudo que a vida na fazenda poderia propiciar, levantar com o raiar do sol, ir pra roça e no final do dia retornavam trazendo um pouco de lenha, mandioca, chegando em casa limpar arroz, socar café. Depois que terminava essas tarefas ia brincar no pasto com uma família de 13 irmãos. Ela teve 8 filhos, sete homens e uma mulher.

Elizio Marques da Silva – 82 anos

Seu Elizio é muito conhecido no bairro pelas garrafas e conhecimento das ervas da Serra, ele também é responsável pela romaria que é realidade na festa de Santo Antônio, antigo morador conhece as árvores da mata como poucos, ele mora sozinho, viúvo, recebeu-me em sua casa ao lado de seus santos e do mastro da Festa de Santo Antônio que ele guarda com enorme respeito. Muito devoto ele fala da importância de Santo Antônio na vida dele e como a religião, ele comenta sobre o roubo e a imagem foi tirada da capela, até hoje a imagem não voltou para a capela, ele é responsável em trazer a romaria com os cavaleiros.

Emanuel França Barbosa - 71 anos

Morador de São Paulo, passou por Parnaíba e foi até Pirapora, mas foi a passagem em Parnaíba e as casas históricas foi exatamente isso que o interessou, ele procurou uma casa que tivesse um terreno leste-oeste, que houvesse o sol de manhã e à tarde. Emanuel é conhecido por assessorar pesquisadores e estudiosos da história de Santana de Parnaíba, sua pousada no centro histórico.

José Gertrudes da Maria Costa “Zé Maria” – 67 anos

José Gertrudes da Costa, 67 anos, nascido em Minas Gerais em 1954 na cidade Rio Vermelho em Minas Gerais no dia 24 de agosto, ele fala muito das experiências místicas que ele teve com a Capela e com a Serra, ela relata a companhia de seus guias, a relação que ele estabeleceu é de muito afeto e respeito, é um dos mais antigos funcionários da fazenda onde fica a Capela Nossa Senhora do Ibituruna.

Benedita da Fonseca Costa – 65 anos

Dita, é filha de encapelado e fala sobre a lembrança que tem do roubo da capela de Santo Antônio do Suru, mesmo pequena se lembra de como o episódio a assustou, o que provocou o fechamento de outras capelas para visitação.

João Alves do Amaral “João do Pasto” – falecido- (registro apenas bibliográfico)

Agricultor João Alves do Amaral o “João do Pasto” nascido em 12 de maio de 1936 é Mestre e Embaixador do Samba de Roda de Pirapora do Bom Jesus, o pai Antônio Barreiro fazia festa de São Roque do Barreiro de onde veio o desejo e motivação para integrar por muitos anos junto a lendária Mari Esther o grupo de Samba de Roda que recebia os romeiros durante as festividades.

“Dona” Luíza Camargo de Jesus – 87 anos- (registro apenas bibliográfico)

Luíza Camargo de Jesus, mulher negra e responsável pela preparação da cachaça do samba, nascida no cururuquara é das figuras mais importantes e matriarca do Samba de Bumbo, neta de Leandro Manuel de Oliveira que deu início a festa do Cururuquara em homenagem a São Benedito.

Carmelino Eusébio de Jesus “Seu Carmelino” - 100 anos- (registro apenas bibliográfico)

Carmelino Eusébio de Jesus e segundo ele “tudo começou em 13 de maio de 1888. Os escravos de Nhô Bueno ganharam um pedaço de terra cada um. Mas ficaram se questionando o que fazer com a liberdade recém-conquistada. Decidiram, segundo se conta, primeiramente, comemorar, é o que conta Carmelino Eusébio de Jesus. Seu Carmelino como é conhecido é um dos mestres mais importantes do Samba de Bumbo tocado em frente à capela de São Benedito é casado com Dona Luíza.

3.6 Glossário das Narrativas e dos moradores antigos da Serra do Voturuna

Catolicismo e fé

“Até com a gente as pessoas mudam, fica arisco com a gente, não falo nada, não critico, não tenho a haver com isso, eu vou morrer católico, nasci católico e vou morrer católico, tem gente que vergonha de falar que é católico, eu não, não mexo com a vida de ninguém, mas não mexa comigo, teve gente que veio aqui, tem gente de tudo jeito, tem muita religião. Pra entrar no seu tem que ser Santo, mas como se eles não acreditam em santo católico não adora santo, a gente respeita.” (Elizio)

“Eu respeito muito as pessoas, uma criança merece respeito, eu respeito desde as crianças você viu os pequeninos seus, uma criança desse tamanho eu respeito eles, tenho muito respeito por eles hoje em dia as pessoas valem o carro que tem, pela roupa que tem eu acho isso muito difícil, não é roupa que faz ninguém.” (Elizio)

“Eu gostaria que fosse preservado todas comunidades, que as pessoas tivessem mais fé, unisse, tivesse mais união, prestar mais atenção que o pessoal hoje só olha pra baixo eles não olham pra cima, são poucos você pode contar os dedos, e eu vejo isso aí, eu sinto no coração e eu tenho a visão, e aí perguntaram pra mim, zezinho você é espírita? eu sou filho da natureza e tudo que eu faço é para a natureza. Gostaria muito quem tem as capelas fechadas que já vem dos antepassados que voltassem a abrir.” (Zé Maria)

Mãe Douro

“Já ouvi falar da mãe douro, uma estrela que você está assim no lugar e de repente ela cai, uma bola de fogo, ali na terra sempre cai uma bola, aqui atrás, uma bola de foto, eu vi, quando a gente vinha da capela aquela estrala, agente falava que era aquela estrela caindo.” (Dita)

São Gonçalo do Amaranto

“Tinha vez que nos fazia São Gonçalo, tive uma vez que foi feito ali e depois foi na casa das pessoas, cada um que queria fazer o São Gonçalo na sua casa, uma promessa, tinha o seu Pedro Lebre o Joaquim Crispim que era o cabeça disso daí, o Benedito Evaristo e Joaquim Narciso que tocava a viola e dança o São Gonçalo. Só na comunidade aqui, aí eu fiquei sabendo que a pessoa lá no Sítio do Morro, o filho dele sempre vem comer aqui, o Seu Camelino. Eu não sei se eles mudaram a dança e música, era uma dança bonita” (Seu Mané).

“Mutirão, junta as pessoas, ninguém cobra, por exemplo fazia assim, o Seu Narciso só dava a comida e a noite era o baile, o povo

dançava a noite inteira, tocava muito Sanfona, violão, pandeiro e muito São Gonçalo, inclusive o Paulo foi dos últimos a tocar São Gonçalo, ele parou porque depois que ele teve problema de saúde, a mão dele ficou meio dura, ele tirava violão, tocava viola.”(Emaculada)

“Eu nunca fui muito amante da festa de São Gonçalo mas era uma festa muito famosa aqui, o São Gonçalo são três rodadas, é feito ali no altar, ai tem dois violeiros e um pandeiro, eles vão tocando e cantando só os violeiros, vai e volta três vezes, vai para frente e volta para trás, tocando e cantando, e quando termina eles ficam de lado tocando e cantando, ai vai as pessoas e faz a mesma coisa, vai e volta, sempre de 3 pessoas e assim vai até o último, depois tem a pausa, e ai servia a temperada pra quem gostava, a pinga, tinha as diosinhas e servia café e pão, sem margarina sem nada, ai os violeiros descaçavam e vinham a segunda rodada, e novamente a mesma coisa, e depois um cafezinho, vinha gente de longe do Ingaí, do Cururuquara, de Santana de Parnaíba lá perto de fazendinha. Isso a uns 40 anos, quando aqui não dava mais, nos íamos tocar em São João Novo, São roque, a onde o pessoal pedia ia tocar, porque era uma obrigação. Na terceira rodada era um pouco diferente, cada pessoa dava uma volta com a imagem do São Gonçalo e assim é até hoje. O dia que cismava marcava só avisa os violeiros na minha época tinha o Dito Evaristo que é sogro do seu Mané, tinha o João Evaristo que era filho do dito Evaristo, o paulo o Joaquim e o chico que eram irmão do Paulo. O seu mané é primo distante do Paulo.”(Emaculada)

“Tinha o São Gonçalo era muito bonita essa festa eu descia duas vezes porque era uma dança muito série, tinha que ser muito religioso e amanhecia a dança, dava aquelas voltas e tinha os dois violeiros que ficavam tocando, e o pessoal ficava dançando em volta, hoje em dia não tem mais, teve aqui no Suru, no pesqueiro, você era criança, lembra a Raquel do Zé Antônio, foi aqui no Conquista no Rosário. Todo mundo participou desse São Gonçalo. O chiquinho irmão do Paulo que tocava o São Gonçalo.” (Dita)

“Um era o Chico e o outro violeiro era o se Joaquim que faleceu irmão do Paulo, todo mundo dançava, o que não sabia o outro puxavam porque davas umas voltas e tinha que fazer as danças certas, tinha o terço primeiro e depois começava as danças, um terço pra São Gonçalo que tinha as danças. Na reza de mês tinha uma pinga que era muito gostoso, mas era um pouquinho pra cada um, a temperada, era tradição, mas no São Gonçalo não tinha não, não me lembro se tinha não. (Dita)

Homenagens

A festa do suru, a escolinha do Suru, a escolinha nossa, nos estudamos e derrubaram,(eu fiquei sabendo pela Emaculada que a Escola Florência de Atayde era para se chamar narciso José do rosário, mas como ele não tinha uma foto acabou ficando Florêncio de Athayde que na verdade nem é daqui) nem sei quem é, agente nem sabe quem

é, poderia ter ficado o nome do meu avô, João Crispim de Oliveira, (Dita)

João Crispim

“Ele era quarterão, pegava todos os casos, problemas que tinha na comunidade e levava pra ele, uma briga, um roubo ele que levava, um investigador, falava quarterão de polícia, naquele tempo era assim e aqui era só ele, e ele andava a pé, não tinha carro pra ele não, andava a pé, ele andava de terno e peção no chão, antigamente, era costume dele, ele não gostava de andar de Sapato.”(Dita)

Engenhos e Benedito Botuca

“Aqui nesse sítio aqui que hoje tem o nome de Conquista, lá na frente que tem umas moitas de taquara, ali tinha um engenho de pinga, e ele tava trabalhando no engenho, isso eu fiquei sabendo com os moradores, que tinha o Benedito Botuca que era muito amigo no senhor Narciso e era dono desses terrenos aí.” (Emaculada)

Serra do Voturuna

“Meus filhos foram criados em uma vida simples, mas nunca falou nada pra eles, mas eles foram criados soltos iguais índios, sabe? Eles gostavam muito de brincar no meio do mato, eles faziam a represa deles com o córrego que tem aí em baixo, foi simples, mas teve conforto. (Emaculada)

“Lá no começo, lá no alto era um pasto que todo mundo colocava seu animal, era boi, era cavalo, então todos os moradores tinham suas criações lá, e pra cá eles faziam sua lavouras e o seu Narciso tinha a sua. E aí na época que podia caçar eles iam acampavam na sexta feira a noite e no domingo eles viam embora na parte da tarde, tinha ele o Joaquim e eles eram muito apegados um ao outro, depois foi proibida a caça, mas ele não parou de ir acampar, até perto dele morrer ele ia acampar com os filhos, ele já não aguentava mais subir e o Walter levava ele de moto nas trilhas ou os meninos levavam ele pra subir o morro. Ele gostava de ir dormir lá e assim é a história dele por aqui.” (Emaculada)

“Agente conhece muito erva, tem aquela erva, as pessoas pedem pra mim, em Parnaíba eu levo direto se pede pra mim, você tem tal erva? Eu levo, é mastruz, carqueja, passatumba esses dias veio um homem procurar aqui, tá com a perna ruim, aí a pessoa fica bom e conta pra outro e outro vem buscar, e aí tem no mato o que eu puder arrumar eu arrumo.”(Elizio)

“A turma de Araçariguama vinha por lá, eu sei que a turma do Suru andava por aqui, quando tinha a festa da Aparecidinha o povo andava muito na serra, o pai do compadre Paulo o seu Narciso, Joao Crespin essa gente mais antiga utilizava muita a Serra, cortava a Serra, tinha um lugar certo pra subir e já descia um pouco a esquerda próxima de Araçariguama, pertinho de Pirapora.” (Elizio)

“Eu trabalhei na serra eu acho que quatro anos, arrancando erva-de-rato, lá na santa isabel, a uns trinta anos tinha muita água, só pra você ter uma ideia, ali tem um segredo tão grande ali tinha uma coisa tão bonito, tem a cachoeira né, você já foi até o final lá em cima, onde nasce água né, são três nascentes, quando chega na época do inverno ela some.” (Zé)

Casa de Taipa

“Era os tataravós, inclusive esse meu tataravó, era empreiteiro dessas casas de taipa, ele fazia essas casonas levava os escravos, é uma casa que tinha ali pra baixo da igreja católica, que os escravos quando eram bem vagabundos e não fazia nada, o que o papai contava, tinha um que era o chefe tinha ordem, mandava matar e colocar no meio da parede, isso eu ouvia do papai, eles iam puxando não quer trabalha, executava e colocava no meio da parede.” (Seu Mané)

Cemitérios

“O avó do Paulo nasceu aqui, o pai do Paulo nasceu aqui, esse sítio tudo foi da família deles, só que é um sítio que não tem documentação, eles nunca ligaram de fazer uma documentação, aqui assim tinha um cemitério de escravos, lá no Antônio Japonês, ali era o cemitério dos escravos, porque avó do Mané era do tempo da escravidão, ela tinha escravo, essa turma já pegou o tempo dos escravos. Era a Matilde Moraes.” (Emaculada)

Capela Santa Helena

Tem aquela capela da Santa Helena, eu conheci a capela antiga, eu conheci a capela que tinha lá, eu não cheguei ver a imagem da Santa Helena que tinha lá, se quer saber quem tem a porta dela a antiga guardada como relíquia, o seu Jorge espanhol e patrão do Zé Antônio tem a porta de ferro. (Zé)

Capelas da Serra

“Chegou um certo tempo eles roubaram a santa, alguém levou a santa embora e a capela foi destruída, ai eu falei, pois eu vou achar, sai um domingo aqui, né, porque eu não gosto de andar no mato, longe assim, sabe eu pedi para as 13 almas benditas que me guiasse, que Jesus me guiasse até lá, porque eu queria ver, pois eu cheguei lá eu andei parece que uns 20 metros assim, já encontrei onde tinha sido a capela pedaços de louça, pedaço de tijolo onde a turma arma a barraca, pra quem quiser ver.” (Zé Maria)

Forno no Voturuna

“Forno de fazer carvão eu já achei, tinha um forno na divisa da flora, aqui na divisa depois do Fernando, é mas tá dentro do Voturuna, esse forno desmantelado tá dentro do Voturuna, naquela coisa da água,

embaio só pra você ter uma ideia embaixo do terreno do seu Antônio tinha um, é pra fazer carvão.” (Zé)

Capela Santa Cruz

“Essa é a capela de Santa, quem fez a primeira capelinha foi Dito Botuca, era conhecido pelos antigos como a Capelinha do Botuca, ele fez ela de Pau a Pique, ai quando o ser Narciso ficou doente, ele queria construir essa capela de tijolo, mas ele ficou doente e não conseguia mais, então ele falou para o Paulo, não deixe que o Joaquim e Antônio esquecer de fazer essa capela de tijolo, ai o paulo pegou nos pés dos irmãos, ai o Joaquim e o Antônio compraram material e construirão a capela, mas ai com o tempo a capelinha ficou com o problema no telhado, ai a dona Zezé que era filho do Doutor Jaime, ficou de reformar essa, porque tinha várias capelas daqui até Santana de Parnaíba e ai cada um pegou pra reformar uma, e a dona Zezé reformou essa aqui.”(Emaculada)

Festa de Santo Antônio

“A reza era cantando e agente ia mais era para namorar e dançar, depois foi criando juízo e a gente ia pra rezar também, ai tinha o festeiro que levava a cachaça e as velas, que era usada no terço e os rojões, as vezes tinham mais de um festeiro, o rojão era feito aqui em parnaíba mesmo. Era aquele bando de gente pelas estradas e ai cada um entrava na sua entrada. Antigamente o povo era unido.” (Emaculada)

“A festa do suru, vinha o padre com a banda, e o povo ficava ali reunido e depois ia embora todo mundo junto, era um povo unido, era uma família, todo mundo conhecia todo mundo, era outro tempo, antigamente ninguém fechava aporta pra dormir, o povo ia a pé para Pirapora, meu pai falava não já é muito tarde dorme ai, era outros tempos, hoje se você fizer isso não sabe nem o que acontece.” (Elizio)

Indígenas

“Meu pai era filho no Tenente Marques, minha mãe era filho do Índio, minha mãe falava muito dele, eu queria ter conhecido ele, mas não conheci nem um avó, nenhum, queria ter conhecido, mas não conheci, nenhum.”(Elizio)

Carmelino- Eu vou contar uma história para você, parece mentira, mas é verdade.

A Luíza é bisneta do senhor.

A vó dela é bem branca, a bisavó dela era tipo índia, uma mulher bem clara...

Luíza – Essa minha bisavó branca, ela é filha de índio.

Carmelino - É. E a vó da Luíza, que era filha dela, era filha de senhor, tinha foto até pouco tempo aí, é que o marido dela era bem pretinho, e a mãe da Luíza era quase da cor dela assim.

Luíza - Morena escura.

Carmelino - Ela era branca, mas ele era bem escurinho.

Luíza - Então eles também se misturavam, né? [...] olha a minha avó, minha avó era bem clara e o pai dela era bem pretinho, porque minha avó, ela é filha de sinhô, a minha avó é filha de sinhô, então ela é bem branca igual ao pai. [...]

Carmelino - Meu avô, a primeira mulher dele, eu não cheguei a ver isso daí, mas contaram para mim e tinha uma tia minha que eu conheci muito ela, era bem escurinha, e depois a outra não era nem preta nem branca, era a tia do Ditinho que foi prefeito aqui. [...]

Juliana - Então chegou lá no Cururuquara o Senhor Leandro?

Carmelino - É, ele é o primeiro que veio. [...]

Luíza - João Novaes era o meu bisavô, pai da vó branca.

(YADE. 2015, p. 109-110)

O Samba De Bumbo

João [...] quem fez os barracão foi os escravo, os bugre, como falam. Esse Samba começo aqui que diz. Aqui em Pirapora foi achado o Bom Jesus no Rio. Que eu sei assim. Acharo o Bom Jesus e foi feito uma capelinha pro Bom Jesus. Não uma igreja. Uma capelinha. Então os índio, aqui pra dentro de Parnaíba... que tinha uma tribo de índio que morava aí pra dentro de Parnaíba, onde é o Cururuquara, onde tá a igreja lá, aí já moravam. O índio era encampado. Souberam que o Bom Jesus... que era um Cristo que tava aqui, que era um Jesus que tava aqui, então, procurava vim. Fazia o Samba, tocá aqui. Vinha arrodia o santo, porque achava... sabia pela boca do povo que era o Cristo que tinha aparecido aqui em Pirapora. Como de fato o Bom Jesus tá aí. Começo dois índio a vim com os instrumentinho deles, batê. Daí que começo o Samba. Daí que começo bolá negócio dos instrumento, que formô o Samba. O Samba de muitos lugar foi formado por isso. Tem o repentista. Essas coisa que vinham cantá também, né? Mas, o que eu sei foi uns índio, uns bugre que vinha arrodia o Bom Jesus que começo esses tipo de dança aqui. Do Samba, né? O Samba daqui. Por isso que o Samba veio da raiz. O Samba de Pirapora. Que o nosso Samba nasceu aqui em Pirapora por causa disso daí. Esse povo... tinha a toca da bugra. Inda tem as casinha. Inda há pouco morava bugre ali. Morô bugre. Então, tinha nome a toca da bugra.” (MANZATTI, 2006, p. 198).

Encapelados

“Eu era ministra da comunidade Voturuna e Suru é aqui Capela do Santo Antônio do Suru, agora eu sou participo aqui, sou zeladora dessa capela, eu tomo conta dele, eu e lembro que desde pequeninha, enquanto eu tiver saúde eu vou ajudar a tomar conta dessa capela, a capela não é minha é do povo e da comunidade, mas eu vou ajudar,

mas eu ajudo cuidar, você é uma encapela? É pode até ser. Eu é que lavo as toalhas e limpo a capela.”(Dita)

“José Fonseca, ele cuidava da capela, o Santo Antônio ele era festeiro, soltar rojão colocar o mastro, junto com o mané, o Nélsom do João Moreno, meu pai pintava o mastro levantava bandeira, no dia 12, na véspera do Santo Antônio, era o Nélsom, o Mané, o seu Joaquim primo, e o Joaquim irmão do seu paulo, o seu Paulo, os filhos tudo participava, era um festão, mas as barracas eram daqui da comunidade.”(Dita)

Reza e Capelães

“As temperadas era da reza de mês, todo primeiro domingo de mês rezava um terço pra Santo Antônio, juntava um monte de gente, aí tinha os capelão que fiava lá na frente, João Andrade, o Dito Varisto, o seu Paulo, o meu pai era o fogueteiro, soltava os fogos, o povo adorava, não é mais o povo do Suru que faz, o povo daqui desanimou, parou, é a prefeitura que vem e outras comunidades de fora, antes era tudo daqui. Vamos ver se vai voltar né, essa pandemia aí..vamos ver.” (Dita)

Capela Nossa Senhora da Conceição

“Nunca entrei, lá eu fui bastante vez, tinha gado por lá, mas nunca entrei, eu era muito amigo do Otaviano, mas nunca entrei, nunca vi a capela, o pai dele o Fausto era muito amigo do meu pai, e por isso eu tive essa amizade com seu Otaviano, meu pai nasceu em 1879, meu pai falava que aquele tempo o Sito do Morro era mata virgem. Meu avó morava ali, aqui onde foi fechada a estrada flora era uma estrada aberta, lá onde é aldeia da Serra era 15 minutos, mas aí vinha as pessoas de fora e fecha, hoje tem que ir em parnaíba e fazer a volta, antes era pertinho, aqui onde é a Camargo correia tinha estrada que saia.” (Elizio)

“A primeira vez que eu vim na capela eu tinha 19 anos, eu conheci todos eles o seu Fausto a Dona Bebe, a sogra dele, só não conheci o sogro dele, a mãe da Maria Lúcia e conheci todas as irmãs dele, que agora não tem mais nenhuma viva, só a Lucy, a dona Dori morreu faz uns 4 meses.”(Zé)

“Quando roubaram o Santo Antônio eu era pequena, desde pequenina rezando para aquele santo e a nossa senhora da aparecida, nossa senhora da conceição, então eu me casei morando lá, eu fui trabalhar lá na fazenda com 15 anos e lá eu comecei namorar ele, que eu conheci na escola, depois de 2 anos nos casamos e continuamos morando lá. Moramos uns 25 anos.” (Dita)

“Eu trabalhei um tempo na roça, plantando batata, mandioca, e aí depois eu fui trabalhar lá na fazenda, e nunca fiz uma novena na capela não, por que eles não faziam essas coisas nunca fizemos, na capela eles fizeram o casamento dos filhos e das filhas e traziam os padres de fora e eles não aceitavam pessoas de fora entrando lá,

então eu fazia novena na minha casa e no codomino pra lá, e agente sempre quis entrar lá, mas eles nunca deixou, mas agora eu não to afim mais.” (Dita)

Roubo das capelas

“Ai andou um roubo de igrejas, ai roubaram o Adão e Eva de la da nossa Senhora da Conceição Ibituruna, roubaram as coisas que eram de ouros da igreja São José, que é essa igreja abandonada no engenho, as coisas de missa ali era tudinho de ouro, levaram tudo embora e roubaram a imagem de Santo Antônio, essa imagem é tão pesada, que precisou de 4 homens para carregar ela, ela não é barro.” (Emaculada)

“Minha mãe já tomava conta da capela Santo Antônio, ela que cuidava lá, né, ai tinha um padre vestido de preto, mas minha mãe não sabia o que significava, achava que eles vieram ver a capela, rezar, mas ai minha mãe nem foi lá, ai quando eles foram embora a igreja tava arrombada a porta, eles pegaram o santo e levaram, mas minha mãe nem imaginou que fosse ladrão, tava vestido de padre.” (Dita)

Identidade parnaibana

“Mas a turma não lembra mais, não é mais a história do vovó, seria a história do quarto avó, que eles nunca nem sabe quem é, parnaíba não conhece a glória da cidade, a glória da cidade esta exatamente nessa expansão. Como você vê a influência de parnaíba nessa expansão, aonde o Parnaíba foi ele levou a cultura de parnaíba, levou a taipa, a culinária, a arquitetura, as festas religiosas, mas a turma não reconhece isso.” (Emanuel)

Tombamentos

“E eu falei pra ele, porque ele não tombava essa casa? Eu falei e junto com a casa tem outras casas importantes na cidade, porque você não tomba a cidade, e ele disse boa ideia, então eu passei a conviver em um lugar privilegiado, junto a uma comunidade tombada eu não teria importunação de indústria de coisas assim prédios e passei a gostar da cidade.” (Emanuel)

A Origem de Parnaíba

“Em 1580 quando o rei de Portugal que era um padre Cardial Dom Henrique.” a linha de Tordesilhas sumiu e o trono foi para o primo dele Felipe II de Portugal a linha de Tordesilhas sumiu, , não tem mais empecilho para entrar, para boca do Sertão que era chamado do Ivoturuna para frente. Voturuna que eles chamavam de a Boca do Sertão. Então aconteceu uma coisa, uma série de acontecimentos em 1580 que foi fantástico, aproveitado por índia analfabeta neta de Tibiriçá Suzana Dias que em 1560 já tinha pedidos terras junto a esse obstáculo para navegação do rio Tietê essa Parnaíba esse lugar difícil de passar.” (Emanuel)

Pires e Camargo

“Em 1580 mais um fato nesse ano crítico de São Paulo, que foi imediatamente depois dessas terras serem de Felipe II, aconteceu um fato de São Paulo ficarem duas facções uma pro que aqui ficasse sendo Espanha quando Felipe e outra que aqui fosse restaurado como coisa portuguesa, nessa disputa morresse, os pires que encarnavam os pro Portugal e os Camargos pro espanhóis, uma Camargo matou um Pires em praça pública, foi um escândalo ia ter um embate e a Suzana e a família marido e os filhos convidaram esses Pires para virem para cá e ela daria todo auxílio a eles, invés deles brigarem com os pro Camargos em São Paulo, e ela sabia que entre os Pires tinha um dos caras mais ricos de São Paulo.”(Emanuel)

Centro Histórico

“Ai eu fiquei sabendo a possibilidade de restaurar essa cidade e tinha uma pessoa aqui a Izis Bastianon e disse que conhecia um cara que sabia que poderia encontrar e falou com o Borelli e ele encontrou em Minas, a escola de artes e ofícios.” (Emanuel)

Suzana Dias

“Suzana Dias morava do lado da Cachoeira lado debaixo da cachoeira onde é hoje é a rua Meatinga, quando você navegando pelo tietê a dona da terra ficava sabendo que você queria entrar e te orientava pra você falar com o Padre Guilherme.”(Emanuel)

Padre Guilherme Pompeu de Almeida

“Ele recebia muito bem, ele podia acomodar até 100 hóspedes, a mesa dele era fantástica a prataria da mesa dele tinha 60 arrombas de prata, você podia comer de manha, tarde a noite te recebia fantasticamente e assim você contava o plano e ele dizia eu te dou tudo que você precisava para entrar, agora faz o seguinte agente faz relação de tudo que eu emprestar, se você voltar, noventa por cento não voltava, você me devolve tudo isso que eu to te emprestando e me dá metade do que você trouxe a mais, esse juros de 50 por cento, era uma extorsão mas ninguém ia recusar por que ninguém tinha nada, ele fez uma série grande de contratos, ele teve uns parentes no século XVIII que pegou esses contratos, pegou os nomes citados e fez um levantamento genealógico e escreveu um livro nobiliarquia paulistana, pedro taques é o autor, depois um outro genealogista no século XX em 1906 esticou essa genealogia até 1906 e escreveu um outro livro genealogia paulista, hoje se um indivíduo de São Paulo, se diz orgulhosamente eu sou paulista quatrocentão, eu sou parte locomotiva do Brasil, sou importante genealogicamente dos poucos documentos que você tem para provar o que você está falando é você estar na árvore genealógica da genealogia paulista, nobiliarquia paulista e nos borrões do padre guilherme, quer dizer a locomotiva do Brasil tem o rabo preso aqui em Parnaíba.” (Emanuel)

“A cidade mais rica do brasil, o estado mais rico, que primeiro se industrializou, então esse padre teve uma atuação fantástica na

composição das pessoas que queriam entrar para conhecer o interior, e esse pessoal foram vindo, e foram sendo subsidia pelo padre, até que chegou em 1750, Portugal e Espanha falaram, nos tínhamos uma divisão entre as nossas terras que eram as linhas de Tordesilhas, agora em 1750 que ficou tudo da Espanha, temos que ver aonde chega as nossas divisas e não sabiam o que fazer então perguntaram ao papa que era o juiz dessas ações, ele resolveu com uma bula que dizia que na terra que ninguém chegou, o primeiro que chegar é o dono dela”aceitaram, verificou se que era uma coisa logica, e os parnaibanos tinham chegado na Amazônia, no nordeste, e o brasil ficou do tamanho que é hoje tomé que é o hitorizador dessa época dessa fase pos em parnaiba o distico o lema, Patria eu te fiz grande quer dizer parnaiba fez a pátria grande, graças em grande parte aos subsídios do Padre Guilherme Pompeu de Almeida com a iniciativa dos Fernandes, da Suzana dias no primeiro obstaculo da penetração natural do interior que é o rio Rio Tiete, Suzana dia escolheu essa Parnaíba que mais tarde virou uma vila, uma cidade, que acabou virando centro de interesse das pessoas que queriam entrar, e o Padre Guilherme tinha uma grande importância nessa entradas dos brancos.” (Emanuel)

Capitão Guilherme Pompeu de Almeida

“Esse capitão muito inteligente ele resolveram não entrar, como todo mundo fazia para fazer a vida no interior eles resolveram comprar uma propriedade em Araçariguama e produzir nessa propriedade tudo que se precisava para entrar, farinha de milho, farinha de mandioca mel todas as que dá para transportar nos primeiros dias e ele fornecia uma coisa preciosa para as pessoas um guia bilíngue que falava o Anhangatu e falava a línguas dos índios, pra saber que raiz comer, como caçar um peixe como fazer armadilha para um animal, como curar uma mordida de um inseto, qualquer coisa assim e o cara que chegava com a turma dele e queria entrar era imediatamente indicado pela Suzana Dias”. (Emanuel)

Fernão Paes e Barros

“Descobriu ouro em Goiás, depois os taubateanos subiram os gerais, o Fernando Paes de Barros descobriu outro em todo lugar, o que você vai ficar fazendo aqui, se lá tá tendo ouro, vai todo mundo pra lá, e a cidade some, foi a cidade que eu achei em 1970.” (Emanuel)

Mapa das cortes/tratado de Madri

“O povo que não lê e só ouvi, ele tem interesse no que eles ouve, e o que eles ouve é notícia dos últimos 150 anos, eles ouve o que o pai falou, que o avó falou, que o bisavô falou, e a grande importância de parnaíba tá lá em 1580 a 1750 que é a expansão territorial do Brasil, que em 1750 que foram reconhecidos os atuais limites do Brasil que chegava lá na amazônia, Portugal e Espanha sacramentaram o novo limites, fizeram inclusive um mapa, o mapa das cortes, os dois quando acabou o tratado de Madri eles fizeram um mapa para estabelecer onde é os novos limites.” (Emanuel)

Capela São Benedito do Cururuquara

Carmelino - Eu vou contar uma história para você, parece mentira, mas é verdade.

A Luíza é bisneta do senhor.

A vó dela é bem branca, a bisavó dela era tipo índia, uma mulher bem clara...

Luíza - Essa minha bisavó branca, ela é filha de índio.

Carmelino - É. E a vó da Luíza, que era filha dela, era filha de senhor, tinha foto até pouco tempo aí, é que o marido dela era bem pretinho, e a mãe da Luíza era quase da cor dela assim.

Luíza - Morena escura.

Carmelino - Ela era branca, mas ele era bem escurinho.

Luíza - Então eles também se misturavam, né? [...] olha a minha avó, minha avó era bem clara e o pai dela era bem pretinho, porque minha avó, ela é filha de sinhô, a minha avó é filha de sinhô, então ela é bem branca igual ao pai. [...]

Carmelino - Meu avô, a primeira mulher dele, eu não cheguei a ver isso daí, mas contaram para mim e tinha uma tia minha que eu conheci muito ela, era bem escurinha, e depois a outra não era nem preta nem branca, era a tia do Ditinho que foi prefeito aqui. [...]

Juliana - Então chegou lá no Cururuquara o Senhor Leandro?

Carmelino - É, ele é o primeiro que veio. [...]

Luíza - João Novaes era o meu bisavô, pai da vó branca.

(YADE. 2015, p. 109-110)

Samba de Bumbo

João – [...] quem fez os barracão foi os escravo, os bugre, como falam. Esse Samba começo aqui que diz. Aqui em Pirapora foi achado o Bom Jesus no Rio. Que eu sei assim. Acharo o Bom Jesus e foi feito uma capelinha pro Bom Jesus. Não uma igreja. Uma capelinha. Então os índio, aqui pra dentro de Parnaíba... que tinha uma tribo de índio que morava aí pra dentro de Parnaíba, onde é o Cururuquara, onde 'tá a igreja lá, aí já moravam. O índio era encampado. Souberam que o Bom Jesus... que era um Cristo que 'tava aqui, que era um Jesus que 'tava aqui, então, procuraro vim. Fazia o Samba, tocá aqui. Vinha arrodia o santo, porque achava... sabia pela boca do povo que era o Cristo que tinha aparecido aqui em Pirapora. Como de fato o Bom Jesus 'tá aí. Começo dois índio a vim com os instrumentinho deles, batê. Daí que começô o Samba. Daí que começaro bolá negócio dos instrumento, que formô o Samba. O Samba de muitos lugar foi formado por isso. Tem o repentista. Essas coisa que vinham cantá também, né? Mas, o que eu sei foi uns índio, uns bugre que vinha arrodia o Bom Jesus que começo esses tipo de dança aqui. Do Samba, né? O Samba daqui. Por isso que o Samba veio da raiz. O Samba de Pirapora. Que o nosso Samba nasceu aqui em Pirapora por causa disso daí. Esse povo... tinha a toca da bugra. Inda tem as casinha. Inda há pouco morava Bugre ali. Morô bugre. Então, tinha nome a toca da bugra. (MANZATTI, 2006, p. 198)

Trata-se de um patrimônio imaterial, os relatos são resultados de encontros que abriram um diálogo sobre a Serra e seus patrimônios com os moradores mais velhos, o material das narrativas possui muitas camadas para análise e possibilidades para futuras pesquisas. Dessa forma inseri outros relatos que julgo necessário para a compreensão desse estudo, nesse caso, apenas organizei em temas e paisagens, o que muitas vezes não é suficiente para dar conta da preciosidade do relato, preferi preservar em sua forma, mas junto de outros para que a leitura remonte um dialogo de diferentes tempos no mesmo lugar.

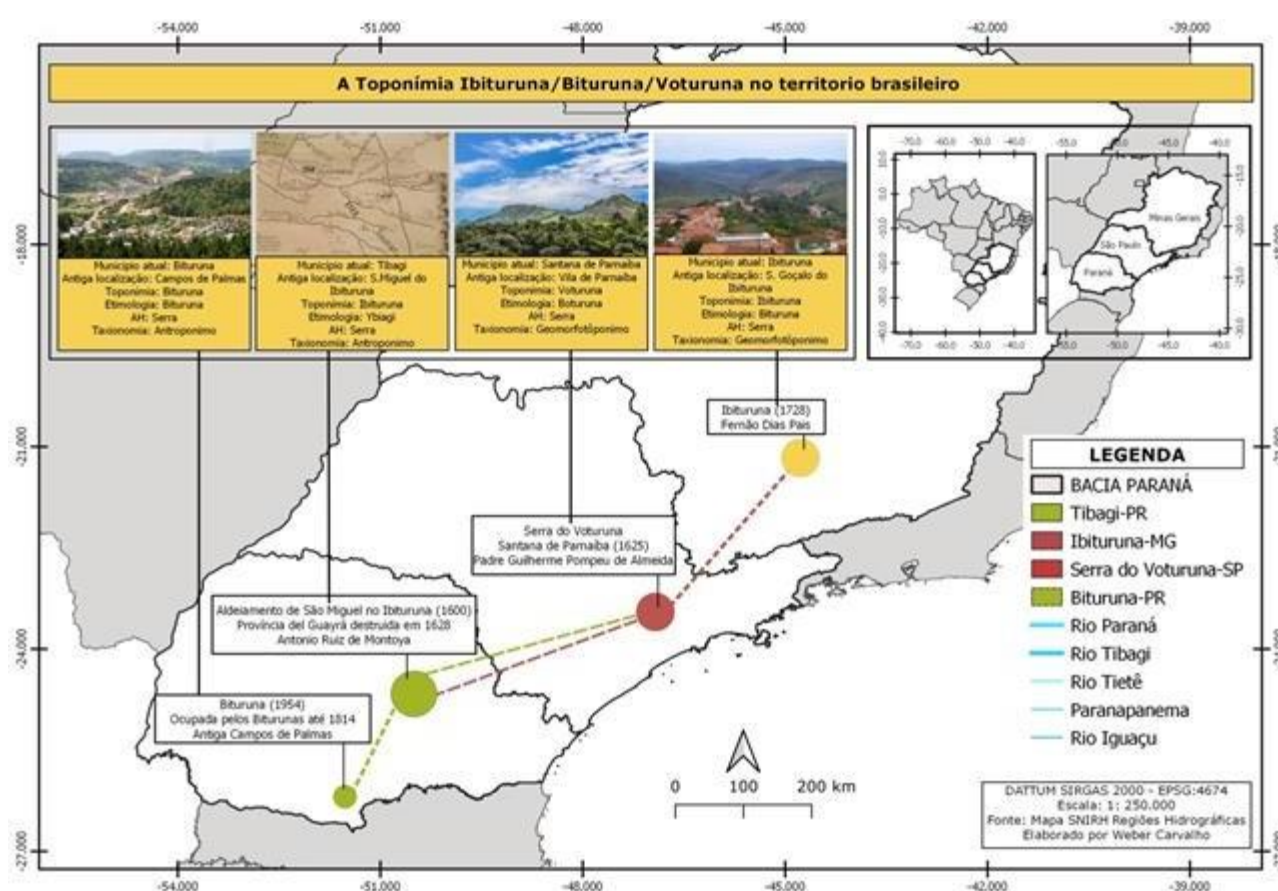
4. Cartografia histórica e a toponímia Indígena Ibituruna/Bituruna/Voturuna

No segundo capítulo a dimensão do local é somada aos aspectos regionais e as diferentes redes que se avolumavam no período ibérico podem ser observados pelos mapas elaborados para a pesquisa. O empreendimento jesuítico e os interesses das coroas ampliam os significados dessa toponímia indígena no mesmo sentido que ampliam a sua escala.

4.1 O uso da toponímia indígena Ibituruna/Bituruna/Voturuna na Cartografia jesuítica

O uso de mapas antigos para aferir a localização desses lugares no período colonial e a toponímia como vestígios dessas rotas, podendo por meio de mapas ser percebido como vestígios desse circuito, sua função e motivações é parte desse estudo e a digitalização e produção de mapas temáticos possibilidade representar em fluxos e fixos que operaram no período colonial e foram determinantes como modelo para o uso e ocupação do atual território brasileiro.

Mapa IV: A Toponímia Ibituruna/Bituruna/Voturuna no território brasileiro.



Fonte: Weber Carvalho

Neste mapa podemos observar que ao inserirmos os lugares em unidades federativas temos uma ruptura com a formação desses lugares. A antiga rede de conexões e trocas é invisibilizada, novas fronteiras e novas identidades são criadas. Aqui vale destacar a forma como representamos esses lugares, percebemos que ao utilizar a bacia do Paraná como limite territorial, eles ganham outro sentido e a mesma formação.

A rede escravista criada a partir dessa corrida pelo sertão a procura de ouro e mão de obra escrava, tornava lenta mais profunda as marcas das relações sociais

que podemos observar as formas de produção e reprodução do espaço, e ainda assim que o resultado de ação passado seja substituído por outro modelo conceitual essas mudanças permanecem possíveis de serem estudadas nas cidades coloniais, que conservaram seus espaços e na forma da patrimonialização se apresentam como testemunhas do passado escravista da cruzada civilizatória.

O atual município de Santana de Parnaíba, antiga vila de Parnaíba criação posterior as descobertas das minas de Jaraguá e Bituruna na atual Araçariguama está dentro da região metropolitana de São Paulo, o seu surgimento fornece importantes informações sobre o Rio Tietê com estruturas geomorfológicas percorridas por esse curso d'água no Planalto Atlântico Paulista, percebe sua passagem pela Bacia Sedimentar de São Paulo que apresenta uma sequência de morros e falhas geológicas.

As primeiras expedições dos portugueses foram seguindo o Rio Tietê e as cachoeiras representaram um obstáculo para a navegação, surgindo aqui o nome da cidade. De acordo com os relatos históricos, os indígenas já tinham o nome Parnaíba, que significa “lugar onde não se pode navegar”, porém, há outros significados para esse termo indígena do tupi, como perna feridenta. Logo, dois significados merecem destaque: lugar de muitas ilhas, ou simplesmente “rio ruim ou impraticável”, pois no primeiro trecho encachoeirado do Tietê estava justamente, Parnaíba.

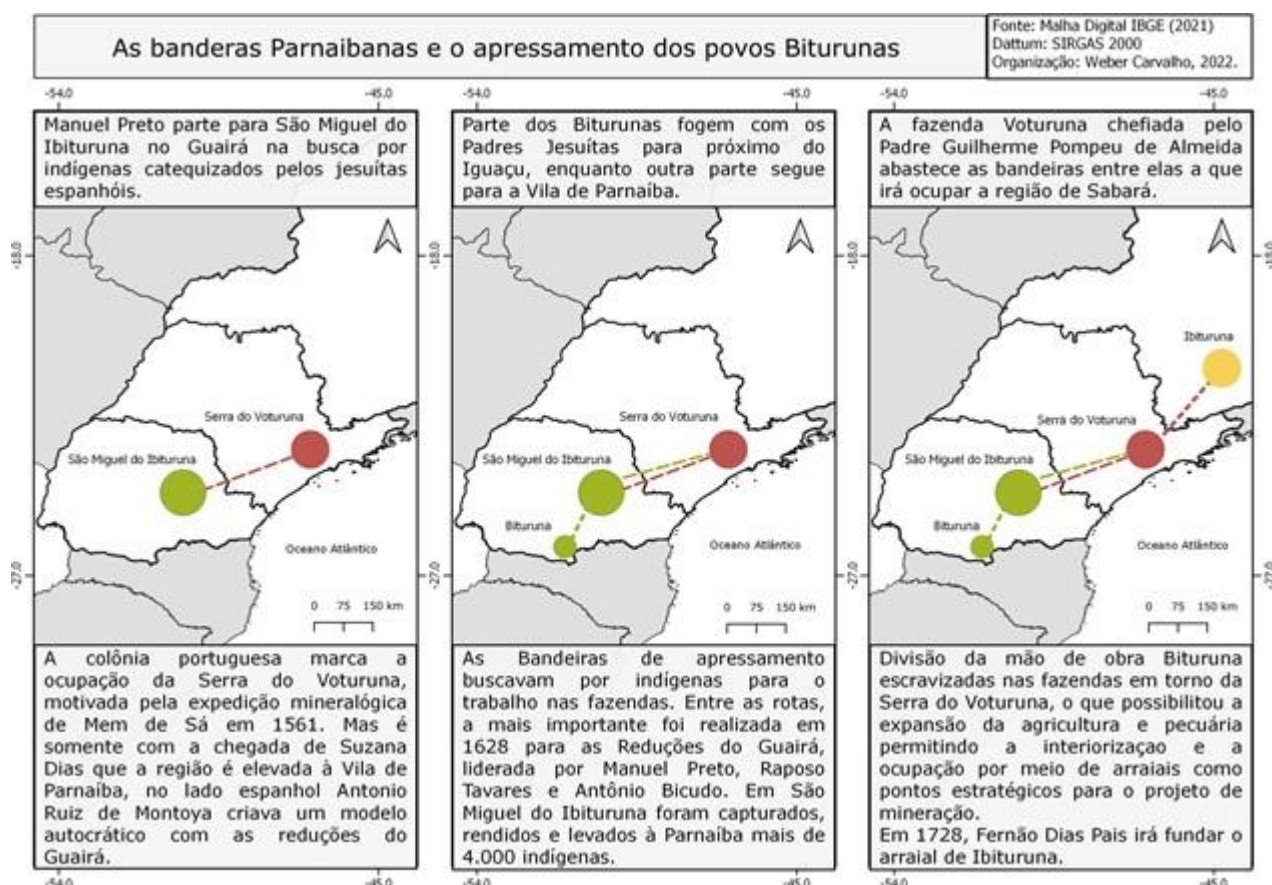
Os grandes aquinhoados do ouro. O Padre Guilherme Pompéu e seus êmulos. O ambiente dos primeiros anos das Minas. V_ / mais notável dos beneficiados do ouro foi certamente alguém que às minas não foi ter, enriquecendo como fornecedor e banqueiro dos bandeirantes: o padre Dr. Guilherme Pompéu de Almeida (1656- 1713) cujo fausto deslumbrou o Brasil de seu tempo e aos delegados régios a ponto de Artur de Sá propô-lo para primeiro ocupante plausível do sólio episcopal a ser criado em São Paulo. Viveu como fazendeiro magnata, em suas casas e fazendas de Parnaíba, Araçariguama e Itu, fazendo celebrar estrondosas festas religiosas, hospedando centenas de convidados extasiados com a visão de sua prataria, de suas alfaias religiosas e seculares. Despachava às minas grandes comboios de gado e mercadorias, vendidos com enormes lucros. Recebia ouro de numerosos parentes e amigos, de quem era o comissário, pois mantinha correspondentes nas grandes praças do Brasil e do Reino. Não era de todo nenhum agiota e sim apenas notável comerciante e suas contas decorriam do modo mais liso. (TAUNAY, p. 245, 1924).

Neste trecho podemos perceber a importância da fazenda do padre e seus tipos de serviços que poderiam ser oferecidos, o padre operava como um banqueiro já que esse período é marcado pela falta de centralidade da coroa quanto à vila de Parnaíba essa autonomia acabou por criar uma corrida para empreender no sertão em busca de mão de obra, a fazenda do padre e as de seus parentes acabariam por criar uma centralidade, onde a escravização e busca por pedras preciosas dariam o tom das incursões e ocupação do território Brasileiro.

O estudo dos patrimônios culturais de Santana de Parnaíba levou a buscar conexões entre eles para compreender a história do lugar e o estudo da toponímia desses patrimônios levou a reconhecimento de outros patrimônios que compartilham suas origens, esses lugares segundo estudos preliminares apresentam conexões com a serra do Voturuna, um desses é Guaira e a redução de São Miguel do Bituruna, segundo relatos Manuel Preto a encontra abandonada anos depois a serra receberia o mesmo nome tupi, assim como a capela e a santa que fica no retábulo, apontado por Lucio Costa como a primeira obra de arte brasileira, o debate quanto a origem e o feitiço do retábulo gera hipóteses quanto a sua origem, já que a circulação de mercadoria segundo Caldeira, eram constante e possíveis para época.

A 23 de março Antônio Bicudo de Mendonça ocupava a aldeia de São Miguel de Ibituruna que encontrou deserta. Isto lhe causou enorme cólera, que o levou a emitir “espumajos por la boca”. Três dias antes outra coluna da tropa de Preto, comandada por Manuel Mourato, apossara-se de Jesus Maria fazendo enorme cópia de cativos. Só homens válidos, mais de 1.500. (TAUNAY, p. 45, 1924).

A Serra do Voturuna e a redução de São Miguel do Ibituruna na foz do Iguaçu compartilham algo a ser descoberto, parte desse estudo revisou a bibliografia a respeito dos diferentes lugares e desses estudos surgiram mais dois locais que transforma esse dois lugares como centrais para essas duas cidades Bituruna no Paraná e Ibituruna a primeira cidade Mineira, aqui o estudo da toponímia é o mesmo como origem, mas no Paraná a denominação representa uma nação indigna enquanto que na cidade mineira é denominação dado pelo bandeirante André Fernandes, mostrando a influência dessa nação nos costumes desses bandeirantes.

Mapa V: As bandeiras Parnaíbanas e o apressamento dos povos Biturunas.

Fonte: Weber Carvalho

Os bandeirantes, sertanistas e familiares se espalharam por essas cidades e fundaram outras tantas, a genealogia paulista mostra que o casamento das filhas dos caciques com os portugueses funcionavam como regulador das relações entre eles, e a fundação de arraiais e vilas, têm na Serra do Voturuna e na Vila de Parnaíba raízes profundas do colonialismo, onde um empreendimento familiar que uniam estado, igreja e capital, o capital e a igreja são instrumentos colonizadores, mas o estado aqui é representado por um estado de exceção, criado por esses colonos sem colônia, apenas aldeias, outro aspecto que aponta para o impasse jurídico já que ao anexar Portugal a Espanha, junto estaria suas coloniais, por outro lado parte da colônia contestava essa tese, conflito quem em São Paulo definiu a fundação da vila de Parnaíba. O genealogista paulistano no Pedro Taques Pompeu Leme se lê a respeito de Afonso Sardinha:

O afamado paulista, primeiro descobridor de minas de ouro em todo o Estado do Brasil, em S. Paulo nas serras de Iguamimbaba, que agora se chama Mantaguyra, na de Jaraguá, termo de S. Paulo, na de Voturuna, termo de Parnahyba, na de Hybiraçoyaba, termo de Sorocaba. (LEME. Pág 93. 1976)

Personagens e pioneiros têm em comum em suas histórias esses lugares a serra do Voturuna e São Miguel do Ibituruna, tinham em comum a santa, mas quem surgiu primeiro? Teriam os Biturunas ido de Parnaíba para São Miguel se afastando do contato com portugueses? Ou a bandeira de Manuel Preto que descobriu São Miguel e trouxe consigo muitos dos indígenas que ali viviam e os instalaram próximos a serra?

Na procura de entender essa migração e seus motivos surgiu uma nova descoberta, a existência de outras duas cidades uma em Minas Gerais e outra no Paraná, sendo Ibituruna a primeira cidade mineira fundada em 1674 por Fernão Dias, período auge da metalurgia e influência de investimento do padre Guilherme Pompeu de Almeida, a entrada dessa cidade nos estudos levou a busca de outras, e sim uma outra cidade mais agora chamada Bituruna antiga Palmas que possui uma serra e fundador comum com os familiares do Padre Guilherme Pompeu de Almeida, o período de ocupação é posterior e outra onde foi encontrada cerâmica com datação de 13 mil anos, Ibituruna no Paraná, assim a patrimonialização permitiu estudos anteriores que sustentam as hipóteses de uma rede em comum a todos esses lugares.

Dessa forma, foi organizada uma cartografia com mapas que apresentam essa toponímia indígena.

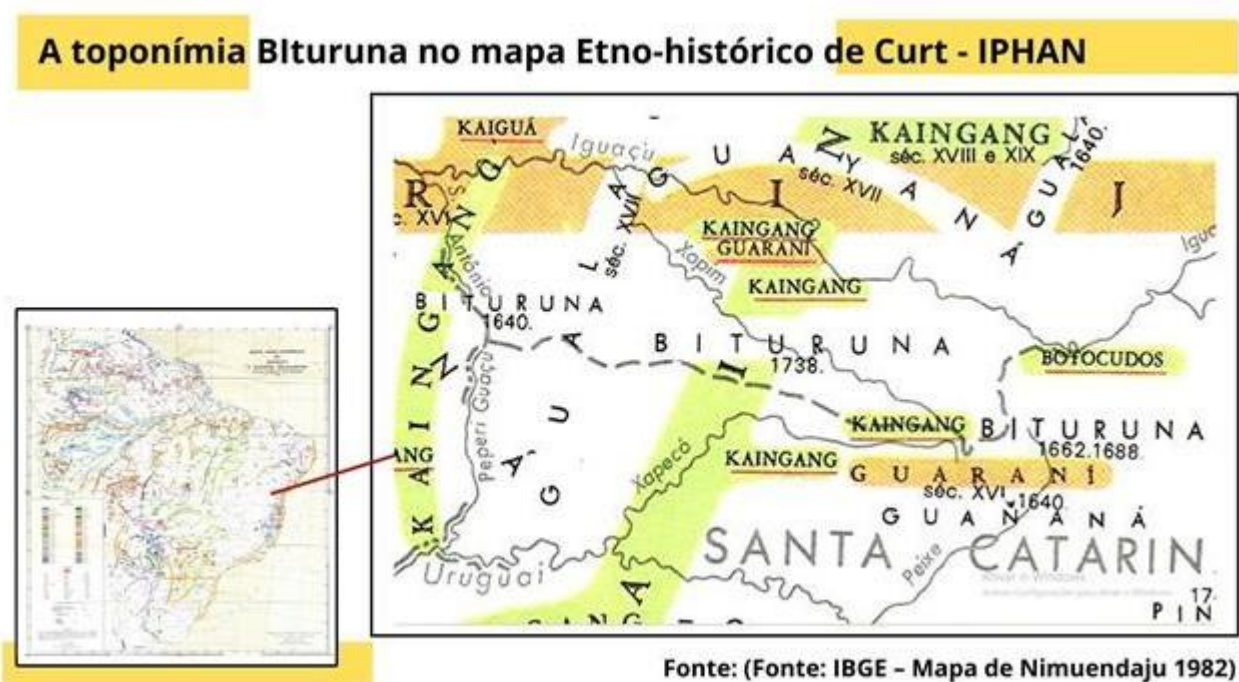
A montanha ou serro elevado diz-se, no tupi, Ybytyra, que, como acima dissemos, se decompõe em yby-ityra, isto é, elevação de terra ou terra alta. A alteração metaplástica desse vocábulo é a mesma dos seus elementos componentes; por isso, é freqüente encontrarem-se denominações de lugares com as grafias do radical butur, ibitur, bitur, formas alteradas de ybytyra, as quais não se devem confundir com as do vocábulo ybytú. No tupi do Sul, o vocábulo ybytyra, contraído, deu ybyty e, de suas diversas alterações, na composição de outros vocábulos, nasceram as formas ibitú, bitú, butú. Os nomes Ibituruna, Buturuna ou Voturuna, são apenas formas diversas de um mesmo vocábulo - ybytyruna, que quer dizer monte negro. Butujurú é simples corruptela de ybyty-Jurú, que quer dizer boca do monte. Botucaray é a alteração de ybyty-caray, donde Ubutucaray, Butu-caray ou Botu-caray, significando monte santo. (SAMPAIO, T. p. 129, 1987.)

Em Nimuendaju (1982) encontramos as referências e a existência de uma nação indígena, nesta região, Gualachi no século XVII e Chiqui em 1628/ 1640 e também os Bituruna em 1690, além de Kaiguá e Guarani em 1855. Essa cartografia

histórica nos permite ver nesses mapas Ibituruna como habitantes, junto com outras aldeias e segundo Wilmar da Rocha D'Angelis.

Yby + intyra + uma = Inbituruna, ou “monte negro” (SAMPAIO, 1928, p.68). Possivelmente, entre os Kaingang e Xokleng, muitas vezes identificados como “Biturunas” já que os jesuítas não faziam importante distinção.

Figura II: A toponímia Bituruna no mapa Etno-histórico de Curt - IPHAN.



Fonte: IBGE – Mapa de Nimuendaju 1982

Aqui Bituruna era o nome utilizado pelos Jesuítas para se referir aos povos Kaingang e Xokleng, outro aspecto importante é a região onde é encontrado o Bituruna, no percurso dos bandeirantes próxima do Rio Uruguai. Como referimos antes, por “BITURUNA” muitas vezes foram identificados os Xokleng; e os “GUÑANAS” (Gunhanás) são os também chamados Goianás (D'ANGELIS, 1984, p. 8 e 25), denominação genérica que se atribui a muitos grupos Kaingang na documentação do período colonial (BECKER, 1986, p. 40-44.).

O estudo da toponímia ajuda a pensar a formação do território e as contribuições e características que estão ligadas ao modo de existir indígena.

Ao utilizar o léxico ou a palavra podemos compreender sua dimensão e suas implicações na forma de ocupar e existir territórios. Dessa forma, ao utilizarmos o estudo dos nomes próprios procurei considerar a área da Antroponímia: a ela

correspondem os estudos dos nomes próprios das pessoas e lugares como meios importantes para investigação linguística e cultural. (DICK, p. 96, 2006)

A toponímia vem do tupi antigo, ybytyr-úna traduzido como a montanha ou a serra negra. Altera-se em Buturuna, Boturuna e Voturuna. (Plínio p. 147 1933). A ligação com o território está implícito nessa toponímia.

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (DICK, p. 47, 1990)

Voturuna nome da Serra é de origem tupi, Ybytyra que traduzido é, elevação de terra, como define Teodoro Sampaio no tupi do Sul, o vocábulo ybytyra, contraído, deu ybyty e, de suas diversas alterações, na composição de outros vocábulos, nasceram as formas ibitú, bitú, butú. Os nomes Ibituruna, Buturuna ou Voturuna, são apenas formas diversas de um mesmo vocábulo — ybytyruna, que quer dizer monte negro. (Teodoro Sampaio)

A montanha, ou serro elevado se diz no tupi ybytyra, que como acima dissemos se decompõe em yby-ityra, isto é, elevação da terra ou terra alta. A alteração metaplastica desse vocábulo é a mesma dos seus elementos componentes (veja-se 76 e 80); por isso, é frequente encontrarem-se denominações de lugares com as graphias do radical: butur, ibitur, bitur, formas alteradas de ybytyra [...]. Os nomes Buturuna ou Voturuna e Ibituruna, por exemplo, são idênticos, encerrando os mesmos elementos correspondentes: Ybytyra-una, que quer dizer monte negro. (SAMPAIO, p.48, 1901)

Partindo da taxie dos geomorfotopônimos, proposto por Dick podemos incluir Ibituruna, Buturuna e Voturuna nesse grupo, um léxico tupi que traduzido é Morro Negro, Serra Negra. Ainda que adotada a palavra é traduzido com a inserção dos aspectos do relevo, Serra/Morro, outra possibilidade no estudo dessa toponímia Indígena surge dos estudos com os patrimônios com toponímias indígenas, nesse caso a Capela Nossa Senhora da Conceição do Ibituruna, a história desse patrimônio nos levou para uma outra Ibituruna. A redução de São Miguel do Ibituruna, essa redução foi descrita em documentação histórica como uma antiga população originária, os Biturunas.

Para Melià, estes dois etnônimos designariam também os mesmos Guaianã/Gualachos (1983:174). Tanto ele (id., ib., p. 174-5) quanto Hemming (1982: 579- 80) admitem que estes grupos formavam uma mesma etnia, sendo os ancestrais dos Kaingang. Convém observar que muitas vezes a região identificava o grupo, como ocorre aqui com os Ibituruna. Quanto à Caaguá, era uma designação que os Guarani davam a grupos mais arredios, vivendo nas matas, tanto de cultura guarani, como não-guarani, como observou Nimuendaju, sendo o etnônimo Caiuá/ Kaywá uma deformação de Caaguá. (PREZIA, p. 171, 1998).

Segundo a bibliografia, povos Ibiturunas viviam nas montanhas dos Andes, teriam habitado a região que compreende o Rio da Prata, Paraná até o litoral Catarinense. Este grupo diferente dos Guaranis tecia relações com os Jesuítas e os modelos de aldeamentos das missões do Guaíra e aquelas no lado espanhol no Rio da Prata, atual Argentina, Paraguai e Uruguai.

Em virtude dessa incorporação, é perceptível que Portugal buscou empregar um sistema toponímico que registrasse efetivamente a sua ocupação no espaço, sobretudo quando se tratava de expansão, como é o caso da fronteira meridional situada no oeste. Como exemplo é possível mencionar a mudança na toponímia jesuítica das porções de terras situadas na América portuguesa, modificação feita com o intuito de constituir uma imagem espacial associada à posse lusa e obscurecer os vínculos com as Missões Jesuíticas. A área que era identificada de Ibituruna pelos jesuítas, posteriormente foi designada como Campos de Palmas pelos lusitanos. Essa identificação luso-brasileira passou a ser empregada a partir do Oitocentos, e aparecia tanto em documentos oficiais como nas orientações para a “Expedição Real para Conquista dos Campos de Palmas” de 1808. (MORAES, p. 4, 2019).

A fronteira definida como Ibituruna em todo período ibérico, a interiorização por parte dos portugueses na ocupação do território buscaram recuperar vias de acesso por onde escoavam produtos contrabandeados.

Em relação à nossa área de estudo, podemos indicar dois eventos condicionantes a partir dos quais as demais ações de domínio e conquista foram constituídas em um somatório, e foram relevantes no desfecho do litígio. Em um primeiro momento, em 1839-40, ocorreu a conquista da área que era identificada como Ibituruna, nomeando-a como Campos de Palmas. A interiorização e a conquista da área vinham com claríssimos interesses geoestratégicos — expressados pela conquista dos campos, bem como pelas expedições para abertura de

vias (Moraes, 2018). A partir da criação da Vila de Palmas, algumas expedições exploratórias eram realizadas e possibilitavam a observação da movimentação que transcorria na fronteira, seja em relação à atividade tropeira, ervateira ou de pessoas. (MORAES, p. 13, 2019).

O território passou a ser ocupado por um modelo de colônias militares e, com isso, a busca de interiorizar vai definir as fronteiras do território Brasileiro, por esses mesmos caminhos, passariam as ferrovias acompanhadas de municípios e seu uso agropastoril, herança do modelo jesuítico. Modelo militares onde que o controle dessas vias seriam rentáveis até a sua integração total no sistema capitalista atual.

As tradições Umu e Bituruna caracterizam-se por apresentar artefatos líticos elaborados geralmente sobre lascas, tendo como elemento diagnóstico as pontas de projétil foliáceas e pedunculadas, além de grande variedade de raspadores. Seu instrumental lítico sugere atividade em ambiente de vegetação mais rarefeita que a atual. Datações no Paraná situam o aparecimento de ambas, por volta de 8.000 AP. Até onde as pesquisas conseguiram determinar, essas duas Tradições estão associadas a levadas populacionais distintas, sendo que a origem da Umu parece estar relacionada à região Sudeste, Centro-oeste do Brasil, e da Bituruna, ao Sul da Patagônia. Outro aspecto é que muitos desses grupos perduraram até o período da ocupação ibérica (portugueses e espanhóis), mantendo sua economia de caça e coleta, e possivelmente tendo interações com os grupos ceramistas que chegaram ao território cerca de 2.000 anos atrás. (FRÓIS (MAE/UFPR). 16 – Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR)

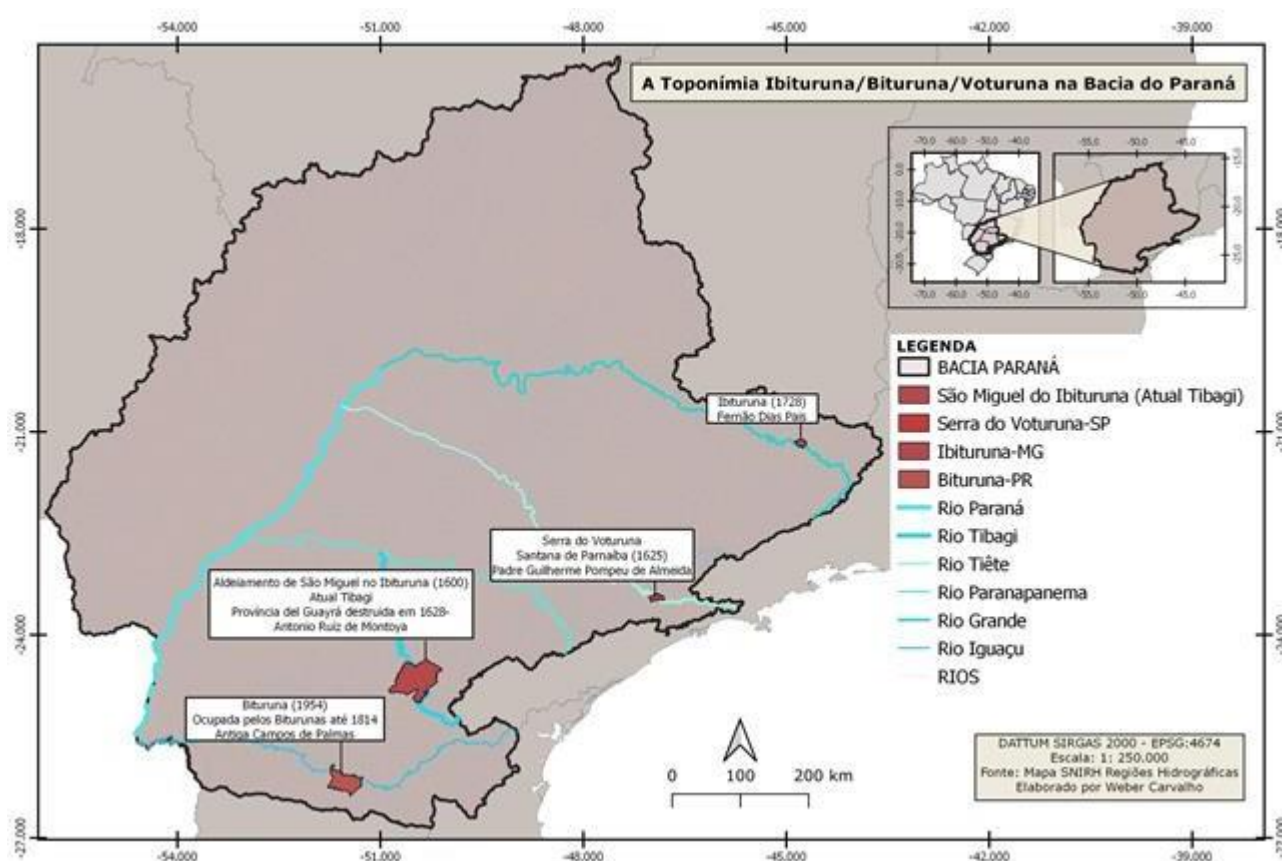
A migração foi constante, mas por meio das escavações podemos perceber a presença desses grupos. Assim, por meio da cerâmica foi possível constatar uma datação de 3000 anos atrás. Ao analisar similaridades entre as diferentes cidades é na unidade regional da Bacia Hidrográfica do Paraná que encontramos os motivos dessa integração, o sistema hidroviário e as rotas indígenas pré colonização mostram a importância dos Rios e das Serras na ocupação do território.

Da primeira São Miguel do Ibituruna, passando pela Serra do Voturuna às Biturunas no Paraná e Ibituruna em Minas Gerais, o movimento e a ocupação podem ser anterior a colonização, mas nesse estudo o período destacado é de 1625 a 1728 com a fundação da Vila de Parnaíba.

Entre os Rios Tietê, Paranapanema, Tibagi e Iguaçu existiam caminhos paralelos protegidos pelos Biturunas conectados às Serras por onde os colonos ocuparam e fundaram arraiais, onde contrabandeavam a prata e o ouro. A rota também conhecida pelos bandeirantes paulistas era utilizada no apressamento da população indígena e o controle dessas vias garantiu um deslocamento mais rápido ao mesmo tempo que protegia as áreas de interesse dos jesuítas. O período Ibérico explica a autonomia dos colonos locais e dos padres jesuítas na gestão do território, do mesmo modo a relação com a população indígena se reproduz ao gosto dos colonos e padres jesuítas.

A Bacia do Paraná quando utilizada para representar esses lugares e suas toponímias, somem com as fronteiras dos estados e conecta um povo e seus rios uma conexão pretérita a colonização.

Mapa III: A Toponímia Ibituruna/Bituruna/Voturuna na Bacia do Paraná.



Fonte: Weber Carvalho

O rio Paraná é o responsável em ligar os rios de acesso que surgem dos diferentes lugares, o que revela a importância da Geomorfologia na ocupação, as vias e os acessos podem ser antigos e remontam um fluxo pré colonização, que

possivelmente tenham sido apropriados pelos colonos com apoio de parte dos indígenas. Outro aspecto comum entre todos os lugares é a toponímia indígena, sendo essa muitas vezes o único vestígio de uma memória originária do lugar.

Teodoro Sampaio no seu dicionário Tupi dá atenção ao explicar a palavra e ao traduzi-la, dá importantes informações quanto a origem da palavra e os diferentes significados que ela vai encontrando entre os falantes delas.

Já vimos que o vocábulo yby, a terra, o solo, estando independente na frase, guardou a fonema, ibi, mas, entrando na composição de outros vocábulos, se alterou para ubú, bu, bó, ou vó. A terra elevada, ou uma simples elevação, diz-se, no tupi, ityra ou atyra, que mais propriamente quer dizer cabeça, monlão, cúmulo. Esse vocabulo entra na composição de muitos outros e, por efeito dos metaplasmas, aparece, não raro, alterado para tyra, tyr, try e tra, e ainda em tura, tur, como se verifica nos nomes Ibityry, Tripui, Trapuli, Turuna, que não são senão Yby-ityra, terra elevada; Ityra-poi, monte delgado ou estreito; Ityra-puã, cabeça redondo; Ityr-una, cabeça escuro, altura negra. A montanha ou serro elevado diz-se, no tupi, Ybytyra, que, como acima dissemos, se decompõe em yby-ityra, isto é, elevação de terra ou terra alta. A alteração metaplástica desse vocábulo é a mesma dos seus elementos componentes; por isso, é freqüente encontrarem-se denominações de lugares com as grafias do radical butur, ibitur, bitur, formas alteradas de ybytyra, as quais não se devem confundir com as do vocábulo ybytú. No tupi do Sul, o vocábulo ybytyra, contraído, deu ybyty e, de suas diversas alterações, na composição de outros vocábulos, nasceram as formas ibitú, bitú, butú. Os nomes Ibituruna, Buturuna ou Voturuna, são apenas formas diversas de um mesmo vocábulo - ybytyruna, que quer dizer monte negro. Butujurú é simples corruptela de ybyty-Jurú, que quer dizer boca do monte. Botucaray é a alteração de ybyty-caray, donde Ubutucaray, Butu-caray ou Botu-caray, significando monte santo. (SAMPAIO, p. 143, 1987)

A redução de São Miguel do Ibituruna, a Serra do Voturuna, a Vila de Parnaíba e a cidade de Bituruna estão ligadas em uma mesma rota, ao analisar a bibliografia sobre as Missões e as bandeiras encontraremos pontos de encontro, onde a fundação de uma vila estava ligada a uma conexão que a toponímia nos mostra em relação a essas cidades. De alguma forma, ao reunir as diferentes toponímias podemos destacar uma rota que deslocava grandes populações indígenas dentro de um projeto de interesse econômico.

4.2 Fichas Lexicográficas da toponímia: Ibituruna/Biturua/Voturuna

Ficha I: Redução de São Miguel do Ibituruna - Paraná



Município atual: **Tibagi** Etimologia: **Yby-tú/Biturunas** AH: **Redução Jesuítica** Antiga localização: **Sao Miguel do Ybituruna**

Segundo Alfredo Ellis "dizem que eram cerca de 900 mamelucos e 2000 índios dirigidos por 70 paulistas, divididos todos em companhias chefiadas pelos grandes nomes da terra como o capitão Pedro Vaz de Barros, o capitão Salvador Pires de Medeiros, o capitão Pedros de Alvarenga, entre outros. (...) Fica dito apenas que nessa ocasião foi destruída a imensa e admirável organização Jesuítica do Guayrá. Os índios foram apresados; os padres expulsos pelo rio Paraná abaixo; o território avassalado para a Coroa de Portugal". "A 30 de janeiro de 1629 ordenava Raposo Tavares ataque à redução de Santo Antonio (...) apesar dos protestos do Padre Pedro de Mola, superior da aldeia 'llevaron todo a sangre y fuego hiriendo, matando y robando sin perdonar à los que se acogian al sagrado de la Iglesia profanandola sacrilegamente'. A 23 de março Antonio Bicudo de Mendonça ocupava a aldeia de São Miguel de Ibituruna que encontrou deserta. Isto lhe causou enorme cólera, que o levou a emitir 'espumajos por la boca'. Três dias antes outra coluna da tropa de Preto, comandada por Manuel Mourato, apossara-se de Jesus Maria fazendo enorme cópia de cativos. Só homens válidos, mais de 1.500." Em carta de 13 de dezembro de 1629, o padre Simão Mazzeta "contava que os prisioneiros seriam uns oito ou nove mil, e que a marcha até São Paulo durara 47 dias."

Este trecho é junto à estação de Aureliano Mourão, na estrada de ferro Oeste de Minas e poucos quilômetros abaixo da povoação de Ibituruna, onde Fernão Dias estabeleceu um dos seus postos, talvez por encontrar perto a grande aldeia de índios amigos, rica em mantimentos, de que fala o nosso Glymmer. Se porem, este for o ponto de passagem do Rio das Mortes, não se encontra, a três dias de viagem, dos Pinheiros e a quatorze do Rio Grande, rio algum que pareça digno de menção numa narrativa em que não vem mencionado o Angahy.

Fonte: Taunay, Affonso d'Escragnolle. 1975, 44-45.

Fonte: Weber Carvalho

Ficha II: Serra do Voturuna – Santana de Parnaíba – São Paulo.


Município atual:	Etimologia:	AH:	Antiga localização:
Santana de Parnaíba	Boturuna/Tupi	Serra	Vila de Parnaíba

Um relevo que facilita a ocupação e os resultados da prospecção mineral foram insatisfatórios, com o ouro descoberto no Voturuna, acabando mais por se desenvolver os setores da agricultura comercial e o apresamento indígena. A fortaleza de propriedade do Padre Guilherme Pompeu de Almeida marca o início da interiorização da colônia com seus núcleos de povoamento.

A associação entre empreendimento mineral – como qualquer outro empreendimento neste contexto – e exploração de mão de obra indígena era estreita. Portanto, não foi fortuito que as entradas ao sertão, sob maior organização militar, tenham se difundido e crescido exponencialmente ao longo do governo de Francisco, que via, nestes índios descidos, a reserva de mão de obra fundamental para seu projeto mineral e agrícola. Tanto que ele mesmo criou o aldeamento de Barueri, para onde reduziu indígenas direcionados aos trabalhos em Voturuna (Parnaíba), nomeando pessoalmente os capitães para administrá-la.⁵³¹ No parecer sobre a petição feita por Diogo de Quadros, que sugeria utilizar índios das aldeias dos jesuítas, Souza afirmou que estes eram muito poucos, já que “na capitania de São Vicente não tem os ditos padres jurisdição nos índios como nas outras capitanias, e são tão poucos como fica dito”.

VOTU corr. Botú, corr. yby-tú, o venfo, o sopro do ar. Alt. Ubutúra, Butura, Rotura, Votura.

VOTURA corr. Ybytyra, o monte, a serra; o morro, a encosta, a ladeira. Alt. Ubutura, Rutura, Botúra, Votura.

VOTUROCA corr. Ybytú-r-oca, a casa do vento, a garganta donde sopra o vento, bocaina. Alt. Ubuturoca, Buturoca, Boturoca, Voturoca. V. Votú.

VOTURUNA V. Buturuna.

Fonte: **Monteiro, J. 2009, 59-60, Sampaio, Teodoro 1987, 344., NRJ, Coleção Castelo Melhor, 01,02,035, documento 16**

Ficha III: Ibituruna – Minas Gerais.

Toponímia:
Ibituruna

Ficha lexicográfica III

**Taxionomia:** *Poliotopônimo*

Município atual:	Etimologia:	AH:	Antiga localização:
Ibituruna-MG	Ybityr/Tupinambá	Cidade	São Gonçalo do Ibituruna

"Ibituruna" foi o primeiro povoado fundado em Minas Gerais, em 1674, pelo bandeirante Fernão Dias Paes Leme, e por isso a localidade é conhecida como o "Berço da Pátria Mineira", conforme é apresentado pelo IBGE75: "Este, ao transpor o rio Grande, estabelece o arraial, deixando no local um marco (pedra que marcava a sesmaria) até hoje existente e muito visitado pelos turistas". Como afirma Barbosa (1995, p.150-151), "Ibituruna" é uma das poucas localidades de Minas Gerais que manteve o nome primitivo, já que o nome aparece desde a primeira bandeira de Fernão Dias Pais. De acordo com o estudioso, por meio da Lei nº 2150, de 30 de outubro de 1875, foi criada a freguesia denominada "São Gonçalo da Ibituruna", instituída canonicamente em 1877. Segundo informação apresentada pelo IGA/ALMG (1997), a adoção do nome se deu entre 1675-1769. Teve o nome reduzido para "Ibituruna" em 1923, distrito do município de Bom Sucesso, tornando-se município desmembrado apenas em 1962 por meio da Lei nº 2764, de 30 de dezembro.

Ibituruna de ybytyra + un + -a: Serra escura. O nome deve remontar ao século XVII: "[...] olhando para o Sul vimos ao longe uma Serra que nos disseram ser da Ibituruna". [...] Explicita Vasconcelos (1974, p. 79), ao tratar Ibituruna como "o mais antigo lar da pátria mineira": "Situada em posição felicíssima, nem perto nem longe das grandes águas, no centro de matas férteis de caça e mel, foi a Ibituruna propícia ao desporto de todos os viandantes no período do povoamento".

Bituruna vem do tupi "bitur" (ybityr ou ybytyra)... monte, montanha + "una"... negro, preto: monte negro, ou a corruptela de "ytytu"... o vento, a nuvem + "una"... escuro, negro: a nuvem escura. Ainda "ibi"... terra + "te"... alta + "una"... negra: serra negra.

Fonte: **GOMES.M.F. GEOMORFOTOPÔNIMOS HISTÓRICOS, Pag 116, 2019.**

Ficha IV: Bituruna – Paraná.

Município atual:
Bituruna-PR

Etimologia:
Biturunas/Kaingangs

AH:
Cidade

Antiga localização:
Campos de Palmas

Bituruna teve seu território permeado por bandeiras exploradoras desde o início do século XVII. Em 1720, foi a vez do curitibano Zacarias Dias Cortes, o descobridor dos Campos de Palmas. Quando Dias Cortes chegou à região, encontrou uma nação indígena que habitava as fraldas serranas e grande extensão do Rio Chopim - eram os indígenas Biturunas. A colonização do território deu-se somente na segunda década do século XX. Por este motivo, a localidade teve as denominações de Santo Antônio do Irati e Santa Bárbara, respectivamente.

A colonização foi facilitada pela abertura de uma estrada que ligava o povoado recém fundado à União da Vitória. A fundação oficial da cidade se deu em 23 de dezembro de 1924 e a primeira família a estabelecer-se foi a de Miguel Leonartovicz, em 1925.

Em 02 de abril de 1928, através da Lei Estadual n.º 2.565, Santa Bárbara foi elevada à categoria de Distrito Judiciário do município de Palmas. Em 20 de outubro de 1938, passou à jurisdição de União da Vitória, voltando ao de Palmas em 30 de dezembro de 1943, pela Lei Estadual n.º 199, desta feita com o nome alterado para Bituruna.

Possivelmente entre 12.000 e 15.000 anos atrás, nos territórios que hoje abrangem o Sul do Brasil e o Nordeste da Argentina já existiam povos caçadores-coletores. No Paraná estão representados pelos Paleoíndios, da tradição Bituruna, e há 10.000 anos aparecem populações Umbu e Humaitá.

Fonte: **Kruger, Nivaldo – Palmas, paisagem e memória) 2006, Cidades Brasileiras, origem e significado de seus nomes, Paraná. Ferreira. J.C.V, 2000, 49-50.**

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil do fim do séc. XIX iniciou a restauração de edifícios históricos e já no início do séc. XX surge um movimento criado por escritores, políticos e artistas, imbuídos de compreender a identidade nacional, demanda por uma lei nacional para a preservação desses patrimônios, que atendeu parte do movimento com a constituição federal de 1934 que assegurava a União e aos Estados a proteção das obras de artes, dos monumentos históricos e da paisagem natural. Rapidamente, cidades como Ouro Preto que possuíam Casarões e Igrejas do período colonial receberam o título de patrimônio nacional, o modelo a ser seguido que historicamente representou o perfil dos bens patrimonializados desse período, o que acabou levando a um debate a respeito da patrimonialização e seus valores históricos.

Em 1937, por Decreto de Lei nº378, de 13 de Janeiro é criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em conjunto com a Lei nº25 de 30 de Novembro de 1937 e que tornou o órgão de proteção e tombamento do patrimônio histórico e artístico. Nessa data, o Estado considera as expressões culturais como parte do seu patrimônio, representado pelos elementos históricos materiais e imateriais que criaram a identidade nacional.

As constituições de 1946 e 1967 reafirmaram a tutela do estado dos bens de valor histórico, artístico e natural e na constituição de 1988, que para além de preservar, compete também a conservação dos bens, incluindo entre os bens imateriais as manifestações populares e folclore. O reconhecimento não veio acompanhado de um projeto de salvaguarda que garantisse a valoração e condições dessas práticas e saberes, nesse aspecto o registro do patrimônio imaterial ainda é um desafio para as políticas de salvaguarda, esse período é marcado pelo debate a respeito dos valores hegemônicos que contribuirão para reforçar e legitimar a superioridade dos brancos europeus em relação aos negros, indígenas e mestiços.

Já em sua condição de centro do capitalismo mundial, a Europa não somente tinha o controle do mercado mundial, mas pôde impor seu domínio colonial sobre todas as regiões e populações do planeta, incorporando-as ao “sistema-mundo” que assim se constituía, e a seu padrão específico de poder. Para tais regiões e populações, isso implicou um processo de reidentificação histórica, pois da Europa foram-lhes atribuídas novas identidades

geoculturais. Na produção dessas novas identidades, a colonialidade do novo padrão de poder foi, sem dúvida, uma das mais ativas determinações. (QUIJANO, p. 121, 2005)

Com a nova constituição e o amadurecimento das políticas de patrimônios, outras memórias foram sendo incluindo, avançando quanto ao reconhecimento de povos marginalizados com a criação do Registro de Bens de Natureza Imaterial criado em 2000 e que possibilita o reconhecimento das manifestações populares indígenas, afro-brasileiras enquanto patrimônio cultural assegurando amparo à prática das expressões culturais e a proteção dos documentos, obras, lugares com valor histórico ou artístico, monumentos, paisagens naturais e sítios arqueológicos.

A paisagem enquanto patrimônio é impulsionado com a adoção do conceito pela UNESCO em 1992 que adotou a paisagem cultural “como uma nova tipologia de reconhecimento dos bens culturais (...)”(IPHAN, 2014). No Brasil e seguindo as políticas patrimoniais da Unesco o Iphan adota o conceito por meio da Portaria nº 127, tornando a paisagem cultural um instrumento na preservação do patrimônio cultural que foi regulamentada pelo Iphan em 2009 (IPHAN 2014). A adoção do conceito por parte do Iphan nos orienta a refletir quanto à necessidade da integração da paisagem natural com a paisagem cultural como estudo fundamental para a compreensão do patrimônio cultural brasileiro. Essas possibilidades são construídas por meio de cartas e acordos que ressignificam as políticas do patrimônio culturais orientadas em escala global pela Unesco, mas ainda que as políticas proponham um olhar progressista e inclusivo se choca com a realidade em países colonizados. O conservadorismo tem raízes coloniais e ainda que internacionalmente sejam reconhecidos, localmente recebem pouca atenção do poder público local.

As políticas internacionais orientem as políticas patrimoniais dos estados-nações, a sua implantação parte de patrimônios já registrados e tombados pelo processo colonial e eurocêntrico. A maior parte da política de patrimônio do ocidente está representada nos monumentos, na arquitetura, uma cultura marcada pelas formas materiais e pela hegemonia da igreja católica. A centralização do urbano sobre o rural, a cidade e sua história em detrimento da história do lugar.

Novas políticas de patrimônio levaram a popularização e a inclusão de grupos historicamente invisibilizados no processo de registro e tombamento dos bens, em contrapartida isso tudo ocorre justamente no período de diminuição de investimentos na preservação e nas pesquisas dos bens patrimonializados. Atualmente, o IPHAN conta com um corpo técnico reduzido e alguns de seus tombamentos e registros são terceirizados promovendo uma desconexão do órgão e dos detentores no processo de registro. Ainda que a patrimonialização moderna inclua novas vozes do passado, ela ainda não a faz de forma crítica, quanto ao papel do estado em salvaguardar.

A atual área da cidade de Santana de Parnaíba conserva esses patrimônios e suas fronteiras e ainda que parte desse território tenha se tornado freguesia, vilas e cidades, o município conserva patrimônios nos três níveis da classificação: materiais/imaterial/natural. O período de protagonismo pode ser destacado entre 1590 a 1750, onde o projeto mineralógico vai fazer emergir a Vila de Parnaíba, surgindo na fronteira uma centralidade na ocupação do território, a nova Vila de Parnaíba rivalizaria com São Paulo e a principal disputa está nos indígenas dos aldeamentos de Barueri. Atualmente a Serra do Voturuna tem inúmeros impasses e litigiosidade de terra, resultando em ocupações irregulares. A urbanização transforma a paisagem. O passado e o presente marcado por conflitos fundiários.

A ciência geográfica possibilitou dois importantes movimentos no olhar, o primeiro de calibrar a escala, compreender melhor essas conexões e malhas que suplantam as fronteiras físicas. O segundo movimento estas fronteiras físicas, a formação do estado-nação, a construção da identidade e a patrimonialização de bens com valores artísticos e históricos para o Estado.

No Caso da Serra do Voturuna um patrimônio natural foi possível constatar o envolvimento e conhecimento da população local acerca dos patrimônios, um potencial para o desenvolvimento da educação patrimonial e uma vocação para o município de Santana de Parnaíba. A preservação da Serra demanda uma política de integração do patrimônio material/imaterial/natural e seus moradores, mas que de acordo com os documentos de tombamentos e registros dos patrimônios analisados ficaram às margens da proposição e indicações de salvaguarda para esses patrimônios. Assim como a história indígena foi silenciada, esses moradores também não foram ouvidos. Destaca-se o fato da preservação desses patrimônios passar

pela relação com a paisagem e seus valores simbólicos, compreendê-los integrados à paisagem nos ajuda a contar a história da Serra do Voturuna.

O passado colonial possui o papel de unir todos esses patrimônios da antiga Vila de Parnaíba, hoje é fronteira entre as cidades de Pirapora do Bom Jesus, Araçariguama e Santana de Parnaíba, condição que dificulta uma política ambiental entre os três municípios, tornando frágeis as medidas de proteção estabelecidas pelo tombamento da Serra do Voturuna pelo CONDEPHAAT. Mesmo que parte da Serra em Santana de Parnaíba seja chamada de “Morro Negro” pela presença de Mata Atlântica, ao lado de Pirapora do Bom Jesus a Serra é o “Morro Branco”, o nome é referente a mineração que desconfigurou totalmente essa parte da serra.

O mesmo acontece com os patrimônios dos municípios, quando não os analisamos em conjunto e como resultado do período colonial, corremos o risco de desconfigurar e silenciar narrativas indígenas e negras utilizando fronteiras, inexistentes no início do povoamento.

A Serra do Voturuna teve descobertas recentes de cerâmicas indígenas às margens do rio Tietê no Bairro do Cristal Parque, assim como os fornos, moinho de trigo e capelas de pedra são indícios e vestígios dessa história indígena e negra na região da Serra do Voturuna. Cabe aos órgãos como o IPHAN reconhecer a área como um sítio arqueológico e desenvolver uma série de estudos na região que certamente jogará luzes na história colonial brasileira.

Antes de ser apropriada para fins econômicos de exploração mineral, a Serra do Voturuna era território dos povos originários nômades que ali habitavam por períodos, outros que migraram. Povos negros e indígenas que fugiam das fazendas e fundavam aquilombamentos, apropriada por esses povos a Serra do Voturuna se constitui como um patrimônio de valor simbólico fundamental para a história de resistência e luta desses povos.

O mito da democracia racial e o racismo denegado como bem conceitua Lélia Gonzales, impera sob as relações raciais construídas na América Latina, isto é, a negação do racismo enquanto uma ferramenta sistematizada e estruturante das relações sociais, políticas e econômicas nos países que passaram pelo processo de colonização, enquanto sistema sustentador dos privilégios da branquitude, é agente responsável por manter a invisibilidade dos valores dos povos não brancos.

Considerando o processo de migrações indígenas e da diáspora africana durante o período colonial que levou a formação do que compreendemos como

Brasil, o conceito de “América” que Lélia Gonzales inseriu em suas reflexões sobre as relações raciais no Brasil, nos sugere criticamente a refletir que desconsiderar as contribuições materiais e imateriais dos indígenas e negros na formação socioespacial é fazer uma análise anacrônica e racista da história do Brasil.

A Serra possui um acervo rico em contos e histórias que permitem refletir sobre o racismo, os relatos do imaginário popular e das quadrinhas de Samba de Bumbo nos mostram isso.

Contudo, as medidas de proteção e salvaguarda são paliativas frente ao desenvolvimento urbano e a falta de uma educação patrimonial/decolonial. É necessária a analogia entre os patrimônios materiais/imaterial/natural, para compreensão da sua totalidade, onde o conjunto de patrimônios contam a história dos lugares. Mesmo com o fim da colonização, a ideologia eurocêntrica e racista continuou a determinar o imaginário social, e a identidade dos povos não brancos através da colonialidade de suas estruturas.

7. REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N.. **Parecer Técnico para o Tombamento da Serra do Boturuna**. In: Estudo do Tombamento da Serra do Boturuna (habitualmente chamada de Voturuna) em Santana de Parnaíba. São Paulo: CONDEPHAAT, 1982.
- ALMEIDA, F. M. **Fundamentos Geológicos do Relevo Paulista**. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1974.
- ANDRADE. **O samba rural paulista**. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, ano IV. vol. XLI.: Departamento de cultura, 1937.
- AYROSA, P. **Primeiras noções de Tupi**. Apontamentos para a Bibliografia da língua tupiguarani. In: Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo 1933.
- BARCELOS, J. **Araçariguama-do Ouro ao Aço**. 2 Edicon+Grupo Granja EDICON Araçariguama. 2018.
- BARCELOS, J. **Piabiyu: o velho caminho americano**. Edicon+Grupo Granja, 2005.
- BARTHOLL, T. **Por uma geografia em movimento: A ciência como ferramenta de luta** - Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- BENEDITO, D. M. B. **O samba de bumbo de Santana de Parnaíba-SP e a educação na perspectiva decolonial**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2020.
- BOSI, A. **"A Arqueologia do Estado-Providência".In *Dialética da Colonização***. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- CALDEIRA, J. **O banqueiro do sertão: Padre Guilherme Pompeu de Almeida**. São Paulo: Mameluco, 2006.
- CAMARGO, MONS. P. F. da S. **História de Santana de Parnaíba**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971.
- CHMYZ, I.; CHMYZ, J.C.G.; BROCHIER, L.L. **Relatório de levantamento dos bens arqueológicos associados às ruínas de Ciudad Real del Guayrá**. Curitiba, março de 1999.

CHMYZ, I. **Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri.** Dédalo, São Paulo, n.13, p.7-36, 1971.

CONDEPHAAT. **Estudo do Tombamento da Serra do Boturuna** (habitualmente chamada de Voturuna) em Santana de Parnaíba. (Processo n. 22328/82). São Paulo: CONDEPHAAT, 1982.

COSTA, L.. **Arquitetura Jesuítica no Brasil.** Revista do SPHAN. Nº 5. Rio de Janeiro. 1945.

DICK, M. V. P. **Aspectos genéricos da Toponímia indígena e sua distribuição linguística.** Boletim Paulista, V. 32, São Paulo, 1981.

DELTONI, S. F.. **Evolução do uso do solo e da cobertura vegetal na região da Serra de Boturuna,** Estado de São Paulo Revista do Departamento de Geografia, 2010.

ECHEVERRÍA, Bo. **La modernidad de lo barroco** UNAM. Ediciones Era, México, D. F. 1998.

ELLIS Jr., **Raça de gigantes. – A evolução no Planalto Paulista.** 1ª Edição. Com Prefácio de Afonso de Taunay. São Paulo: Editorial Hélios Limitada – Novíssima, 1926.

ELLIS Jr. **O bandeirismo paulista e o recúo do meridiano.** 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

ELLIS Jr. **Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento Euroamericano.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GELLER. O. E. **O contestado entre Santa Catarina e o Parana:** uma questão de limite territorial dos limites da nação, dissertação de mestrado Passo fundo 2006.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). p. 69-82,1988.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade** - Rio de Janeiro :v Bertrand Brasil, 2004

HOLANDA, S. B. de. **Índios e mamelucos na expansão paulista.** Anais do Museu Paulista, tomo XIII, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado , 1949.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRIO ARTÍSTICO NACIONAL. **Nº Processo 0222-T**

Livro Belas Artes Nº inscr.: 295 ;Vol. 1 ;F. 051 ;Data: 19/02/1941 Livro Histórico Nº inscr.: 154 ;Vol. 1 ;F. 026 ;Data: 19/02/1941.

KOK, G. **O Sertão itinerante**, Expedições da Capitania de São Paulo no Século VIII, Ed. HUCITEC, SP, 2004.

KOK, G. **A presença indiígena nas capelas da capitania de São Vicente**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 45, 2011.

KLOSTER W, e SOMMER, F : **Ulrico Schmidl no Brasil . Quinhentista**, Volume I -1942

LEME, P. **História da Capitania de São Vicente**, Pedro Taques de Almeida Pais Leme Edições do Senado Federal – Vol. 25 . 2004.

MANZATTI, M. **Samba paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o samba de bumbo ou samba rural paulista..** 2006. 377 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARCELINO, M. M. **Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo**. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARQUES, M, E, de A,. **Apontamentos históricos, geográficos, biológicos, estatísticos e noticiosos da província de São Paulo**. vol. II, São Paulo: Martins, 1954.

METCALF, A. **As famílias da elite de Santana do Parnaíba e a estrutura social do século XVIII**. Seminário Permanente de Estudo da Família e da População no passado Brasileiro. São Paulo, IPE/USP/ANPUH, 1987.

MONTEIRO, M. J. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. Companhia das Letras, 1994.

MORAES, C. **Indefinição limítrofe e estratégias territoriais nos confins da bacia Platina** *Terra.Brasilis*, 2019

PARELLADA, C. I. **Arqueologia do vale do rio Piquiri**, Paraná: paisagens, memórias e transformações Revista Memorare, UNISUL, v.1, n.1, p.24-42, 2013.

PEREIRA, D. C.. **Paisagem como patrimônio: entre potencialidades e desafios para a**

implementação da Chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018.

PETRONE, P. **Aldeamentos Paulistas.** EDUSP. São Paulo, 1995.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 2000. A produção do novo e do velho na historiografia, (2000).

PREZIA, B.A.G. **Os Guaianá de São Paulo:** uma contribuição ao debate. Rev do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 8: 155-177, 1998.

QUIJANO, A. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas 1.Ed, CLACSO, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

RICARDO, C. **Marcha Para Oeste.** 4 edição. Coleção documentos Brasileiros. Editora da Universidade de São Paulo. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1970.

SALGADO, P. **A voz do oeste.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 1996. - 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M., M. **Sociedade e espaço:** a formação social como teoria e como método, Boletim Paulista de geografia, nº 54, 1977.

TAUNAY, A. **História geral das bandeiras paulistas** 1ª edição. São Paulo: Typ. Ideal, 1924.

TAUNAY, A. **O tempo bandeirante e São Paulo vila e cidade.** Ensaio paulista. São Paulo: Anhambi, p. 629, 1958.

YADE, J. M. **Vozes e territorialidades no pós-abolição: histórias de famílias e resistência identitária – O caso do Cururuquara.** 2015. 252f. – Tese Doutorado, Fortaleza (CE), 2015.